

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Camila Fontenele de Miranda

SÓ A ÁGUA SUSTENTA O NOSSO PESO

Sorocaba

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Camila Fontenele de Miranda

SÓ A ÁGUA SUSTENTA O NOSSO PESO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos como exigência para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana. Área de Concentração: Condição Humana na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa 2: Desigualdades e Diferenças no Contemporâneo.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Viviane Melo de Mendonça

Financiamento: CAPES

Sorocaba

2023

Figura da capa

Autoria: Camila Fontenele de Miranda

Título: Migração

Ano: 2022

Série: Camuflagem para descansos

Técnica: Desenho digital

Miranda, Camila Fontenele de

Só a água sustenta o nosso peso / Camila Fontenele de
Miranda -- 2023.
123f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Viviane Melo de Mendonça
Banca Examinadora: Jorge Leite Jr., Elton Bruno Soares
de Siqueira
Bibliografia

1. Estudos do corpo gordo. 2. Speculative fabulation. 3.
Mamíferos marinhos. I. Miranda, Camila Fontenele de.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

CAMILA FONTENELE DE MIRANDA

SÓ A ÁGUA SUSTENTA O NOSSO PESO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana. Sorocaba, 1 de março de 2023.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Viviane Melo de Mendonça

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Examinadores

Prof. Dr. Jorge Leite Jr.

Universidade Federal de São Carlos – *campus* São Carlos

Prof. Dr. Elton Bruno Soares de Siqueira

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Dr. Anderson Luiz do Carmo

Universidade do Estado de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Camila Fontenele de Miranda, realizada em 01/03/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

Prof. Dr. Elton Bruno Soares de Siqueira (UFPE)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Esta dissertação possui a coautoria dos Mamíferos Marinhos, classificados na infraordem de Cetáceos, palavra derivada do grego *ketos* que significa monstro marinho.

Dedico este trabalho para as mamíferas
corpulentas que habitam o mundo
radicalmente.

AGRADECIMENTOS

Um dia escutei que mesmo que a gente continue se deslocando por inúmeras travessias, o que poderia dar a sensação de não-lugar, era importante reconhecer certos processos como chegada. Acredito que mesmo que me falte uma nomeação de lugar, isso não deixa de ser uma chegada. Talvez as baleias tenham a mesma sensação quando migram ou quando sobem e descem para respirar, enunciando sua aparição. Sobretudo, creio que o achegamento seja uma possibilidade de estar. E eu estou aqui. Então fico mais um pouco, antes de tomar um grande fôlego para rumar diante de uma nova passagem. Desde sempre soube que esse não seria o fim. Pelo contrário, é a abertura de um portal que ainda me levará muito mais longe e modificará as minhas rotas.

Esta dissertação marca a ruptura de muitas coisas em minha vida. Fui atravessada pelo falecimento da minha avó materna, Nazaré, seguida de uma frustração profissional, marcada pelo declínio. O relacionamento abusivo de uma amizade que desembocou em uma dolorosa mudança de casa. O falecimento da minha outra avó, Wilma, e do padrasto do meu pai, Joel. A perda de pessoas queridas na pandemia devido à Covid-19. O adoecimento e as sequelas, entre elas o cansaço extremo e falhas na memória. Para ajudar, tudo isso em um cenário político genocida. Como diz Jota Mombaça, *o Brasil é uma ameaça de morte*.

Além disso, elaborar esta pesquisa em um programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos da condição humana tem seus inúmeros prazeres, complexidades e desafios. Acredito que sem o aporte e acolhimento da minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Viviane Melo de Mendonça, seria inviável. Por isso, agradeço a ela de todo o meu coração a oportunidade de escrever um trabalho multiespécie/interespécie em um ambiente onde muitos diziam quererem sair mais “humanos”. A coautoria dessa pesquisa, apesar dos padrões de avaliação não permitirem que o nome seja inserido na segunda folha, é dos mamíferos marinhos. Viviane não só respeitou a minha estranha beleza, selvageria, desobediência e raiva, que delineia cada linha desse trabalho, como também me instigou a confiar nos meus instintos aquáticos e na minha desordem (©). Acolhendo as minhas especulações e lavando as minhas feridas com sal. Nossas conversas se tornaram azuis, untuosas e imensas.

Minhas aliadas também tiveram um papel importante na minha permanência no espaço acadêmico que, mesmo com as políticas de cotas, nunca está plenamente preparado para a potência de nossas presenças. Dado isso, estendo meus agradecimentos para as minhas companheiras da UFSCar Daiana Moura, Eduarda Caciatori, Janaína da Silva, Natália Santos, Fabíola Jardim e Pâmela Baena, responsável pela atenta revisão e formatação deste trabalho.

As alianças são extremamente relevantes, mesmo que, muitas vezes, pareça que estamos sozinhas à deriva. Dessa forma, as pessoas que seguraram a minha mão nesse caminho ultrapassam o espaço institucional, sendo elas: Rosa Maria Fontenele de Miranda (minha mãe), Ricardo Baptista de Miranda (meu pai), Noah Fontenele de Miranda (meu irmão), Janaú, João Simões, Tatiana Cruz, Debhora Zauhy, Lucas Moraes, Carol Angelo, Renata Sampaio, Sttefania Mendes, Dani Sampaio, dentre tantas outras que estiveram *perto-longe* durante esse período.

A escolha da minha banca passou por diversas negociações e alterações, até chegar na presente configuração. Dessa forma, gostaria de agradecer profundamente ao Prof.^o Dr.^o Jorge Leite Jr., ao Prof.^o Dr.^o Elton Bruno Soares de Siqueira, ao Prof.^o Dr.^o Geraldo Tadeu Souza e ao Dr.^o Anderson Luiz do Carmo pela disponibilidade, porosidade e respeito diante da minha pesquisa. Conseqüentemente, quero estender esse agradecimento às pessoas que convidei para a minha banca, mas que por diversos motivos não puderam estar, sendo elas a Prof.^a Dr.^a Rosalina Burgos, a Prof.^a Dr.^a Rosana Batista Monteiro, a Dr.^a Jussara Belchior e a Prof.^a M.^a abigail Campos Leal, sem dúvidas a contribuição dessas pessoas também foi extremamente importante para o meu trabalho.

Por fim, destaco a relevância de ter sido bolsista durante o meu último ano de mestrado, pois, apesar do baixo aporte financeiro e da falta de direitos trabalhistas, receber o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) possibilitou-me executar esta pesquisa com maestria e prioritária dedicação. Até então, eu acreditava que não tinha capacidade de conseguir vaga em uma universidade federal. Pode parecer pouco, mas normalmente são os alunos pobres que ocupam muitas das vagas em universidades particulares por falta de oportunidade. Com isso, acumulam enormes dívidas de mensalidades abusivas de um ensino pouco significativo e crítico, sempre favorecendo os interesses capitalistas e neoliberais. Isso não significa que não tive bons professores, mas certamente estar aqui, mesmo com todos os sabores e dissabores, mudou a minha forma de estar no mundo.

Corpo e água não são *duas coisas diferentes*
— eles estão mais do que *próximos ou lado a*
lado. Eles são a mesma coisa — corpo, ser,
energia, oração, corrente, movimento,
remédio.

Trecho do poema “A primeira água é o corpo”
de Natalie Diaz (2022, p. 64).

RESUMO

Apesar dos esforços dos(as) pesquisadores(as), os estudos sobre o corpo gordo no Ocidente, principalmente nos dias atuais, muitas vezes são reduzidos em constatações apenas sobre a saúde e a beleza, escondendo uma herança colonial e imperial. Oculta-se que o ódio da gordura no Ocidente, mais tardar nas Américas, tem relação com as leituras que os europeus faziam dos povos não-ocidentais, especialmente africanos. Embora a barriga do burguês europeu coexista nessa historicização, onde foi meramente projetada uma “imagem positiva” da gordura e um certo privilégio para aqueles que as tinham, ainda que houvesse muitas ressalvas, rapidamente a adiposidade passou a ser compreendida como um defeito (algo moralmente errado) até a sua efetiva patologização. Logo, incorreu-se ao também desenvolvimento das políticas de anti-gordura que caminham com as políticas de anti-negritude. Isso porque a imaginação colonial, herança da época das navegações conduzidas por viajantes, etnógrafos, médicos, artistas, antropólogos, foi (ainda é) atualizada, distorcendo a perspectiva de um corpo que existe para além das dicotomias. Ignora-se que a gordura, por si só, é substância ambígua e complexa, pois as ficções de poder no projeto civilizatório de corpo a conjugam em um único tempo: passado. Ou seja, a existência da gordura necessita ser exterminada devido a um ideal de humano de uma certa cor localizado em uma nação à altura. À vista disso, essa pesquisa multiespécie/interespécie perpassa pelo questionamento e tensionamento das ficções de poder na qual estamos inseridas. Conseqüentemente, se o corpo gordo é uma vida a ser aniquilada, como podemos reimaginar nossa *presença*? Se a gordura é ambígua, em compreensão e forma, conseguiríamos por meio dela moldar *futuros*? Seria possível imaginar radicalmente o corpo gordo através das baleias? Apesar de recorrer ao arcabouço teórico-metodológico proposto pelas teóricas feministas Donna Haraway, na “*Speculative Fabulation*”, e Gloria Anzaldúa, em “*Nepantla*”, para conjecturar possibilidades diante dessas indagações, os procedimentos que atravessam essa pesquisa são esboços de práticas escorregadias, informadas pelas escritas azuis e pretas que intercorrem a intimidade dos mamíferos marinhos e das gentes gordas. Portanto, diante da *impossibilidade* de síntese, essa investigação manifesta que escrutinar sobre o corpo nunca é um processo linear, muito menos individual. Por fim, ao enunciar que *só a água sustenta o nosso peso*, sugere-se que essa “sustentação” seja compreendida além do gesto de deslocamento do corpo gorduroso na água, e sobretudo se conecte com o retorno de ser mamífera, selvagem e aquática, mesmo habitando (por maior tempo) o ambiente terrestre.

Palavras-chave: estudos do corpo gordo; *speculative fabulation*; mamíferos marinhos; oceano; ficções de poder.

ABSTRACT

Although the efforts of researchers in the fat studies in the west, especially nowadays, these studies are often reduced to findings only on health and beauty, hiding a colonial and imperial heritage. It is concealed that the hatred on fatness in the west, later in the Americas, is related to the readings that Europeans had about non-western peoples, especially Africans. Though the belly of the European bourgeois coexists in this historicizing, where a “positive image” of fatness was merely projected and a certain privilege for those who had it, even though there were many reservations, adiposity quickly came to be understood as a flaw (something morally wrong) until its effective pathologization. Therefore, the development of anti-fatness politics that go hand in hand with anti-blackness politics. That's because the colonial imagination, heritage from the era of navigation abroad conducted by travelers, ethnographers, doctors, artists, and anthropologists, was (and still is) updated, distorting the perspective of a body that exists beyond dichotomies. It is ignored that grease is an ambiguous and complex substance since the power fictions in the civilizing project of the body conjugates it in a single tense: the past. In other words, the existence of fatness needs to be exterminated due to an ideal of a human being of a certain color situated in a measured up to nation. Hence, this multispecies/interspecies research permeates the questioning and tensioning of the power fictions in which we are inserted. Consequently, if the fat body is a life to be annihilated, how can we reimagine our presence? If grease is ambiguous in understanding and form, would we be able to shape futures through it? Would it be possible to radically imagine the fat body through whales? Although resorting to the theoretical-methodological framework proposed by the feminist theorists Donna Haraway, in *Speculative Fabulation*, and Gloria Anzaldúa, in *Nepantla*, to conjecture possibilities in the face of these questions, the procedures that cross this research are outlines of slippery practices, informed by the blue and black writings that intersect the intimacy of marine mammals and fat people. Thus, given the impossibility of synthesis, this investigation shows that scrutinizing the body is never a linear process, much less an individual one. Finally, when stating that *only water sustains our ponderosity*, it is suggested that this “support” is understood beyond the gesture of displacing the fat body in the water, above all, it connects with the return of being mammalian, wild, and aquatic, even inhabiting the terrestrial environment for a longer time.

Keywords: fat studies; speculative fabulation; marine mammals; ocean; power fictions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Baleia jubarte faz viagem de 5 mil km com a coluna quebrada	30
Figura 2 - Baleia-cinzenta sem cauda fotografada em 1997, em Laguna San Ignacio.....	31
Figura 3 - Arte impressa em mídia outdoor ao lado da Atlantic Boulevard em Jacksonville, Flórida, EUA, 2009	40
Figura 4 - “Polisarcia in Abissina. Cuscinetto Posteriore in Africane”, página do livro de Cesare Lombroso e G. Ferrero, 1893	51
Figura 5 - As estatuetas de Vênus da Era Paleolítica Europeia.....	53
Figura 6 - Um cartaz para a exposição Vênus Hotentote em Londres, que teria sido afixado nas ruas para anunciar a exposição, 1800	57
Figura 7 - Presente da Sra. William Martine Weaver, espartilho, final da década de 1760. Seda, linho, couro, madeira e barbas de baleia	61
Figura 8 - Caricatura “amarrando um dândi”, do artista George Cruikshank, 1819.....	62
Figura 9 - Publicidade para o “Coraline Corset”, de Warner Brothers, 1885	64
Figura 10 - Comprimidos para emagrecer, peça publicitária de 1927	67
Figura 11 - Navio atracado em uma baleia confundida com uma ilha em bestiário do início do século XIII.....	71
Figura 12 - Navio de St. Brendan nas costas de uma baleia, e seus homens rezando, na navegação Nova typis transacta de Honorius Philoponus, 1621	73
Figura 13 - Baleia jubarte encontrada morta em área de mata no Pará, 2019.....	79
Figura 14 - Baleia-minke com ribeirinhos, foto do arquivo pessoal do Seu Azulai, da aldeia tupinambá de Jaguarituba, 2007	80
Figura 15 – Imagens do resgate da baleia jubarte em Búzios, 2017	83
Figura 16 - Laura Aguilar, “In Sandy Room”, 1989. Impressão em gelatina prateada, 42 x 52 polegadas	86
Figura 17 - Laura Aguilar, “Nature Self-Portrait #2”, 1996. Impressão em prata gelatinosa, 35,6 × 48,4 cm.....	88
Figura 18 - Laura Aguilar, “Motion #58”, 1999. Impressão em prata gelatinosa, 36 × 47,6 cm	89
Figura 19 - Laura Aguilar, “Grounded #107”, 2006. Impressão a jato de tinta, 29.6 x 40.7 cm	91
Figura 20 - Laura Aguilar, Untitled, 2007. Impressão com pigmento, 43,1 x 55,8 cm, 43.1 x 55.8 cm	92

Figura 21 - Técnica de caça das baleias jubarte	96
Figura 22 – Remolinos de Glória Anzaldúa	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FMI	Fundo Monetário Internacional
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBJ	Instituto Baleia Jubarte
ONG	Organização não-governamental
PCD's	Pessoas com Deficiência
PETA	People for the Ethical Treatment of Animals
PNAS	Proceedings of the National Academy of Sciences
SF	Speculative Fabulation
¡TRA!	Trabalho Remoto Adiposo / Técnicas para Retardar a Antecipação

SUMÁRIO

TUDO CORPO TEM UMA HISTÓRIA E UM HISTÓRICO	15
CAUDA	28
VIAGEM GORDUROSA	29
SALVE AS BALEIAS	40
A RACIALIZAÇÃO DA ADIPOSIDADE	48
SAARTJES BAARTJES, A VÊNUS HOTENTOTE	55
A GORDURA DO EUROPEU	59
BARRIGA	69
BALEIAS MONTANHOSAS	70
AS GENTES E A APARIÇÃO DE BALEIAS: TRÊS CASOS BRASILEIROS	78
O SUPER VISÍVEL E O INVISÍVEL EXTREMO DOS CORPOS GORDOS: AS PAISAGENS ENGORDURADAS DE LAURA AGUILAR	85
ESPIRÁCULO	94
CORPOS D'ÁGUA	95
COMO ESCREVER UMA COISA IMPOSSÍVEL DE SÍNTESE?	107
REFERÊNCIAS	114

TODO CORPO TEM UMA HISTÓRIA E UM HISTÓRICO¹

Lembro-me principalmente da fase escolar, onde pessoas gordas, como eu, foram (e ainda são) chamadas “pejorativamente” de *baleia*, *hipopótamo*, *porco*, *vaca* e/ou *elefante*. Quem viveu na época em que *Free Willy* (1993) — o filme sobre a “baleia” orca² — passava na Sessão da Tarde da Rede Globo de Televisão quase toda semana, compreende esses xingamentos e até gestos mais ofensivos. Inclusive, recordo-me de uma situação em que fui ao banheiro e, ao voltar, meus colegas e o professor de Química combinaram de acarretar um “tsunami humano” quando me sentasse, informando-me que a minha gordura provocava desequilíbrio no ambiente das pessoas “normais e saudáveis” da minha idade.

O amor e ódio pela comida, assim como o incômodo com a barriga protuberante, tornou-se pior na adolescência. Comia e me sentia culpada. Tentava caber nas calças jeans de cintura baixa manequim 38. Sentia-me exausta por não carregar em meu corpo a feminilidade e a humanidade que todos solicitavam. Por isso, comecei a fazer (e seguir) aquelas dietas que saem em revistas de fofoca (“chá seca barriga”, dieta Dukan, dieta da sopa, *etc.*) e a qualquer resultado de emagrecimento eu recebia elogios de incentivo para continuar, porque para emagrecer “basta querer”, ter “disciplina” e “esforço” para vencer. O caminho entre o **engordar-emagrecer-engordar-emagrecer-engordar** foi imensamente longo, até que resolvi me relacionar com a comida, as roupas e, principalmente, com o meu corpo de forma diferente. E isso não tem nenhuma conexão com “empoderamento”, pois o mundo me lembra todos os dias que sou inadequada. Descrevo esse gesto como um pacto de continuar viva — *apesar de tudo* — independente da minha gordura.

A fotografia, presente na minha vida desde 2006, profissionalmente desde 2012, auxiliou-me no processo (e na importância) de *desconfigurar* minha percepção de corpo, beleza e feminilidade. Inclusive, esta pesquisa acontece — antes de tudo — na área das artes visuais e performáticas, na concepção do vídeo performance “Eu, Baleia”³ (2018) e a série de desenhos “Camuflagem para Descansos”⁴ (2020, 2022). Como consequência desses interesses, acompanhei a trajetória artística de mulheres gordas e conheci o trabalho da artista Fernanda Magalhães [1962]⁵, que desenvolveu performances importantíssimas em relação ao próprio

¹ Menção ao livro “FOME: Uma autobiografia do (meu) corpo” (2013), de autoria da escritora Roxane Gay.

² As Orcas, apesar de serem chamadas de baleias, são golfinhos.

³ O vídeo performance pode ser assistido no Vimeo, disponível em: <https://vimeo.com/323333232>

⁴ A série pode ser consultada no site: <https://www.camilafontenele.com/camuflagem-para-descansos>

⁵ As datas entre parênteses referem-se à data de nascimentos dos autores e, se for o caso, de falecimento, com a intenção de evidenciar o diálogo entre diferentes gerações aqui produzido.

corpo; tardiamente tive contato os incríveis autorretratos da fotógrafa chicana Laura Aguilar [1959-2018] e da estadunidense Nona Faustine [1977]; participei de alguns encontros com a militância gorda, assim como as reuniões de autocuidado para mulheres gordas e negras promovido pelo grupo Zona Agbara e, também, dos Ciclos de Estudos Engordurados da ¡TRA!⁶.

O acúmulo desses deslocamentos (e acessos), em sua maioria virtuais, foram importantes para a corporificação desta pesquisa. Senti os incômodos de ser uma das poucas participantes não-brancas dos encontros e sobretudo percebi como algumas pessoas delineavam a luta anti-gordofobia apenas com base em seus próprios *corpos-espelhos*, ou seja, por uma perspectiva branca, classista e, muitas vezes, heteronormativa. Porém, também houve a oportunidade de conhecer e conversar com muita gente atenta e sensível às sutilezas e variações existentes no mundo. Pessoas que me ajudaram a perceber que, como gordas, podemos desejar e especular espaços de aparição e desaparecimento, sem estar, necessariamente, imersas no que a sociedade determina como visível ou invisível.

Apoiada nisso, *reencontrei* as baleias em sonhos antigos, não mais pelas línguas daqueles que não sabiam que dizer *baleia* era feitiço. As encontrei indisciplinadas e com gestos desobedientes entre a profundidade das águas e a superfície ondulada. Alguns insistem em dizer que elas são grandes, mas dóceis. Elas são grandes e incrivelmente selvagens. Dessa forma, são elas que contam sobre a gordura presente neste trabalho. Nossa gordura se funde entre a violência de nossas histórias, mas, sobretudo, pela potência de nossas especulações. Para tanto, ao contrário do baleal, eu hesito em começar a escrita multiespécie/interespécie que perpassa pelo âmago do meu estômago e das gorduras que habitam a minha protuberante barriga. Hesito por saber que o corpo gordo que trago nessa pesquisa é composto por complexidades inesgotáveis. Talvez, *impossível* de síntese. Hesito estrategicamente antes de *ar/riscar* uma forma para a adiposidade. Inclusive, mais adiante, espero que essa forma *ar/riscada* no início se desfaça para *estar outra coisa* no mundo. *Estar outra coisa* que não seja limitada (e nem corroída) pelo *desejo de tornar-se* humano, ou tão somente arraigado na monstruosidade, categoria onerosa para pessoas como nós: gordas, não-brancas e dissidentes de gênero.

Essas palavras, que também são carnes gordurosas, fogem para a radicalidade daquelas que se encontram vivas, *apesar do* abismo-mundo e dos destroços que machucam a pele. Elas,

⁶ ¡TRA! é a sigla para “Trabalho Remoto Adiposo” e “Técnicas para Retardar a Antecipação”, projeto proposto por Jussara Belchior e Anderson do Carmo, ambos artistas da área da dança e da performance. É possível conhecer mais sobre o projeto ¡TRA! através do Instagram do projeto, disponível em: <https://www.instagram.com/trabalhoremotoadiposo/>

as palavras-gordurosas, buscam a tentativa de desordenar o humano. O líder indígena, filósofo e escritor Ailton Krenak [1953], no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), diz que

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? (KRENAK, 2019, p. 57)

E quando penso nessa *ruptura*, navego pela mesma força da explosão corporal de uma cachalote no meio de uma rua movimentada em Taiwan, na China, onde sangue e despojos alçaram voo e inundaram pessoas e o ambiente urbano, impossibilitando por horas o tráfego de veículos (THAR SHE BLOWS!, 2004). Ou pelo quanto acharam uma boa ideia explodir com dinamites uma baleia encalhada nos EUA, nos anos 1970, e essa façanha foi registrada por uma TV: a carne da baleia detonada poderosamente amassou até o teto dos carros que estavam próximos ao local. Ainda sobre explosões, um homem nas Ilhas Faroé foi surpreendido pela arrebatção enquanto rompia o estômago de um cachalote. O quão preparadas estamos para o encontro colossal com uma baleia? Apesar dos costumes, normalmente grafados nas pesquisas depois de muito tempo de observação desse animal, mesmo que se tenha rastros de sua *presença*, os mamíferos marinhos mudam constantemente suas coreografias de vida.

Os corpos fronteiriços desencadeiam *formas* ⇔ *desformas* pertencentes ao campo do indizível e bagunçam a organização da normatividade. São *imprevisíveis*. E isso acontece porque a norma tem *medo* daquilo que *se move e tem vida*. Por isso, ela necessita capturá-lo e submetê-lo na sua ficção de estabilidade, de controle, progresso, inominada sob a própria claridade. No entanto, antes de ser norma, prontamente alva, precisou ser inventada. Dessa forma, como colocado pela artista interdisciplinar Jota Mombaça [1991], em seu livro “Não vão nos matar agora” (2021), são

As ficções de poder específicas e os sistemas de valores que operam no feitiço deste mundo e seus modos de atualização dominantes. Nessa chave, o monopólio da violência tem como premissa gerenciar não apenas o acesso às técnicas, às máquinas e aos dispositivos com que se performa a violência legítima, mas também as técnicas, as máquinas e aos dispositivos com que se escreve a violência, os limites de suas definições. Esses dois processos de controle se implicam mutuamente e dão forma a uma guerra permanente contra as imaginações visionárias e divergentes — isto é: contra a habilidade de pressentir, no cativo, que aparência têm os mundos em que os cativos já não nos comprimem. (MOMBAÇA, 2021, p. 67)

As histórias das baleias são múltiplas. São histórias atravessadas pela transmutação, pelo segredo, pelo conflito, pela violência, mas, sobretudo, pelas especulações que as deslocam do extermínio para a vida. Baleias são implicadas no mundo. E mesmo que elas sejam misteriosas, são porosas. Dessa forma, não as cabe serem reduzidas na linha do tempo que as

inserir no paralelo: caça indígena → monstros marinhos (aos olhos dos homens de Deus, mas bons produtos na terra) = caça comercial → monstros, porém dóceis → espetacularização (exemplo, orcas no Sea World) → vítimas = proteção → espetacularização (exemplo, turismo de observação de baleias) (QUIROZ, 2020). Mesmo nessa linearidade imposta, que aparenta ser um “progresso”, pois se desloca do “extermínio” para a “proteção”, existem camadas complexas das vidas desses animais marinhos e também das pessoas que foram/são atravessadas direta ou indiretamente. E são essas camadas de complexidade que me interessam ao confrontar as ficções de poder que permeiam as baleias e o corpo gordo.

A dissertação não é dividida por capítulos, pois não a vejo como um traçado reto e seguro, muito menos separado. Mas sim como uma espécie de travessia que, mesmo em sua *chegada*, não é o *fim*. Portanto, é descanso, respiro e a continuidade das nossas *vidas-fronteiriças*. Invisto na tentativa de administrar no conteúdo possibilidades de nado ao intercalar escritas azuis e pretas. Com isso, viso como objetivo *imaginar radicalmente o corpo gordo através das baleias*, a intimidade *entre as gorduras*. Porém, assim como o poema da poeta mojave Natalie Diaz [1978], que abre esse trabalho, esse *através* é mais que *próximas ou lado a lado*. Dessa maneira, essa escrita não paralisa na analogia que nos é imposta quando somos chamadas de baleias, visto que, aqui, já sabemos que somos água e baleias, nossos parentes. Além disso, as notas de rodapé excedem o que talvez possamos considerar “aceitável”, visto que são mais de 100. Porém, isso ocorre devido às citações originais em inglês e espanhol, o que, inclusive, informa sobre a falta de acesso a materiais relevantes sobre o assunto em nosso idioma português-brasileiro. No entanto, as notas de rodapé também propõem deslocamentos: pelo idioma estrangeiro, pelas indicações de livros, artigos, páginas específicas e matérias jornalísticas. A pessoa leitora é convidada a compor seu próprio fluxo de decodificação, sobretudo de imaginação.

À vista disso, posiciono a presente dissertação nos espaços-entre: *Cauda, Barriga e Espiráculo*. Não são capítulos, são ambientes de conflito e caos. Conduzo a menção à corporeidade dos mamíferos marinhos como abertura e guia para aquilo que é debatido e, principalmente, para situar a memória do corpo no que também diz a respeito das contradições que nos pertencem enquanto matéria viva. Inicialmente, considereei firmar o meu arcabouço teórico-metodológico somente na *Speculative Fabulation* da filósofa e zoóloga estadunidense Donna Haraway [1944] em conversa com “*Nepantla, El Lugar de la Frontera*” da teórica feminista Gloria E. Anzaldúa [1942–2004]. O encontro entre as duas não seria inédito, visto que elas já o fizeram na Universidade da Califórnia em Santa Cruz (UCSC) em 1988, durante uma aula de Teoria Feminista ministrada por Haraway. A pesquisa-livro de Gloria, onde ela

teoriza *Nepantla*, foi escrita durante essa época e teve Donna Haraway como integrante da banca (ANZALDÚA, 2021). Ambas traçam possibilidades de corporificação para fora da lógica dicotômica (binária), recusando-se ao antropocentrismo. Por esse motivo, são teorias-metodológicas que não sucedem sozinhas, são multiespécies, interespécies e transespécies que acontecem-com seres tentaculares, pombos, bactérias, cachorros, borboletas-monarcas, serpentes, árvores e espíritos invocados por xamãs, são localizadas na pele, na carne, na(s) língua(s), nas *rachaduras* e nas *fronteiras*.

As imaginações/especulações que Anzaldúa e Haraway apresentam, mesmo em suas particularidades e distintas formas de concebê-las, acontecem no *espaço-entre*. Habitar o *espaço-entre* não significa neutralidade ou inércia, pois o *entre* ultrapassa oposições. O *espaço-entre* é estar-com todas as dores, contradições, conflitos e reconhecer as possibilidades de criar re/configurações que expandem nossas perspectivas. Porém, no decorrer da escrita, percebi que a metodologia que intercorre essa pesquisa também relata sobre uma prática do *escorregadio*, do que pode ser *quase incapturável*. O método é informado pela gordura, pelo deslocamento e desvio. Dessa forma, por mais que eu recorra ao que foi produzido por elas, é importante sinalizar que o arcabouço metodológico é, sobretudo, permeado por procedimentos que ainda estão sendo esboçados, de difícil *nomeação*. Portanto, escolhi trazer Haraway e Anzaldúa diluídas e implicadas no presente debate em vez de criar distinções, até porque, ambas, em suas produções, forçam-nos a escapar de definições concretas. É um *espaço-entre* ∞, transitório e suscetível a mudanças.

Com isso, a pesquisa abre caminhos pelo espaço *Cauda*, onde discorro sobre o membro responsável pelo deslocamento das baleias. É no início da viagem gordurosa que sou guiada até as baleias sem cauda e com a coluna quebrada. E esses animais perdem a cauda ou fraturam a coluna por diversos fatores, alguns que, inclusive, poderiam ser evitados, como o caso dos barcos, o emalhamento em redes de pescas. Dessa forma, sobrenado a coluna em forma de S da jubarte Moon, monitorada pela Organização não-governamental (ONG) BC Whales na última década. Em 2022, Moon percorreu cinco mil quilômetros do Canadá até o Haváí com a coluna quebrada e, de certa forma, surpreendeu a ONG que, até então, acredita que ela morrerá pelas especificidades do seu corpo e pela dificuldade que a não movimentação da cauda pode causar. Realmente, a coluna em S, provavelmente causada pelo impacto em uma embarcação de grande porte, ao menos é isso que se acredita, deixa a jubarte mais vulnerável, mas isso não significa que o mar tenha uma normatividade a ser seguida. Dessa forma, a baleia executa a sua migração a nado peito, uma das categorias mais difíceis depois do nado borboleta para os seres humanos.

Junto a Moon, insiro o debate sobre as baleias sem cauda. A princípio, cito o caso da jubarte que teve sua cauda decepada por um barco industrial, em Piçarras, litoral norte de Santa Catarina, no ano de 2020. O ocorrido provocou um grande choque devido ao registro do ato feito pela tripulação e ao vídeo ter circulado na internet. Porém, baleias sem caudas são mais comuns do que imaginamos, seja por ocasiões como essa da jubarte ou por questões desconhecidas, até mesmo de nascimento. À vista disso, perpasso pelas baleias-cinzentas avistadas na Laguna San Ignacio, no estado mexicano da Baixa Califórnia Sul que, segundo pescadores locais, foram avistadas na região nos invernos de 1976, 1989 e 1992. Em 1982, observadores destacaram o avistamento de uma baleia sem cauda acompanhada de um filhote (URBÁN *et al.*, 2004). Posteriormente, em 2015, os passageiros do navio Dana Pride filmaram uma baleia-cinzenta sem cauda no Sul da Califórnia. Porém, não existe comprovação de que são as mesmas vistas em 1976 e nos demais anos. No entanto, na contemplação tanto dos pescadores, dos pesquisadores e dos turistas revelou-se um modo específico de nadar.

Tais questões me levaram para o debate, que se alonga no espaço *Barriga*, sobre a caça, monstrosidade e proteção das baleias. Dessa forma, parto das observações realizada pelo pesquisador Daniel Quiroz em seu artigo “*Sobre monstruos y mercancías: el ‘espectáculo’ de las ballenas en la segunda mitad del siglo xix en el sur de Chile*” (2020). Quiroz nos provoca a alargar (e ir além) da linearidade sobre as histórias das baleias e as insere em um campo vibratório de conflitos. O corpo-fronteiriço impossível de ser compreendido pelo humano. As colocações do pesquisador chileno me instiga a esgarçar as complexidades contidas na baleação colonial e, em seguida, da própria proteção. Assim, insiro alguns elementos trazidos pela pesquisadora Ayasha Guerin ao longo do seu artigo “*Shared routes of mammalian kinship: Race and migration in Long Island whaling diasporas*” (2021). Guerin se debruça em uma análise multiespécie e inter-racial da caça indígena na ilha, situada em Nova York, e o quanto a sabedoria (em relação às baleias, mas não só) dos povos que habitavam tais terras foi cooptada por colonos. Além disso, ela informa que a baleação foi uma estratégia de sobrevivência entre os negros escravizados porque o mar proporcionava um espaço de contraditória segurança, já que muitos forjaram os Certificados de Proteção de Marinheiros, emitido pelo governo em 1796, que situava esses trabalhadores como cidadãos.

No entanto, com o declínio da baleação, os barcos foram utilizados para a mesma função que os navios negreiros. O mesmo porão que transportava baleias mortas era usado para comercializar pessoas. Ademais, Guerin (2021) levanta que os indígenas daquela região ficaram endividados e que, espertamente, os colonos negociaram as terras como pagamento. As lacunas que a pesquisadora preenche, e outras que ela abre, levam-me a refletir sobre a proteção das

baleias. Essa “proteção” defendida por certos grupos de interesse realmente descolam de uma visão antropocêntrica e colonialista? É uma pergunta retórica, mas, para evidenciar sua negativa, percorro alguns casos como a recente “descoberta” de que baleias podem ter um importante papel no enfrentamento da crise climática que estamos vivendo. Heidi Pearson, uma das pesquisadoras responsáveis pelo estudo publicado na *“Trends in Ecology & Evolution”*⁷ (2022) e proliferado entre as mídias, disse à CNN que as baleias, devido ao seu tamanho, quantidade de gordura e expectativa de vida, são benéficas por armazenarem carbono em seu corpo. Pearson chama a atenção para a importância na preservação das baleias por elas, possivelmente, serem uma peça-chave. Porém as colocações da pesquisadora não param por aí, as estratégias também consideram que proteger as baleias é algo lucrativo para as empresas e interessados visto que o valor de uma baleia custa em média dois milhões de dólares, segundo o cálculo realizado pelos economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2019 (RAMIREZ, 2022).

Em seguida, analiso a campanha *“Save the Whales”* (2009) impressa em mídia outdoor, ao lado da Atlantic Boulevard em Jacksonville, na Flórida, da organização antiespecista People for the Ethical Treatment of Animals (PETA). E o que pode ter de errado em uma propaganda que incita a “salvação das baleias” por uma das mais relevantes organizações de proteção ao animal? Lugar, inclusive, que se coloca contra a “supremacia humana”? A campanha, muito questionada na época, não diz respeito diretamente aos mamíferos marinhos, e sim às pessoas gordas. O anúncio, que exibe em letras brancas garrafais *“Save the Whales”*, traz a imagem de uma mulher branca gorda trajada com biquíni vermelho com bolinhas contemplando o mar, logo abaixo a frase *“LOSE THE BLUBBER: GO VEGETARIAN”*. Ou seja, no entendimento da PETA, se as pessoas gordas se tornarem vegetarianas, logo, elas emagrecem. Pior, ao corpo branco estampado no outdoor ela informa o que ele não deve ser, pois é suscetível de salvação. Dessa forma, destrincho que a campanha – implicada na causa de proteção animal – é gordofóbica, misógina e racista. Algo, aparentemente, deixado de lado nos questionamentos da época levantados pelos movimentos feministas.

A animalização dos corpos gordos, de pessoas com deficiência (PcD’s) e negras, não é nada incomum e muito menos inédito. Por conta disso, por meio de Guerin (2021), recorro à crítica que a teórica jamaicana Sylvia Wynter [1928] faz do humano homogêneo. Wynter tensiona a concepção ocidental e eurocêntrica de humano como universal, o “homem”,

⁷ O artigo *“Whales in the carbon cycle: can recovery remove carbon dioxide?”* está disponível online e pode ser acessado através do link: [https://www.cell.com/trends/ecology-evolution/fulltext/S0169-5347\(22\)00279-8](https://www.cell.com/trends/ecology-evolution/fulltext/S0169-5347(22)00279-8)

conduzindo debates importantes sobre a necessidade de desestabilizar radicalmente essas noções. A teórica caminha com Frantz Fanon ao propor “um humanismo radical, que desfaça a confusão entre mapa e território na conceituação da humanidade. Um humanismo que funcione mais como o mistério das marés, e menos como as caravelas que colonizam os mares” (PATERNIANI *et al.*, 2022, p. 18). No entanto, as minhas investidas no conteúdo de Wynter são tímidas, ao contrário da imensa e importante trajetória dela, pois não discuto por miúças seus escritos. Interessou-me trazer alguns dos seus impulsos para se pensar possibilidades que escapem do direcionamento de um único meio: o humano universal, seus gradientes (o sub-humano, desumanizado) e os opostos que permeiam a humanidade (a monstruosidade e o animal como sinônimo de selvageria em contraponto ao ser inteligente e civilizado). À vista disso, mesmo que a categoria humana seja um lugar de negociação, por exemplo, ao “tornar-me humano” tenho (ou deveria ter) o direito de gozar a vida deslocando-me da subsistência, ser reconhecida como humana e não mais como *coisa* ou *objeto*, transformar a minha experiência, porque ainda vivemos em um (dos) mundo(s) construído sob uma visão que insere a figura do humano como central.

Todavia, a projeção que tento fazer não é sobre habitar ou não o humano, apesar da grande curiosidade de experienciar a ruptura dessa categoria como referencial e centro, talvez até do próprio nome, o que poderia ser um tipo de trânsito pelo “humanismo radical” de Wynter, por exemplo, já que muito do que conhecemos e re/produzimos toma parte da super representação do “homem”. O que proponho é uma coreografia que se desloca da necessidade da nomeação fixa, isto é, de obrigar-me a reivindicar o humano em oposto da animalização que me inserem ao tornarem a baleia (vaca, porco, elefante, etc.) como sinônimo de gorda. Inclusive, dentro dessa coreografia, sugiro o desvio de entendimento que projeta o animal, qualquer organismo e vidas “não-humanas”, como inferiores/pejorativas.

Além de Sylvia Wynter, sustento-me no que a pesquisadora Alexis Pauline Gumbs [1982] propõe em seu livro “*Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine Mammals*” (2020). Gumbs nos desafia ao traçar uma escrevedura intencionalmente ambígua e afeiçãoada de intimidade “sobre quem é quem, falando com quem e quando”⁸ (GUMBS, 2020, p. 23, tradução nossa). Segundo ela, esse posicionamento (assim como o próprio conteúdo da pesquisa), tem a intenção de “desfazer uma definição do humano, que está tão emaranhado na separação e na dominação, que, constantemente, torna as nossas vidas incompatíveis com o

⁸ “About who is who, speaking to whom and when.” (GUMBS, 2020, n. p.)

planeta.”⁹ (GUMBS, 2020, p. 23, tradução nossa). Dessa forma, a experiência disso que chamo de coreografia acontece em um *espaço-entre*, onde as fronteiras criam o significado de alargamento de nossas vidas e não somente divisa, separação ou ponto máximo de algumas cheganças. A pista é que a fronteira que desenho é espiralada e refuta a ideia de estável, uma vez que é desenvolvida por meio de imaginações gordas e escorregadias. É sobre a lembrança de ser mamífera, antes mesmo da própria designação: mamífera e dos outros nomes, advindos da ficção de poder. É um gesto.

Na construção dos tópicos seguintes, apesar de me basear nos estudos da pesquisa “As Metamorfoses do Gordo: História da Obesidade no Ocidente da Idade Média ao Século XX” (2012), do historiador e sociólogo francês Georges Vigarello [1941], é importante colocar em relevo que a história da gordura no ocidente, principalmente Inglaterra e França, se dá pela *imaginação colonial*. Vigarello omite essa informação que antecede a gordura na Europa em sua pesquisa, restringindo a corporeidade, primeiramente, às barrigas dos burgueses e, mais adiante, às questões médicas e científicas. Falar sobre o corpo gordo é considerar não somente a gordura, o peso e o tamanho, pois a estrutura física é composta de muitas histórias. Entendendo a imensidão de um corpo, principalmente gordo, foi necessário instituir “certos recortes” para poder analisá-lo de maneira cuidadosa. Com isso, contraponho as “omissões” raciais, étnicas e culturais deixadas pelo sociólogo Vigarello com as pesquisas “*Fat, Desire and Disgust in the Colonial Imagination*” (2012) e “*Fat: A Cultural History of the Stuff of Life*” (2019), ambas do pesquisador e professor de ciências humanas da Universidade do Kansas Christopher E. Forth. Além disso, interessou-me incorrer pela história da Saartjes Baartjes, conhecida como Vênus Hotentote. A historiadora fotográfica Deborah Willis explica que o nome próprio de Baartjes é desconhecido, no entanto algumas pessoas usam derivados da pronúncia do Afrikaans, como: “Ssehura (pensado para ser o mais próximo de seu nome); Sartjee, Saartje, Saat-je, Saartji, Saat-Jee, and Saartjie”¹⁰ (WILLIS, 2010, p. 4, tradução nossa).

Percorri ainda, para este estudo, a pesquisa “*Fearing The Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*” (2019), da professora de Sociologia da Universidade da Califórnia Sabrina Strings, que concebe que a *Fat Phobia*, principalmente em mulheres estadunidenses brancas da alta sociedade, se conecta com as políticas *anti-Blackness* e o medo do corpo negro. A “história” (ficção) de Saartjes Baartjes conecta-se não somente com a racialização da

⁹ “Undoing a definition of the human, which is so tangled in separation and domination that it is consistently making our lives incompatible with the planet.” (GUMBS, 2020, n. p.)

¹⁰ “Ssehura (thought to be closest to her given name); Sartjee, Saartje, Saat-je, Saartji, Saat-Jee, and Saartjie” (WILLIS, 2010, p. 4)

adiposidade como também com a *imaginação colonial*, inserindo Baartjes em uma espiral de horror e violência em troca da voracidade inglesa nos tão conhecidos *freak shows*. Apesar das imagens reproduzidas dela, por inúmeros artistas da época, pouco sabemos o que era realmente verdadeiro ou inventado. No entanto, o seu corpo serviu para articular um imaginário potente de que todas as mulheres do povo *khoikhoi* seriam corpulentas. E essas afirmações vieram não somente pela imagem de Baartjes, quando trazida da Cidade do Cabo pelo cirurgião militar Alexandre Dunlop, mas também pelos registros dos viajantes europeus (antropólogos, médicos, etnógrafos, artistas).

Após a morte de Dunlop, Saartjes Baartjes viaja para Paris onde, mais uma vez, depara-se com a aniquilação frente a frente. O naturalista e zoologista Georges Cuvier a aguarda — mesmo que em um primeiro momento pareça que não — para registrar cada pedaço do seu corpo escuro e protuberante, principalmente para acessar seus grandes lábios devido à manipulação genital, costume comum entre as mulheres *khoikhoi*. Na “história” contada de Baartjes, cuja data de nascimento e aniquilação são imprecisas, apesar de utilizarem os anos de 1789-1815 para a referenciar, ela parece ser apática e aceitar tudo com total consciência. O único momento que parece existir a voz dela, no meio de tantas violências, é na negação do acesso à genitália.

No entanto, Cuvier, além de acessar a sua genitália, também a dissecou quando a sua aniquilação foi anunciada, produzindo um molde do seu corpo para ser exposto em suas aulas e armazenou seus pedaços, em potes com líquidos que os mantiveram viçosos, no Museu do Homem (França) até 1974. A voracidade de Georges Cuvier e seus conterrâneos foi tamanha diante dos corpos não-ocidentais, re/produzindo ficções das quais encontramos resquícios atualmente. Dessa forma, compreende-se que “no momento em que o conhecimento científico torna-se a razão da modernidade é o corpo da mulher negra que serve para construir e solidificar o conceito de raça entre os cientistas.” (DAMASCENO, 2008, p. 4). Saartjes Baartjes teve a sua “história” atualizada quando, após muitos conflitos e negociações, seus restos mortais foram transportados do continente europeu para a África, sendo devidamente velada em 2002.

Abordo o caso de Saartjes Baartjes, através da perspectiva da Sabrina Strings, visando explicitar as lacunas de mais uma das tantas “vênus negras” existente na construção de mundo. Relaciono com a pesquisa de Christopher E. Forth que visa traçar uma lente colonial para as noções de corpulência no ocidente com a concepção de Georges Vigarello. A *imaginação colonial* delineou o entendimento distorcido das corporeidades dos chineses, turcos, nativos australianos, esquimós, etc., mas, especialmente, dos africanos. Por exemplo, entendia-se que “enquanto o espírito europeu alcançou ideias como a Madona de Rafael... o negro não colocou

outro tipo de beleza diante de sua mente além da obesidade”¹¹ (FORTH, 2012, p. 221, tradução nossa).

Apesar de Vigarello não tornar visível esses apontamentos de Forth e Strings, sua pesquisa é bastante relevante para compreender a travessia da gordura que sai das barrigas respeitáveis e privilegiadas (com ressalvas) dos burgueses até chegar nos estigmas e na medicalização. Essas desde o início atingiram, especialmente, as mulheres que tiveram seus tamanhos limitados e vasculhados pela sociedade. As transformações da gordura tiveram como percussoras as pessoas favorecidas socialmente. Isso não foi somente limitado à Europa, pois, quando essas noções do corpo atravessaram o oceano para as Américas, foram as elites que reproduziram e preservaram tais violências nos Estados Unidos e no Brasil, por exemplo.

Além de ressaltar essas questões, pareceu-me necessário dedicar alguns parágrafos para inserir o papel das vestimentas nesse processo corporal, em particular os espartilhos femininos e masculinos. Os primeiros *corsets* foram feitos com placas de ferro, mas, logo em seguida, foram substituídos por “barbatanas” (barbas) de baleias, pois esses filamentos de queratina eram adaptáveis ao calor e delineavam os corpos da maneira desejável. Esse material de origem animal tornou-se usável também pela alta da baleação nas Américas entre os séculos XVII e XVIII. As “barbatanas” (barbas) das baleias foram substituídas por outros materiais com o declínio de sua caça no século XIX, quando a patologia, o estigma e as categorizações em relação ao corpo gordo são mais lógicos e menos “questionáveis”. Inclusive, o próprio espartilho move-se em direção à medicina, estabelecendo uma relação estreita e prometendo ser mais saudável. Trago como exemplo a Coraline Corsets, empresa dos irmãos médicos estadunidenses Lucien Calvin e Ira De Ver Warner (Warner Brothers), onde as vestimentas eram feitas com a fibra vegetal extraída da Agave e da Yucca, conhecida como *Ixtle*, prometendo conforto. Concluo o espaço *Cauda* localizando a gordura, ao menos no que diz respeito ao Ocidente em sua complexidade. Sabemos pouco sobre a adiposidade corporal, mas as noções de violência que a inserem como totalmente ruim são atualizadas constantemente, impedindo-nos, inclusive, de expandir nossas perspectivas de compreensão e desejo sobre o corpo gordo.

No espaço *Barriga*, percorro algumas notícias de pessoas que tiveram a experiência de vivenciar, mesmo que por alguns segundos, a boca da baleia. Normalmente declarado como um lugar escuro, a boca/barriga da baleia – apesar de assustadora – pode ser considerada um portal de transformações e lições morais. Faço esse movimento para inserir os bestiários no

¹¹ “While the European spirit has achieved such ideas as the Madonna of Raphael... the negro has set no other type of beauty before his mind than obesity.” (FORTH, 2012, p. 221)

alargamento daquilo que envolve a monstruosidade. Dessa forma, nado pela história de St. Brendan [c. 484 – 577] e as baleias que eram confundidas com ilhas. Porém, nessa história onde as mãos onipresentes de Deus conduzem a viagem de sete anos até a ilha chamada Terra da Promessa dos Santos, temos a oportunidade de perceber que, como os cristãos eram a autorreferência de humanidade – o que não mudou muito atualmente –, não só as baleias eram inseridas como monstros e bestas marinhos, como pessoas não-brancas eram descritas como uma personificação do Diabo.

A viagem de St. Brendan impulsiona a tônica ao tópico seguinte, onde me debruço diante de três casos brasileiros onde a aparição de baleias abriu campos de contradições, conflito e parentesco. Dessa forma, sem comprometimento com a linearidade dos fatos, percorro primeiramente pelo encalhe de uma baleia em região de mata, no Pará, no ano que gerou especulações em território (inter)nacional de como uma jubarte de 11 metros foi encontrada no manguezal. Na época, no ano de 2019, a hipótese levantada foi que o filhote já estava encalhado na praia, mas foi levado devido à maré alta para a área. Em seguida, atravesso a história da baleia-minke que apareceu (ainda viva) no Rio Tapajós, em 2007. Baseio-me na matéria de comemoração de dez anos do surgimento do animal marinho, escrita pelo pesquisador e jornalista Fábio Zuker para o *Amazônia Real*. Zuker é bem detalhista e sensível ao trazer os depoimentos de alguns moradores, os conflitos de relação e territoriais causados pela baleia e os já existentes. Por isso, entre os três casos, esse é o que mais me demoro. Por fim, insiro a repercussão de uma baleia adulta encalhada em Búzios, no Rio de Janeiro, em 2017. O vídeo da tentativa de salvamento da baleia e a movimentação coletiva que esse acontecimento desatou foi transmitido via redes sociais e também pela TV. Ao contrário das baleias anteriores, ao que tudo indica, após 24 horas essa voltou para o mar sob os aplausos e lágrimas daqueles que a cuidaram.

Subsequente às baleias montanhosas e as suas imensuráveis aparições, proponho a análise sensível da fotografia “*In Sandy Room*” (1989) e as séries “*Nature Self-Portraits*” (1996), “*Motion*” (1999) e “*Grounded*” (2006–2007), da fotógrafa de descendência chicana Laura Aguilar [1959–2018], abordando a radicalidade estética e política de seus trabalhos. Os retratos de Aguilar impulsionam indagações extremamente relevantes sobre o super visível e o invisível extremo dos corpos gordos. Porém, as especulações fotográficas de Aguilar não só contribuem para os estudos do corpo gordo, como também a conectam diretamente na proposição dessa dissertação. Por mais que ela não fale diretamente de baleias, a artista, na impossibilidade de tornar-se humana, logo, ser abraçada, tocada e envolvida pelas pessoas, retorna ao selvagem. São as árvores e as grandes rochas do Parque Nacional Joshua Tree (EUA)

que envolvem a gordura de Laura e a lembram que não é separada daquilo que *vibra e se movimenta*, ao contrário do que as ficções de poder informam. Dessa forma, constato o trabalho de Laura Aguilar como uma paisagem radical que alarga a presença da gordura no espaço.

No espaço *Espiráculo* trabalho sobre a respiração das baleias, mas também a respiração da água e a nossa. Através da teórica feminista Astrida Neimanis, insiro reflexões do quanto o tempo atmosférico, ao ser expandido para além de um fenômeno meteorológico, informa sobre a vida das pessoas. Logo, podemos localizar as condições atmosféricas também como anti-negritude. Nesse tópico, acabo retomando o percurso sobre a pergunta retórica que envolve a proteção das baleias e os “arquivos de falta de ar” (SHARPE, 2016). Neimanis, em suas colocações, trabalha em cima da hipótese levantada pela pesquisadora Christina Sharpe em “*In the Wake: On Blackness and Being*” (2016), através da colega Anne Gardulski, que explica que, possivelmente, o sangue das pessoas atirados ao mar, durante a travessia do não-retorno, ainda podem estar presentes no oceano. À vista disso, retomo Gumbs em um diálogo com Sharpe, publicado na revista “*The Funambulist*”, sob o título “*On Water, Salt, Whales, and The Black Atlantics*” (2021). Nessa troca, elas percorrem a hipótese da Sharpe e atualizam essa presença ancestral entre pessoas negras, baleias e oceano.

Utilizo as pistas de Gumbs e Neimanis, sobre abrir campos e perspectivas que não sejam somente correlacionadas e vinculadas por/pela violência, para retomar as imaginações radicais que nossa gordura, quando juntas, informam. Nós compartilhamos histórias de dominação, precarização e extermínio com as baleias, mas também podemos firmar a recusa ao projeto civilizatório de corpo. A própria gordura é substância moldável e ambígua em sua matéria. Ela, a gordura, deixa rastros, mas também é ilegível. À vista disso, como seria alargar o tempo e explodir as ficções de poder que inserem a gordura no passado? Jota Mombaça diz que a “ficção científica é uma das linhas de tensão entre as ficções de poder e o poder das ficções” (MOMBAÇA, 2021, p. 66). Portanto, é por meio da especulação gorda, que ousa ser um salto espiralar no delirante “progresso” das linhas retas da humanidade, que enuncio que “só a água sustenta o nosso peso”. Não estamos separadas de nada, pelo menos não daquilo que realmente importa. Inclusive, assim como as baleias-azuis que confiam a sua migração na ecolocalização e nas lembranças, nosso corpo sabe lembrar. Por fim, sobrenado na escrita que, a meu ver, é impossível de síntese, mas que, apesar de também ser uma chegada, nos anuncia os vestígios da próxima travessia. “*E se...*”

CAUDA

VIAGEM GORDUROSA

A nadadeira caudal é um dos membros que possibilitam o deslocamento e o equilíbrio das baleias na água. As caudas desses animais marinhos diferem uns dos outros em tamanho, formato e comportamento conforme as espécies. As baleias jubarte, por exemplo, podem manter o corpo na vertical (cabeça para dentro da água) exibindo suas caudas por cerca de 15 minutos na superfície ou, até mesmo, em aparições de dias consecutivos. Após a exposição de cauda parada, “voltam à posição horizontal, normalmente permanecendo em repouso, boiadas e respirando algumas vezes em intervalos curtos” (INSTITUTO BALEIA JUBARTE, 2022a). Segundo o Instituto Baleia Jubarte (IBJ), esse comportamento é um tanto específico da população brasileira de jubartes, ou seja, baleias da mesma espécie podem apresentar hábitos diferentes a depender do local que habitam. Estudos sobre esses mamíferos aquáticos costumam ser especulativos pelo grau de dificuldade que os pesquisadores têm de acompanhá-las, dependendo muito de observações longas para chegar em algo mais “específico”; mesmo assim, esses animais costumam surpreender e ir além das expectativas humanas. Dessa forma, não se sabe ao certo o porquê das baleias jubartes exporem suas caudas, mas supõe-se que pode ser um mecanismo de termorregulação, ou para desenvolvimento da musculatura ou comunicação, sobretudo no caso da batida caudal (INSTITUTO BALEIA JUBARTE, 2022a).

Em dezembro de 2022, foi noticiado que uma baleia jubarte (batizada de Moon e monitorada pela ONG BC Whales na última década) percorreu 5 mil quilômetros do Canadá até o Havaí com a coluna quebrada (Figura 1). O primeiro avistamento do animal nessa condição foi realizado em setembro de 2022 por um drone. A organização sem fins lucrativos acredita que provavelmente houve uma colisão com uma embarcação ou algo muito grande capaz de provocar uma lesão dessa magnitude no animal. Consequentemente, considera-se que a Jubarte tenha realizado o deslocamento por nado de peito, por seu corpo apresentar uma coluna em formato de S impossibilitando a movimentação da cauda (BALEIA..., o Globo, 2022)¹². Para os seres humanos, o nado de peito é um dos mais difíceis, perdendo apenas para o nado borboleta, pois exige que o corpo fique submerso na água e somente a cabeça e uma parte do peito seja vista na superfície. As pernas e os pés devem seguir uma coreografia parecida com as dos sapos e as rãs quando estão na água. Dos nados existentes na categoria, esse é o mais lento, visto que é necessário coordenação e sincronicidade entre os movimentos para que o deslocamento seja eficaz.

¹² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/um-so-planeta/noticia/2022/12/baleia-jubarte-faz-viagem-de-5-mil-km-com-a-coluna-quebrada-e-corre-risco-de-morte.ghtml>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Figura 1 - Baleia jubarte faz viagem de 5 mil km com a coluna quebrada



Fonte: Imagem de drone realizada pela BC Whales, 2022.

Ainda sobre as jubartes, em 2020 um vídeo realizado por pescadores de um barco industrial viralizou na internet produzindo imenso choque entre os ambientalistas. As imagens mostravam a cauda de uma jovem baleia jubarte sendo decapitada pelo próprio barco. Os pescadores que gravaram o vídeo narraram sobre o “receio” do mamífero marinho “virar o barco”, como se ela pudesse provocar algum perigo a eles. O pesquisador Jules Soto, do Museu Oceanográfico da Universidade do Vale do Itajaí, ao ser entrevistado pelo Portal G1 sobre o caso, pontuou que

A reação da baleia quando prende a cauda sempre é girar para tentar se libertar daquilo, isso geralmente ocasiona o emalhamento no cabo. A primeira análise que a gente tem é que está tudo errado. De forma alguma uma baleia daquele tamanho põe aquele barco a pique. Ela não ameaçaria aquele barco. Existe uma desproporção muito grande de massa, principalmente porque a baleia não vai puxar pra baixo quando ela está nessa situação, ela vai puxar pra frente ou para os lados. (BALEIA..., G1, 2020).¹³

Apesar do risco de morte desses animais devido à perda do membro responsável pela movimentação dos seus grandes corpos na água e ao sangramento que ocorre durante a amputação, como o caso da jubarte, baleias sem caudas não são tão incomuns. Em Laguna San Ignacio, no estado mexicano da Baixa Califórnia Sul, segundo pescadores locais, nos invernos

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/05/25/baleia-jubarte-tem-cauda-arrancada-suspeita-de-envolvimento-de-pescadores-de-sc-e-investigada.ghtml>. Acesso em: 9 jan. 2023.

de 1976, 1989 e 1992 apareceram baleias-cinza sem cauda na região. Em 1982, observadores destacaram o avistamento de uma baleia sem cauda (não existe comprovação se é a mesma vista em 1976 e nos anos seguintes) acompanhada de um filhote. Eles descreveram que

Para nadar, esse animal subia à superfície normalmente para soprar, depois inclinava a cabeça para baixo para mergulhar, rolava cerca de 90° e balançava o pedúnculo caudal lateralmente, de um lado para o outro. A presença de um filhote comum acompanhando esta baleia indicava que se tratava de uma fêmea e aparentemente capaz de se reproduzir.¹⁴ (URBÁN *et al.*, 2004, p. 335-336, tradução nossa)

No inverno de 1997, além de um registro fotográfico (Figura 2), novas observações foram realizadas sobre uma baleia adulta da mesma espécie. Segundo eles,

A ponta distal do pedúnculo caudal apresentava cicatriz, indicando que a ferida não era recente. Inicialmente, este animal estava na companhia de duas baleias adultas, que nadavam atrás dele. Embora todas as três baleias tenham nadado a uma velocidade típica das baleias-cinzas em Laguna (aproximadamente 4–5 km/h), a baleia sem cauda demonstrou um comportamento incomum de emergir e mergulhar. Ao emergir para respirar, a baleia erguia a cabeça acima da superfície da água, mostrando toda a boca e às vezes expondo os olhos. Ao mergulhar, a baleia sem cauda sempre levantava a extremidade terminal de seu pedúnculo caudal acima da superfície, nadando sozinha.¹⁵ (URBÁN *et al.*, 2004, p. 336, tradução nossa)

Figura 2 - Baleia-cinza sem cauda fotografada em 1997, em Laguna San Ignacio



Fonte: URBÁN *et al.*, 2004, p. 336. Fotografia por V. Flores de Sahagún, 1997.

¹⁴ “To swim, this animal would rise to the surface normally to blow, the sloping its head downward to dive, roll approximately 90° to one side, and swing the broad side of its tail peduncle laterally, from side to side. The presence of a normal calf accompanying this whale indicated that it was a female and apparently capable of reproducing.” (URBÁN *et al.*, 2004, 2004, p. 335-336)

¹⁵ “The distal tip of the caudal peduncle was scarred indicating that the wound was not recent. Initially, this animal was in the company of two adult whales, which were swimming behind it. Although all three whales swam at a speed typical for gray whales in the lagoon (approximately 4-5 km/h), the whale without flukes demonstrated an unusual surfacing and diving behavior. When surfacing to breathe, the whale lifted its head above the surface of the water showing its entire gape and sometimes exposing its eyes. When diving, the fluke-less whale always lifted the terminal end of its caudal peduncle above the surface swimming alone.” (URBÁN *et al.*, 2004, p. 336)

Em 2015, passageiros do navio Dana Pride filmaram uma baleia-cinzeira sem cauda¹⁶, no sul da Califórnia. Na matéria sobre o assunto repostada pela CBS News, inicialmente comparam o animal com um alienígena; em seguida, relatos emocionados de alguns passageiros são dispostos demonstrando imensa surpresa pela adaptabilidade da baleia sem cauda. Tom White, capitão do navio, explana que “isto só serve para mostrar como estes mamíferos são inteligentes, conseguindo adaptar-se tão bem sem um membro”¹⁷ (THOMAS, 2015, tradução nossa). Outros descreveram algo parecido com o que os observadores de baleias relataram em Laguna San Ignacio. Em todas essas aparições especula-se que essas baleias-cinzeira perderam a cauda devido aos equipamentos de pesca.

Se antes as baleias quase deixaram de existir devido ao extrativismo dos séculos XVII e XVIII nas Américas¹⁸, atualmente as ONG’s e ativistas ambientais articulam a proteção desses mamíferos. Segundo o pesquisador do Serviço Nacional do Patrimônio Cultural de Santiago (Chile) Daniel Quiroz, “a caça à baleia torna-se ‘um ato de barbárie’, não tradicional, mas ‘anacrônico’, e os seres humanos são considerados os verdadeiros ‘monstros’, e as baleias, suas ‘vítimas’”¹⁹ (QUIROZ, 2020, p. 127, tradução nossa). Aparentemente, as baleias deixam de apenas “existir” na dualidade de que elas seriam monstruosas na água e grandes recursos quando estão na terra. Quiroz nos convida para ampliar o nosso lastro, pois a maioria dos estudos sobre baleias, monstruosidade e caça apenas se baseia na perspectiva predatória (QUIROZ, 2020). Dessa forma,

A história da caça à baleia pode ser muito melhor compreendida se não estiver demasiadamente marcada pela forma como foi construída: uma “narrativa-mestra contemporânea” onde uma longa era pré-ocidental de “caça indígena” é seguida por um período de “exploração comercial” liderado pelas nações ocidentais, terminando com uma era ainda prevalecente de “proteção da natureza” defendida por certos grupos de interesse no mundo desenvolvido.²⁰ (QUIROZ, 2020, p. 115, tradução nossa)

Porém, para chegar nesse ponto que Quiroz levanta, onde podemos ir além de um resumo que insere como “agentes de bem” os ambientalistas/ativistas em um cenário de

¹⁶ O vídeo está disponível no canal Capt Dave's Dana Point Dolphin & Whale Watching Safari e pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=3rdePieH2ac>

¹⁷ “It just goes to show how smart these mammals are, to be able to adapt so well without a limb.” (THOMAS, 2015)

¹⁸ A baleação teve declínio significativo no século XIX.

¹⁹ “La caza de ballenas pasa a ser ‘un acto de barbarismo’, no tradicional, sino ‘anacrónico’, y los seres humanos pasan a ser considerados los verdaderos ‘monstruos’, y las ballenas, sus ‘victimas’.” (QUIROZ, 2020, p. 127).

²⁰ “La historia de la caza de ballenas se puede entender mucho mejor si no está demasiado marcada por la forma como se ha construido una ‘narrativa maestra contemporánea’ donde una larga era pre-occidental de ‘caza indígena’ es seguida por un período de ‘explotación comercial’ llevado por las naciones occidentales, que termina con una época, que aún prevalece, de ‘protección de la naturaleza’, defendida por determinados grupos de interés en los países desarrollados.” (QUIROZ, 2020, p. 115)

antagonismo entre os “agentes do mal”, os baleeiros/pescadores, sendo que poucas vezes o colono é inserido em uma gama de responsabilização, é necessário situar que na história da baleação colonial existem gradientes que nos dão pistas para re/pensar não só essas noções dicotômicas e até mesmo, como veremos em alguns parágrafos mais a frente, o porquê de algumas “formas” de proteção também serem tão problemáticas, mas também como essa crítica adiciona possibilidades dentro de uma perspectiva interespécie/multiespécie/transespécie.

A pesquisadora Ayasha Guerin, ao longo do seu artigo “*Shared routes of mammalian kinship: Race and migration in Long Island whaling diásporas*” (2021), indaga: “como as relações extrativas no mar estão interligadas com histórias de deslocamento indígena e negro da terra?”²¹ (GUERIN, 2021, p. 46, tradução nossa). Para isso, Guerin se debruça nos estudos da caça indígena na região e no quanto a sabedoria (em relação às baleias, mas não só) dos povos que habitavam tais terras foi cooptada por colonos, afinal os europeus não entendiam muito sobre o assunto, apesar de seus esforços, e o empreendimento só alavancou quando “eles se voltaram para os jovens das aldeias *Unkechaug, Shinnecock e Montaukett*”²² (GUERIN, 2021, p.49, tradução nossa). A pesquisadora expõe como a baleação se transformou em um campo de estratégia de sobrevivência e fuga – apesar da “batalha” (multiespécie), dos salários baixos e das dívidas que indígenas e negros herdaram devido às negociações absurdas do exploratório mercado baleeiro – dado que

Enquanto a caça às baleias por seu óleo era considerada uma violência necessária para manter os padrões de vida moderna, muitos homens trabalhadores subscreveram a vida errante e sangrenta no mar porque suas perspectivas em terra eram ainda menos hospitaleiras. O humanismo liberal não serviu aos baleeiros indígenas e negros, nem às baleias, pois a indústria oferecia salários baixos com alto risco de perigo para ambas as espécies.²³ (GUERIN, 2021, p. 45, tradução nossa)

Inclusive, esse endividamento serviu para que os colonos obtivessem as terras dos povos indígenas, já que a chance de pagar essas contas eram decrescentes. Ou seja,

As tradições indígenas e os direitos à terra se entrelaçaram com o processo de caça às baleias, e uma prática de sustento e espiritual foi sequestrada em direção a uma acumulação capitalista insustentável.²⁴ (GUERIN, 2021, p. 50, tradução nossa)

²¹ “How are extractive relationships at sea interconnected with histories of Indigenous and Black displacement from land?” (GUERIN, 2021, p. 46)

²² “They turned to the young men from the Unkechaug, Shinnecock, and Montaukett villages” (GUERIN, 2021, p. 49)

²³ “While chasing whales for oil was considered a necessary violence to keep up modern standards of living, many laboring men subscribed to the errant, gory life at sea because their prospects on land were even less hospitable. Liberal humanism did not serve Indigenous and Black whalers nor whales, as the industry offered low-grade pay with high risk of danger for both species.” (GUERIN, 2021, p. 45)

²⁴ “Indigenous freedoms and land rights became intertwined with the process of hunting whales, and a subsistence and spiritual practice was hijacked towards unsustainable capitalist accumulation.” (GUERIN, 2021, p. 50)

Apesar disso, o mar e as tripulações baleeiras conseqüentemente tornaram-se um espaço de convívio/sobrevivência inter-racial e multiespécie. Guerin destaca que as pessoas negras se sentiam mais “seguras” no mar devido aos “Certificados de Proteção de Marinheiros”²⁵ de 1796, onde

O governo federal emitiu a marinheiros trabalhadores Certificados de Proteção de Marinheiros, o qual os definiu como cidadãos. Enquanto em terra, eles só seriam reconhecidos como cidadãos americanos 72 anos mais tarde (com a aprovação da Décima Quarta Emenda em 1868), os Certificados de Proteção de Marinheiros posicionaram, pelo menos por escrito, a condição do homem negro como algo igual ao de seu homólogo branco. Estes documentos eram frequentemente falsificados ou emprestados aos negros para escapar da escravidão nos portos do sul.²⁶ (GUERIN, 2021, p. 51-52, tradução nossa)

Essas táticas de sobrevivência vindas da baleação permitiram que indígenas e negros estabelecessem rotas de fugas, mesmo que corressem perigo em algumas viagens, uma vez que as baleias também desenvolveram novas rotas de navegação para fugir da caça. Ou seja, “quanto mais longe as pescarias tinham que viajar das costas locais para encontrar baleias para matar, mais perigosas eram as viagens para os baleeiros”²⁷ (GUERIN, 2021, p. 44, tradução nossa). Essa “segurança”, sobretudo para o negro, transformou-se em armadilha logo após a decadência da baleação, pois os comerciantes de escravos com os poderosos baleeiros utilizaram os barcos (que antes serviam para caçar baleias para a comercialização) para vender pessoas negras.

Tais intimidades carnosas são marcadas pelo fato de que navios baleeiros e navios negreiros compartilhavam as mesmas rotas oceânicas, e que alguns navios baleeiros se tornaram navios negreiros quando as baleias se foram.²⁸ (GUERIN, 2021, p. 47, tradução nossa)

A crítica de Guerin e o esforço de uma análise interespécie nos empurra para o entendimento de nuances referentes à baleação que são comumente ignoradas. Tais pontos levantados pela pesquisadora nos ajudam a compreender criticamente a outra parte da dicotomia: a proteção desses mamíferos aquáticos e suas variantes. Essa “proteção” defendida por grupos de interesse realmente descolam de uma visão antropocêntrica e colonialista? Recentemente, a CNN (RAMIREZ, 2022) divulgou uma matéria/entrevista sobre o papel

²⁵ “Seamen’s Protection Certificates”.

²⁶ “The federal government issued Seamen’s Protection Certificates to free, working seamen, which defined them as citizens. While on land they would not be recognized as U.S. citizens until 72 years later (with the passing of the Fourteenth Amendment in 1868), Seamen’s Protection Certificates positioned, in writing at least, Black man’s status as something equal to his white counterpart.” (GUERIN, 2021, p. 51-52)

²⁷ “The farther the fisheries had to travel from local shores to find whales to kill, the more dangerous the journeys were for whalers.” (GUERIN, 2021, p. 44)

²⁸ “Such fleshy intimacies are punctuated by the fact that whaling ships and slave ships shared the same oceanic routes, and that some whaling ships became slave ships when the whales were gone.” (GUERIN, 2021, p. 47)

importante que as baleias podem desempenhar na crise climática ao armazenarem carbono em seu imenso corpo, sendo considerados benéficos o tempo de vida – a expectativa de vida é entre 45-90 anos, mas a baleia-da-groenlândia pode viver até 210 anos – e a morte – fenômeno conhecido como *Whale Fall*²⁹ – desses animais. Quando algumas baleias morrem, as carcaças delas afundam para as zonas abissais, produzindo alimentação em diferentes estágios de decomposição para inúmeros seres que vivem nas profundidades, acontecimento que pode perdurar por anos e até décadas.

Os pesquisadores responsáveis pelo artigo divulgado na “*Trends in Ecology & Evolution*” (RAMIREZ, 2022), base da matéria/entrevista da CNN, emitem a preocupação sobre as espécies ameaçadas de extinção devido à caça industrial e aos equipamentos de pesca que, além de provocarem o emaranhamento, também reduzem drasticamente o alimento dessas baleias. O artigo parece seguir um fluxo de estudos ainda recentes e especulações sobre o que a ciência sabe sobre as baleias, devido às grandes lacunas que existem sobre esse animal. Heidi Pearson, uma das pesquisadoras responsável, em comparação com outros métodos caros de capturar carbono, emitiu à CNN que “pode-se ponderar proteger as baleias como uma estratégia de pouco risco e de baixo custo, porque não há realmente nenhum lado negativo (...). E se as protegermos e obtivermos benefícios do ecossistema além do carbono?”³⁰ (RAMIREZ, 2022, tradução nossa). Em seguida, a CNN exemplificou que

Em 2019, os economistas do *International Monetary Fund* tentaram quantificar os benefícios econômicos das baleias. A primeira análise do estudo observou o preço de mercado do dióxido de carbono, depois calculou o valor monetário total da baleia com base na quantidade de carbono capturada, além de outros benefícios econômicos como o ecoturismo. O valor médio de uma grande baleia foi de 2 milhões de dólares³¹. (RAMIREZ, 2022, tradução nossa)

As estratégias consideram que proteger as baleias é algo lucrativo para as empresas e interessados. A matéria continua com a curta colocação da bióloga e fundadora da Oceanswell. Asha de Vos diz que “as baleias têm ‘mais a oferecer do que sua beleza e carisma’, e que protegê-las é a chave para o bom funcionamento de um ecossistema oceânico”³² (RAMIREZ, 2022, tradução nossa). Ou seja, a proteção das baleias não é sobre o bem-estar das espécies em

²⁹ O termo significa “Queda da Baleia”.

³⁰ “You can think of protecting whales as a low risk and low regret strategy, because there’s really no downside (...) What if we protect them and get ecosystem benefits in addition to carbon?” (RAMIREZ, 2022)

³¹ “In 2019, economists with the International Monetary Fund attempted to quantify the economic benefits of whales. The first-of-its-kind analysis looked at the market price of carbon dioxide, then calculated the whale’s total monetary value based on how much carbon it captures, in addition to other economic benefits like ecotourism. It put the average value of a great whale at \$2 million.” (RAMIREZ, 2022)

³² “Whales have “more to offer than their beauty and charisma,” and that protecting them is key to a proper functioning ocean ecosystem.” (RAMIREZ, 2022)

si, mas sim sobre de quais maneiras a existência das baleias podem ser “úteis” aos seres humanos. Não estamos falando sobre uma relação multiespécie como a que é proposta pela Donna Haraway, por exemplo, que especula *Chthuluceno* para gerar parentescos em resposta ao Antropoceno e ao Capitaloceno. Em *Chthuluceno* “deve-se recolher o lixo do Antropoceno, o extermínio do Capitaloceno; cortar, triturar e amontoar como um jardineiro louco, fazer uma pilha de compostagem muito mais quente para o passado, o presente e ainda possíveis futuros”³³ (HARAWAY, 2019, p. 98, tradução nossa).

Compreende-se que *Chthuluceno* “não encerra em si, não se esgota (...) suas zonas de contato são onipresentes e, constantemente, alongam os tentáculos com torções e curvas”³⁴ (HARAWAY, 2019, p. 63, tradução nossa). Dessa forma, esse lugar acontece no espaço-tempo de continuidade (*So Far*) com *respons-abilidade* diante de um mundo deteriorado. Ou seja,

*A respons-abilidade*³⁵ exige que os problemas urgentes sejam identificados para que seja possível enfrentá-los no presente – que ela interpreta, na verdade, como a densidade das temporalidades no agora, como um enredamento – e na presença. Presença que, para ela [Donna Haraway], significa ser um participante ativo diante do problema, porque a realidade exige sujeitos capazes de viver e morrer com *respons-abilidade*. (...) manter-se com o problema resulta em assumir que ainda estamos vivos, e transformar essa vida em poderes tentacularmente destrutivos e regenerativos. Porque a defesa de Haraway é de que há, também, uma necessidade de acabar com certas práticas e estruturas para que sejam criadas outras. (MOTTER, 2021, p. 34, grifo nosso)

Para pensar o *Chthuluceno*, Haraway utiliza-se da *Speculative Fabulation*. Porém, propõe uma maneira expandida de compreendê-la e executá-la, já que, para ela, a *SF* não está separada em opostos: fato ↔ ficção. Dessa forma, a *SF* inclui – para além do significado (e tradução) “Fabulação Especulativa”³⁶ – a Ficção Científica (*Science Fiction*), as Figuras de Cordas (*String Figures*), o Feminismo Especulativo (*Speculative Femininism*) e a temporalidade Até Agora (*So Far*).

O fazer científico e a fabulação especulativa precisam um do outro, e ambos precisam do feminismo especulativo. Penso em *SF* e no jogo de cordas em um triplo sentido de figuração. Em primeiro lugar, puxando as fibras de forma promíscua entre práticas e eventos densos e coagulados, tento seguir o caminho dos fios a fim de rastreá-los e encontrar seus emaranhados e padrões para perseguir o problema em tempos e lugares reais e particulares. (...) Em segundo lugar, a figura de corda não é o rastreamento, mas sim a coisa em questão, o padrão e a junção que requerem resposta, a coisa que não é propriamente ela mesma, mas com a qual se deve continuar caminhando. Em

³³ “Debe recolectar la basura del Antropoceno, el exterminismo del Capitaloceno; trocear, triturar y apilar como un jardinero loco, hacer una pila de compost mucho más caliente para pasados, presentes y futuros aún posibles.” (HARAWAY, 2019, p. 98)

³⁴ “No cierra sobre sí mismo, no se completa (...) sus zonas de contacto son ubíquas y alargan constantemente zarcillos con vueltas y más vueltas” (HARAWAY, 2019, p. 63)

³⁵ Tradução livre do termo “*response-ability*”.

³⁶ Tradução livre para o português.

terceiro lugar, fazer figuras de cordas é transmitir e receber, fazer e desfazer, pegar os fios e soltá-los. SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em revezamentos surpreendentes.³⁷ (HARAWAY, 2019, p. 21-22, tradução nossa)

Pela perspectiva de Haraway, principalmente em sua última pesquisa divulgada publicamente³⁸, onde inclusive re/organiza os parentes ciborgues e defende-se do enquadramento como pesquisadora pós-humanista/humana, a *Speculative Fabulation* funciona como uma metodológica processual que ajuda a *Seguir com o problema* (proposto em *Chthuluceno*), isto é, “gerar parentescos incomuns: precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas³⁹” (HARAWAY, 2019, p. 24, tradução nossa). As diferentes maneiras em que a *Speculative Fabulation* é trabalhada escapam de uma certa perceptibilidade, pois a *coisa* imaginada por meio dela está sempre em forma ↔ desforma. Como as figuras de cordas construídas através do jogo cama-de-gato, onde as imagens tramadas – através dos gestos das mãos, concentração e imaginação – contam histórias do cotidiano, Haraway sugere jogar figuras de cordas multiespécies para sustentar fluxos de trocas e lidar com as feridas e danos na terra. Dessa forma, a prática possibilita expandir configurações de mundo, isto é, negociações, alianças e, até mesmo, recusas.

As figuras de cordas são emaranhadas pelo pensamento tentacular, que é importante para o *Chthuluceno*, pois “os seres tentaculares criam sujeições e separações, cortes e nós; criam uma diferença; tecem caminhos e derivações, mas não determinismos; estão ambos abertos e atados, de alguma forma e não de outra.”⁴⁰ (HARAWAY, 2019, p. 64, tradução nossa). Dessa forma, mesmo que as baleias sejam o próprio “futuro” do planeta Terra, tais elaborações e práticas de “proteção” nos movem para mais próximo do que a pesquisadora do povo makah, Charlotte Coté, chama de “ecologia rasa” (*shallow ecology*). Ou seja, a falta de profundidade

³⁷ “El hecho científico y la fabulación especulativa se necesitan mutuamente, y ambos necesitan al feminismo especulativo. Pienso en SF y el juego de cuerdas en un triple sentido de la figuración. En primer lugar, sacando fibras promiscuamente de entre prácticas y eventos densos y coagulados, intento seguir el camino de los hilos para poder rastrearlos y encontrar su marañas y patrones para seguir con el problema en tiempos y lugares reales y particulares. (...) En segundo lugar, la figura de cuerdas no es el rastreo, sino más bien la cosa en cuestión, el patrón y ensamblaje que requiere respuesta, la cosa que no es una misma pero con la que una tiene que seguir andando. En tercer lugar, hacer figuras de cuerdas es pasar y recibir, hacer y deshacer, coger hilos y soltarlos. SF es práctica y proceso; es devenir-con de manera recíproca en relevos sorprendentes.” (HARAWAY, 2019, p. 21-22)

³⁸ “*Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*” foi originalmente publicado em 2016, pela Duke University Press, e em 2019 traduzido para espanhol sob o título de “*Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*” pela editora Consonni. Na dissertação, me apoio na versão espanhola, mas também recorro a alguns termos em inglês.

³⁹ “Generar parentescos raros: nos necesitamos reciprocamente en colaboraciones y combinaciones inesperadas” (HARAWAY, 2019, p. 24)

⁴⁰ “Los seres tentaculares crean sujeciones y separaciones, cortes y nudos; crean una diferencia; tejen senderos y consecuencias, pero no determinismos; son abiertos y a la vez anudados, de algunas maneras y no otras.” (HARAWAY, 2019, p. 64)

ecológica “é centrada no ser humano, com foco na saúde e bem-estar do homem e na implementação de políticas que beneficiam diretamente a humanidade”⁴¹ (COTÉ, 2010, p. 160, tradução nossa).

Voltemos para as colocações do capitão do navio Dana Pride que, ao se chocar com a possibilidade de uma baleia viver sem cauda, reproduz não só um capacitismo, como também direciona que elas são suscetíveis a adaptação porque são “inteligentes”. Esse não é um pensamento solto, mas alimentado constantemente, devido às baleias serem animais sensíveis, cognitivos e complexos. A série documental “*Secrets of the whales*” (2021), produzida pelo cineasta James Cameron e dirigida pelo fotógrafo da National Geographic, Brian Skerry, exprime uma dimensão dessa perspectiva. Dividida em quatro episódios, o documentário aborda como diferentes espécies de baleias podem parecer tão humanas quanto os próprios seres humanos, traçando um grau de semelhança e comparação – não necessariamente um parentesco – entre as Orcas, Jubartes, Belugas, Narvais e Cachalotes e, dessa forma, percebe-se que existe um universo muito complexo. Esses mamíferos, assim como explicado nos primeiros parágrafos, podem demonstrar comportamentos distintos, consoante ao local que habitam, mesmo sendo da mesma espécie. Além disso, cada espécie tem seu modo de comunicação, mas isso não significa que elas não possam criar aproximações entre si. Pelo contrário, em um dos episódios um jovem narval se perde do seu grupo, sendo adotado pelas belugas. O “Segredo das Baleias” seria a capacidade delas viverem em grupo, se comunicarem de maneira complexa, viverem o luto de entes e fazerem amigos.

Diante disso, vale considerar duas coisas: o que Quiroz conclui em sua pesquisa e o que Guerin nos sugere no seu estudo⁴². Segundo Daniel Quiroz, entre as linhas do tempo: a) caça indígena → caça comercial → proteção e b) monstros marinhos ↔ baleeiros heróis → humanos monstros ↔ baleias vítimas, “as baleias continuam portando uma natureza “monstruosa” que

⁴¹ “Is human-centered, focusing on the health and well-being of man and the implementation of policies that directly benefit humankind.” (COTÉ, 2010, p. 160)

⁴² O pesquisador, ao analisar as noções de monstruosidade, caça e espetacularização das baleias no Chile, não informa muito sobre a racialidade e/ou entendimento de “humano” ao abordar o assunto. Apesar disso, é uma pesquisa muito interessante e importante para o tema levantado na dissertação, sobretudo as janelas de crítica ao que seria “bem” ou “mal” na linha do tempo da relação entre mamíferos-aquáticos e humanos (ou “quase” humanos), convidando-nos a habitar as contradições existentes entre a “extinção” e a “proteção”. Por outro lado, atribuo à pesquisa de Guerin, além de um contraponto, o que desejo de alcance previsto nesta dissertação: pensar além da categoria humana e nas relações interespecies. Para isso, é necessário vasculhar as miúças existentes nas dicotomias e perceber que dentro dessas possíveis “certezas” existem mais janelas a abrir (e outras a fechar). Portanto, a maneira como as pesquisas de ambos são trabalhadas neste documento, sugere uma ampliação do nosso olhar para a/s história/s entre baleias e gentes.

as torna muito atraentes para os seres humanos”⁴³ (QUIROZ, 2020, p. 127, tradução nossa). Portanto, essa monstruosidade que perpetua entre os impulsos que as levam à “proteção” em vez do “extermínio” faz com que as baleias concentrem muitas das contradições e dos conflitos dessa relação entre humanos e não-humanos.

Não obstante, Guerin demonstra o quanto parte da história das baleias está conectada com a vida-morte de povos sequestrados e/ou que tiveram suas terras roubadas, como se a extinção/comercialização fosse uma parentalidade compartilhada. Efetivamente, foi o que ocorreu com alguns baleeiros. Por outro lado, a pesquisadora também aponta “que os movimentos dos baleeiros negros e indígenas dentro do aquapélago baleeiro devem ser entendidos como constituintes de importantes geografias na formação de identidade”⁴⁴ (GUERIN, 2021, p. 57, tradução nossa). Portanto, é importante analisar a baleação colonial, sobretudo por uma perspectiva que esmiúce aspectos não-hegemônicos e as implicações que atravessam esse processo. Ademais, Guerin também nos dá pistas sobre a urgência de imaginar radicalmente formas de habitar o mundo, onde as vidas humanas e não-humanas, assim como organismos, bactérias, etc, sejam reconhecidas e preservadas de maneira interdependente e, sobretudo, vivam em potência para além das relações de dominação sustentadas pelos mesmos sistemas de poder.

⁴³ “Las ballenas siguen portando esa naturaleza ‘monstruosa’ que las hace tan atractivas para los seres humanos.” (QUIROZ, 2020, p. 127)

⁴⁴ “The movements of Black and Native whalers within the whaling aquapelago should be understood as constituting important geographies of identity formation.” (GUERIN, 2021, p. 57)

SALVE AS BALEIAS

A organização antiespecista PETA é contra ao que eles chamam de “supremacia humana”, ou seja, os animais são vistos como iguais e com direitos sem qualquer discriminação. Isso significa que a PETA luta contra o sofrimento animal causado pela indústria alimentícia, laboratórios, comércio e pelo ramo de entretenimento. Conhecida como uma organização de impacto e com assimilação mundial, a PETA tem como missão trabalhar por meio da “educação pública, coleta de notícias investigativas e reportagens, pesquisa, resgate de animais, legislação, eventos especiais, envolvimento de celebridades e campanhas de protesto”⁴⁵ (PETA, 2023, tradução nossa).

As campanhas de protestos da organização costumam gerar grande repercussão devido a uma comunicação de “choque” e “polêmica”, como o caso da arte impressa em mídia outdoor ao lado da Atlantic Boulevard em Jacksonville, na Flórida, em 2009 (Figura 3). O anúncio exibia em letras brancas garrafais “*Save the Whales*”⁴⁶. Ao lado dos dizeres, a ilustração de uma mulher branca gorda trajada com biquíni vermelho com bolinhas contemplando o mar e, logo abaixo, com letras vermelhas um pouco menores, mas não menos perceptíveis, a frase “*LOSE THE BLUBBER⁴⁷: GO VEGETARIAN⁴⁸*”.

Figura 3 - Arte impressa em mídia outdoor ao lado da Atlantic Boulevard em Jacksonville, Flórida, EUA, 2009



Fonte: PETA – People for the Ethical Treatment of Animals, 2009.

A PETA não demonstrou nenhum arrependimento pela campanha, que na época foi apontada como controversa e misógina. Pelo contrário, “flertou” com um amante da carne, como podemos constatar no site da organização, onde uma pequena matéria exhibe a posição do

⁴⁵ “Public education, investigative newsgathering and reporting, research, animal rescue, legislation, special events, celebrity involvement, and protest campaigns.” (PETA, 2023)

⁴⁶ “Salve as baleias” (tradução nossa)

⁴⁷ A palavra “*Blubber*”, segundo o dicionário *Cambridge*, pode ser traduzida como “banha”, pois se refere à gordura dos animais das baleias e outros animais marinhos.

⁴⁸ “Perca a banha: Seja Vegetariano” (tradução nossa).

chef de cozinha e escritor culinário Robert St. John diante do outdoor que, segundo ele, o ajudou a “se tornar vegetariano” para poder perder peso.

Recentemente, as notícias têm cheirado muito mal. O grupo de ativistas animais PETA postou um outdoor na Flórida com uma foto de uma mulher obesa de biquíni com a frase “*Save the Whales, Lose the Blubber: Go Vegetarian*” (Salve as Baleias, Perca a Banha: Seja Vegetariano). Muitas pessoas com excesso de peso se ofenderam. Sou uma pessoa gorda e achei engraçado. Se eu pudesse escolher, preferiria ver a campanha da PETA com modelos seminuas, mas não me importo com uma boa risada às custas de uma pessoa gorda.

Não fiquei ofendido, embora tenha me sentido intrigado com a premissa. Será que eu poderia perder a banha ao me tornar vegetariano? Pareceu-me um desafio, então eu vou aceitar convite.⁴⁹ (BENNETT, 2009, tradução nossa)

O site da organização convidou o público para um desafio de 30 dias sem carne com intuito de “poupar” animais. A PETA aconselhou John que, além da carne, também seria importante ele ficar longe dos laticínios e o alertou que “poderia ganhar 2 kg apenas olhando para as batatas fritas com queijo”⁵⁰ (BENNETT, 2009, tradução nossa). Ainda no mesmo ano, Ingrid E. Newkirk – presidenta da PETA – escreveu no *blog* do “*HuffPost*” uma postagem, que levou o título de “*The Skinny on our Growing Girth*”⁵¹, cuja chamada trouxe uma alarmante informação sobre o aumento da “obesidade” na América e, novamente, a ingestão do queijo como um dos problemas:

As pessoas querem alimentos não saudáveis quase tanto quanto querem cuidados com a saúde. A América está ficando mais gorda, na maioria, porque não percebemos que matar animais e extrair o queijo deles, talvez especialmente o queijo, está lentamente nos matando também.⁵² (NEWKIRK, 2009⁵³, tradução nossa)

No início da publicação, que teve atualização em 2011, Newkirk posicionou-se de maneira crítica quanto à indústria alimentícia, mas um tanto sensacionalista em relação à gordura, considerando apenas uma faceta: a da saúde. Dessa forma, ela reproduziu alguns dados de revistas da área – “*Obesity*” e “*The American Journal of Medicine*” – sobre a epidemia de

⁴⁹ “There’s been a big stink in the news lately. The animal activist group PETA posted a billboard in Florida with a photo of an obese woman in a bikini with the tag line, “Save the Whales, Lose the Blubber: Go Vegetarian.” A lot of overweight people were offended. I’m a fat person, and I thought it was funny. If I had my choice, I’d rather see PETA’s scantily clad model campaign, but I don’t mind a good chuckle at the expense of a fellow fat person. I wasn’t offended, though I was intrigued by the premise. Could I lose the blubber by going veggie? It sounded like a challenge to me, so I’m going to take the challenge.” (BENNETT, 2009)

⁵⁰ “Could gain 2 pounds just by looking at cheese fries.” (BENNETT, 2009)

⁵¹ “O magro em nossa circunferência crescente” (tradução nossa).

⁵² “People want unhealthy foods almost as much as they want health care. America is getting fatter, largely because we don’t realize that killing animals and squeezing the cheese out of them, perhaps especially the cheese, is slowly killing us too.” (NEWKIRK, 2009)

⁵³ A postagem foi originalmente publicada em 2009, mas passou por atualizações em 2011.

“obesidade” nos Estados Unidos como sustentação argumentativa ao outdoor veiculado pela PETA:

Não houve um pio sobre os anúncios de refeições que significam a morte de um milhão de animais por hora e que contribuem para a cintura sempre em expansão de nossa nação. Não houve telefonemas irritados e mensagens no blog sobre a audácia dos provedores de frango e queijo que estão transformando os humanos em massas de gordura, ou... “Baleias”.⁵⁴ (NEWKIRK, 2009, tradução nossa)

Newkirk permaneceu firme e objetiva em seu grande alvo: as pessoas “obesas” que, segundo ela, precisam de “disciplina e lembrar que ser gordo significa ser um mau modelo para as nossas crianças”⁵⁵ (NEWKIRK, 2009, tradução nossa). Ela ainda comparou o andar das pessoas gordas com uma “gangorra”. A causa animal parece estar em segundo plano na postagem, com a ativista “lembrando-se” de fazer o resgate do assunto em alguns parágrafos, mas a crítica à indústria, por exemplo, some quando a presidenta da PETA fala sobre os “horríveis” corpos “obesos” que estão invadindo a América. Dessa forma, Newkirk se perde em seu próprio discurso devido ao ódio e ao asco que nutre pela gordura, direcionando a culpa pelo abuso animal para algo extremamente individual ou reduzindo o assunto a um “problema” das gentes gordas, sobretudo, quando explana que

Apenas três por cento da população tem uma condição médica que realmente os impede de perder peso. O resto das pessoas obesas que se escondem atrás dessa porcentagem, são obesos porque comem comida e não têm a menor ideia (ou não querem ter a menor ideia) sobre uma dieta saudável. Eles não ouviram ou talvez não queiram ouvir sobre as recomendações cordiais de especialistas da saúde (os verdadeiros) os incentivando a comer frutas e vegetais frescos, grãos integrais, nozes e feijões.⁵⁶ (NEWKIRK, 2009, tradução nossa)

Ela também associou a alimentação vegana com a perda rápida de peso, o que seria um ótimo “benefício” para os animais e as pessoas gordas. Nos parágrafos finais, a postagem vai ganhando outra força, Newkirk finge ter algum tipo de compaixão para com os “obesos” e finaliza seu texto dizendo que

O outdoor da PETA foi alimentado por um respeito saudável por todos os animais criados cruelmente e mortos dolorosamente, assim como pelo potencial de nossa

⁵⁴ “There wasn't a peep about the advertisements for meals that spell death to one million animals per hour and that contribute to our nation's ever-expanding waistlines. There were no angry phone calls and blog messages about the audacity of the purveyors of the chicken and cheese that is turning humans into blubbery masses, or... ‘whales’.” (NEWKIRK, 2009)

⁵⁵ “Discipline and remember that being fat means being a bad role model to our children”. (NEWKIRK, 2009)

⁵⁶ “Only three percent of the population has a medical condition that genuinely prevents them from losing weight. The rest of the obese people hiding behind them are obese because they shovel in food and haven't a clue (or don't want to have a clue) about a healthy diet. They haven't listened to or perhaps haven't heard the polite admonitions from health experts (real ones) urging them to eat their fresh fruits and veggies, whole grains, nuts and beans. So America is getting fatter, largely because we don't realize that killing animals and squeezing the cheese out of them, perhaps especially the cheese, is slowly killing us too.” (NEWKIRK, 2009)

própria espécie de ser gentil e saudável. Li os comunicados das pessoas gordas que disseram “obrigado” e daqueles que nos informaram onde podemos chegar. A todas as pessoas que consideram o desvio gástrico ou a cirurgia de abdômen, ou que tentaram uma dieta pobre em carboidratos e só tiveram constipação e mau hálito em troca, eu digo, basta tentar: escolha a farinha de aveia com leite de soja ao invés de bacon e leite; o feijão ao invés do burrito de carne; e os cogumelos, tomates e pimentões ao invés das almôndegas de carne. Todos os animais agradeceriam se pudessem, e eu aposto que você se sentirá melhor, tanto por dentro quanto por fora.⁵⁷ (NEWKIRK, 2009, tradução nossa)

Reforçando as falas de Newkirk, Ashley Byrne, ativista sênior da PETA, em uma matéria da “*Huffpost*”⁵⁸ escrita pela editora de causas ambientais Katherine Goldstein, comunicou que

Nosso objetivo é ajudar os residentes de Jacksonville com excesso de peso — a melhor maneira de fazer isso é se tornar vegetariano. Não estamos tentando insultar ninguém. (...) Os vegetarianos parecem e se sentem melhor do que os carnívoros. Esta é uma mensagem que salva-vidas. (...) Se o outdoor foi chocante, espero que chame a atenção das pessoas e as ajude a melhorar a qualidade de vida delas e de suas famílias... foi feito para ajudar as pessoas⁵⁹. (GOLDSTEIN, 2009, tradução nossa)

As colocações da presidenta e da ativista sênior da PETA trazem à tona – em modo prático – a pesquisa de Sabrina Strings que expõe a *fat phobia* enraizada no racismo e no culto à magreza, principalmente entre mulheres brancas da elite, como uma espécie de troféu patriota e um modelo a ser seguido⁶⁰. Em nenhum momento da postagem o capitalismo é citado como problema, apenas uma opinião comum de que o corpo gordo resume-se ao ato de devorar descontroladamente um monte de alimentos gordurosos e impróprios, principalmente carne. Newkirk utiliza-se da estratégia de “conscientização” (entre muitas aspas) através do horror e da animalização de corpos gordos.

Dessa forma, atribui-se a ingestão da carne – e a existência das empresas de *fast food* KFC e Burger King – a um ritual de engorda, como se batatas cozidas com sal e azeite não pudessem engordar como qualquer outro alimento, porque ser gordo (ou tornar-se) é extremamente feio, desajeitado, improdutivo para o *American Dream*. É contraditório uma

⁵⁷ “PETA’s billboard was fueled by a healthy respect for all the animals who are raised cruelly and killed in painful ways as well as for our own species’s potential to be kind and healthy. I read the communiqués from fat people who said “thank you” and from those who told us where we can go. To all the people considering gastric bypass or tummy-tuck surgery or who tried a low-carb diet and only got constipation and bad breath in return, I say, just try it: Choose the oatmeal with Silk soy milk instead of bacon and milk; the bean instead of the beef burrito; and the mushrooms, tomatoes and peppers instead of the meat balls. All animals would thank you for it if they could, and I’m betting that you will feel better, both inside and out.” (NEWKIRK, 2009)

⁵⁸ A matéria foi escrita em 2009, no mesmo dia em que a postagem de Newkirk foi ao ar, e teve atualização em 2017.

⁵⁹ “Our goal is help overweight Jacksonville residents - the best way to do that is to go vegetarian. We’re not trying to insult anyone (...) Vegetarians look and feel better than meat eaters. This is a life-saving message. (...) If the billboard is shocking, hopefully it will get people’s attention, and help them improve quality of life for themselves and their families... it’s designed to help people.” (GOLDSTEIN, 2009)

⁶⁰ O assunto sobre a racialização da gordura é abordado a partir da página 48.

organização que se diz contra a supremacia humana, o que poderia, por exemplo, resultar em uma boa crítica sobre o antropocentrismo, se posicionar na lógica da supremacia branca. Intrinsecamente, posicionamentos como esse – como aponta o pesquisador Da' Shaun Harrison – envolvem a compreensão de que

Qualquer pessoa que ainda tenha interesse na cultura da dieta, perda de peso deliberada e/ou neste tipo de programa, está tomando a decisão ativa de investir em anti-gordura sistêmica, anti-negritude, capacitismo, misoginia/*-noir* e no capitalismo. A perda de peso não precisa ser algo digno de comemoração. Dito de outra forma, o peso “perdido” é celebrado porque a sociedade moderna ensina que o peso do corpo das pessoas gordas é, sobretudo, incômodo, cruciante, exaustivo e oneroso. Não é sobre as pessoas gordas, mas sobre as pessoas que as cercam. Portanto, não importa se a pessoa está bem quando “emagrece”, porque o desejo da sociedade é não ter que se preocupar com a Feiura da gordura — ou seja, a Feiura do Negro. Como a gordura é deslocada ou “perdida” não importa, desde que ela tenha desaparecido.⁶¹ (HARRISON, 2021, p. 44, tradução nossa)

Portanto, “a celebração do ‘peso perdido’ é muito mais uma celebração do roubo. É o roubo da capacidade de uma pessoa gorda se enxergar como alguém que importa”⁶² (HARRISON, 2021, p. 44, tradução nossa). Tratando-se de gordura, a animalização não se dá apenas pelas noções de “verossimilhança” entre pessoas gordas e baleias (porcos, vacas, elefantes, hipopótamos, etc.), esse seria somente o primeiro aspecto que muitos de nós apontaríamos: a comparação devido ao tamanho e à quantidade de gordura disposta no corpo desses animais. Isso não deixa de ser uma questão a se discutir, principalmente se considerarmos as variadas perspectivas que podem ser obtidas por essa análise. Porém, apontar esse quesito como única definição “plausível” parece reduzir a complexidade do corpo gordo, das baleias (ou de qualquer outro animal), as sinuosidades presentes nessas noções e as distinções entre aqueles/as que se assemelham com a ideia de “humano” e aqueles/as que habitam a fronteira, logo, suscetíveis de se tornarem “monstros/animais/selvagens”.

Christopher Forth define que “alguns animais são engordados por serem mantidos em pequenos cativeiros, onde seu movimento é restrito, outros são engordados por serem alimentados à força ou castrados” (FORTH; AIRES, 2021, p. 211). Consequentemente, esse

⁶¹ “Anyone who still has a vested interest in diet culture, intentional weight loss, and/or these types of programs is making the active decision to invest in systemic anti-fatness, anti-Blackness, ableism, misogyny/*-noir*, and capitalism.

Weight loss does not have to be something worth celebrating. Said differently, “lost” weight is celebrated because modern society teaches that the weight is celebrated because modern society teaches that the weightiness of fat peoples’ bodies is inherently burdensome, cross-bearing, backbreak-bodies, onerous. Not on fat people, but on the people who surround them. Therefore, there’s no regard for whether a person is well when they “lose” weight because the societal desire is to not have to be concerned with the Ugliness of fatness — by wich this means the Ugliness of the Black. How the fat is misplaced or “lost” does not matter, just as long as it is gone.” (HARRISON, 2021, p. 44)

⁶² “The celebration of “lost weight” is much more a celebration of thievery. It is the theft of a fat person’s ability to see themselves as someone who matters.” (HARRISON, 2021, p. 44)

gesto funciona “como forma de desempoderamento e até mesmo dominação, engordar nunca foi algo feito em benefício do animal engordado” (FORTH; AIRES, 2021, p. 211), se pensarmos em porcos e vacas, por exemplo. Forth ainda complementa que “a linguagem da animalidade pouco lisonjeira continua a desempenhar um papel no estereótipo da gordura, onde a imagem de ser ‘engordado para o abate’ sugere a posição subordinada e enfraquecida do ser corpulento” (FORTH; AIRES, 2021, p. 211).

É interessante observar os apontamentos de Forth em comparação com o episódio do outdoor “*Save the Whales*” da PETA, pois ao falarmos de uma organização antiespecista a imagem do “engordado para o abate” revela outras camadas. A PETA sugere que as *baleias sejam salvas*, ou seja, que pessoas parem de *se tornar gordas*, e que sejam *salvas da própria gordura* indesejada pela América. Gordura essa que eles sugerem ser advinda da alimentação excessiva, se não quase exclusiva, de carnes e produtos que contêm em sua composição elementos de origem animal. O “engordado para o abate” tem seu significado duplicado no momento em que compreendemos que, se o animal é engordado à força para o abatimento, logo, quem se alimenta desse animal desempoderado e engorda através de sua carne, torna-se o animal que consome.

A alimentação vegana sugerida pela organização, no caso de pessoas gordas, não dialoga exclusivamente com um entendimento *outro* do animal, pelo contrário, apesar das ressalvas que a PETA tenta incluir dizendo que o grande foco de protesto são as indústrias alimentícias, laboratórios, comércios e o ramo de entretenimento, supõe-se que o senso de animais que eles trazem na campanha “*Save the Whales*” se movimenta no entendimento de que animais, por mais bem quistos, continuam abaixo do humano. Dessa forma, é nítido que a PETA deseja “salvar” potências que tinham tudo para serem “humanos” produtivos, inteligentíssimos e bonitos – principalmente se pensarmos na ideia de nação e no retrato do estadunidense branco, cisgenero, heterossexual – mas que falham amargamente ao acumularem gordura abdominal.

Se as pessoas gordas escolhessem ter uma alimentação vegana, mas continuassem gordas, o que a PETA faria? O próximo outdoor com intuito de “preocupar-se” com a gordura corporal, e o quanto isso “ameaça a América”, seria “*Save the Elephants*” ou “*Save the Cows*”? Tratando-se de animais herbívoros, ou seja, que se alimentam exclusivamente de plantas, frutas e vegetais, parece que o problema é mais do que a alimentação carnívora, uma vez que tornar-se vegano não significa necessariamente tornar-se magro. Os meandros da campanha da PETA não dizem respeito “somente” à gordofobia, ao sexismo e à misógina, como apontado por grupos feministas na época. Inclusive, anteriormente ao outdoor “*Save the Whales*” (2009), a

organização lançou uma campanha chamada “*Are Animals the New Slaves?*”⁶³ (2005) onde comparou o abuso de animais à escravidão, o que acabou provocando, novamente, uma série de debates sobre a analogia entre pessoas negras-animais.

Muitas dessas opiniões divulgadas em sites/jornais, transformadas em livros e/ou artigos científicos⁶⁴ levantaram relevantes análises sobre essa campanha, posicionando-a em um entendimento de normatividade branca e trazendo à tona como a justiça animal é, muitas vezes, entendida e exercida, seja pela PETA ou qualquer outro tipo de organização/pessoa, como uma luta de “salvação” exercida pelas pessoas brancas e que, para fazer parte, é necessário “tornar-se” a sua semelhança. Todavia, não podemos homogeneizar tais organizações como um espelhamento único da PETA, apesar da magnitude e influência que eles têm. Além disso, ainda se aponta como essas abordagens afastam, por exemplo, as pessoas negras das lutas por justiça animal, inclusive situando os fatores de uma alimentação a base de carne dessas populações, que, por questões sociais e históricas, estão mais suscetíveis a ingerirem alimentos de menor qualidade (RODRIGUES, 2020). Porém, não podemos ser leigos ao não considerar que, assim como já antecipado nas citações (in/diretas) de String e Da'Shaun, a construção das políticas anti-gordura estão, sobretudo, costuradas com as das anti-negritude.

Embasando-nos nas imaginações coloniais, o que orientamos e discutimos sobre a gordura corporal, ou, como uma certa visão de ciência gosta de dizer, “epidemia da obesidade”, ainda é muito limitada e normalmente subtraí histórias de povos não-ocidentais, ou seja, culturas com diferentes perspectivas sobre a gordura corporal. Dessa forma, é importante re/formular que campanhas como essas acabam distanciando a conexão que existe entre a justiça animal e as lutas anti-racistas, anti-gordofóbicas, anti-transfóbicas, anti-capacitistas, etc., pois são histórias que, de certo modo, estão entrelaçadas.

⁶³ O vídeo da campanha está disponível no canal do YouTube da PETA e pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=8PZBV8O5pfl>.

⁶⁴ A citação sobre a campanha é resumida em um parágrafo, tendo como base, principalmente, o artigo “*White normativity, animal advocacy and PETA’s campaigns*” (2020) do pesquisador Luis C. Rodrigues, no intuito de realizar um breve comentário de comparação. Ou seja, entende-se que antes de “*Save The Whales*”, outras campanhas como essa foram veiculadas sem nenhum posicionamento crítico ou efetivamente responsável da organização. Além disso, é necessário chamar a atenção que a gordura não está intrínseca somente na questão alimentícia, seja pelo acesso e/ou pelo histórico na vida de pessoas negras. Afinal, as políticas de anti-gordura e anti-negritude andam lado a lado. Ademais, para se aprofundar em algumas críticas específicas dessa campanha, sugere-se a leitura do artigo e também do livro “*Afro-dog: Blackness and the animal question*” escrito pela professora e pesquisadora Bénédicte Boisseron, publicado em 2018 pela Columbia University Press. Boisseron partirá da discussão sobre a palavra “antiespecista” para construir seu estudo e argumentos que a levam para a relação entre raça e animal na cultura e história das Américas, sobretudo ao que diz respeito ao cachorro.

Assim, “a proximidade traçada entre o humano e o animal é importante, especialmente para aqueles cuja identificação está na fronteira”⁶⁵ (GUERIN, 2021, p. 47, tradução nossa), sobretudo para delinear uma crítica ao humano, como realizado por Sylvia Wynter. Em sua produção, a teórica jamaicana visou pensar criticamente a concepção ocidental e eurocêntrica de humano como universal, o “Homem”, conduzindo debates importantes sobre a necessidade de desestabilizar radicalmente essas noções. Wynter, ao longo de suas pesquisas, trabalhou mais acerca dos tensionamentos, lapidando o que poderíamos sugerir ser uma “elaboração de outros gêneros do humano, ou outros códigos para o que significa ser humano, na história das espécies”⁶⁶ (GUERIN, 2021, p. 47, tradução nossa). Críticas como essas desencadeiam, ou deveriam desencadear, como diz Guerin, uma circunspeção aos estudos animais.

A pesquisadora Alexis Pauline Gumbs, em seu livro “*Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine Mammals*” (2020), evidencia que, ao consultar alguns guias sobre animais marinhos, percebeu que esses materiais são produzidos “da mesma linguagem que alimenta o racismo, o binarismo de gênero e outras formas de opressão. (...) A maioria dessas descrições também são escritas por homens brancos ocidentais.”⁶⁷ (GUMBS, 2020, n. p.). Não tão longe disso, quando nos debruçarmos sobre a historicização da gordura no Ocidente, percebemos que tais perspectivas interpretam o selvagem pejorativamente como oposto do projeto civilizatório de corpo. Exemplos como o da PETA, dentre outras ações da política anti-gordura, revelam que o delírio colonial persiste e está bem longe de ser sutil, apesar de nos induzir à imperceptibilidade.

⁶⁵ “The boundary drawn between the human and animal matters, especially for those whose identification sits on the border.” (GUERIN, 2021, p. 47)

⁶⁶ “Other genres of the human, or other codes for what it means to be human, within the history of species.” (GUERIN, 2021, p. 47)

⁶⁷ “Of the same language that fuels racism, gendered binaries, and other forms of oppression” (GUMBS, 2020, n. p.)

A RACIALIZAÇÃO DA ADIPOSIDADE

Em nossa espécie branca, a testa se projeta e a boca se retrai, como se tivéssemos sido projetados mais para pensar do que para comer; na espécie negra, a testa se retrai e a boca se projeta, como se tivessem sido feitos mais para comer do que para pensar. Tal particularidade é muito mais notável em animais inferiores; seu nariz é saliente, como se estivesse prestes a alcançar o alimento; sua boca torna-se mais larga, eles nascem apenas para a gula; o tamanho de seu cérebro se torna menor, e fica posicionado para trás; a capacidade de pensar é apenas secundária.⁶⁸ (VIREY, 1837, p. 25, tradução nossa)

É no mínimo equivocado afirmar que as únicas questões inerentes ao corpo (gordo) excedentes das noções de normatividade são a beleza e a saúde. Resumir apenas a esses aspectos é ignorar os atravessamentos de raça, gênero, classe social, sexualidade, localidade geográfica e a cultura em que o corpo está inserido. O corpo nunca é sozinho ou repartido em pedaços, mas foi esse entendimento que nos fizeram acreditar e re/produzir. Consequentemente,

Se examinarmos as modernas discussões francesas e britânicas sobre a corpulência, vemos que elas frequentemente apresentavam comparações e contrastes entre povos, lugares e períodos, com relatos desprezíveis sobre como essa ou aquela cultura não-ocidental admirava perversamente o que, eles supunham, qualquer europeu que se respeitasse a si mesmo consideraria pouco saudável, pouco atraente e francamente repugnante.⁶⁹ (FORTH, 2012, p. 214, tradução nossa)

Devido aos relatórios produzidos por navegantes, antropólogos, médicos e etnógrafos, muitos povos não-ocidentais⁷⁰ — especialmente africanos — foram conectados à gordura no imaginário europeu. O ódio e o medo da adiposidade foi perversamente criado e atribuído-lhes. Essas designações, abundantes de julgamentos, transformaram esses povos em *animais selvagens libidinosos*, já que a gordura era entendida como um desvio que aumentava o desejo sexual. Dessa forma, entendia-se que Beleza Europeia = Amor (civilizado) ≠ Gordura = Apetites Luxuriosos (primitivo).

Nesse sentido, vale pôr em evidência o que Rosane Borges descreve sobre “a voracidade do olhar racista”, dado que “é exercida devorando corpos e culturas sem que haja uma redistribuição imaginária e real dos lugares dos sujeitos que têm o poder (os que olham e consomem) e dos que não têm (os que são *vistos* e são mercadorias de olhares)” (BORGES,

⁶⁸ “In our white species, the forehead is projecting and the mouth retreating, as if we were rather designed to think than to eat; in the negro species, the forehead is retreating and the mouth projecting, as if he were made to eat rather than to think. Such a particularity is much more remarkable in inferior animals; their snout is protruding, as if about to reach the food; their mouth becomes wider, they were born for gluttony alone; the size of their brain becomes smaller, and is placed backwards; the faculty of thinking is but secondary.” (VIREY, 1837, p. 25)

⁶⁹ “If we examine modern French and British discussions of corpulence we see that they often featured comparisons and contrasts between peoples, places and periods, with disdainful reports on how this or that non-Western culture perversely admired what, they assumed, any self-respecting European would dismiss as unhealthy, unattractive and frankly disgusting.” (FORTH, 2012, p. 214)

⁷⁰ Chineses, Turcos, Nativos Australianos, Esquimós, Mouros, Egípcios, etc.

2019, p. 18, grifo nosso). Esse ponto é fundamental para compreendermos que as histórias dos corpos, como nós as conhecemos, são (muitas vezes) distorcidas e carregadas por infindadas violências contra povos não-ocidentais, perpetuadas atualmente. A gordura desempenhou um sentimento de repulsa e fascínio, posteriormente de fetiche, naqueles que inventariaram (vorazmente) os corpos que escapavam a qualquer compreensão moral e racional.

A corpulência, agregada à questão ambiental, ou seja, a possibilidade de a população ser magra ou gorda a depender do clima do local, propiciou *certos entendimentos* sobre o ancestral “ritual de engorda” dos Mouros, no qual, segundo os viajantes franceses, a prática pretendia suprir a temperatura quente que originava uma certa esguieiz, visto que os “Mouros fizeram da corpulência uma das ‘normas da beleza’ entre as mulheres”⁷¹ (FORTH, 2012, p. 217, tradução nossa). O explorador francês August René Caillé (1799-1838) relatou em 1820 que “os mouros não têm nenhum interesse na beleza da forma ou da mente”⁷² (FORTH, 2012, p. 219, tradução nossa), e salientou ainda o que acabou sendo amplamente divulgado e reproduzido (desprovido de qualquer análise) em livros (FORTH, 2012), que as garotas eram forçadas a comer uma grande quantidade de comida para se tornarem enormes e “obesas” para o casamento. Apesar desse ritual ser completamente abominado internacionalmente no presente, o que não é surpreendente, é necessário trazer, principalmente quando vamos analisar povos não-ocidentais, o entendimento que o corpo gordo habita camadas complexas e ambíguas. Portanto, ele excede — apesar da permanência das leituras dicotômicas — as noções de negativo *versus* positivo.

Prospero Alpini (1553-1617), botânico e médico italiano, em uma de suas viagens, teceu críticas aos costumes dos povos Egípcios na sua “Arte da Engorda”. O que estarreceu Alpini foi a intenção da engorda, visto que, segundo ele, os homens sentiam extremo desejo por mulheres maiores e carnudas. Forth destaca uma das indagações do médico italiano — reavivada quando o pintor irlandês Edward Dodwell (1767-1832) deparou-se com a corpulência, principalmente feminina, na Grécia, diferindo das elegantes estátuas que conhecia; segundo Dodwell, a decadência da beleza grega dava-se por influência de “outros”, os turcos — “É possível desejar algo mais vergonhoso do que a obesidade [*obaesitate*] adquirida através do vício perverso da carne e da sensualidade desenfreada?”⁷³ (FORTH, 2019, p. 208, tradução nossa).

⁷¹ “Moors made corpulence into one of the ‘rules of beauty’ among women.” (FORTH, 2019, p. 208)

⁷² “The Moors have no interest in beauty of form or mind.” (FORTH, 2012, p. 219)

⁷³ “Can one desire anything more shameful than obesity [*obaesitate*] acquired through the wicked vice of the flesh and of unchecked sensuality?” (FORTH, 2019, p. 208)

E essa pergunta do Alpini, apesar de direcionada aos povos Egípcios, também conecta-se ao momento em que a prostituição passava a ser amplamente associada à gordura. Acentua-se que tais conexões, um tanto *delirantes*, davam-se porque se acreditava que os banhos quentes e a “superindulgência animalesca” cotidiana acresciam tamanho aos corpos das prostitutas. Dado isso, o criminologista e médico italiano Cesare Lombroso, com o sociólogo e historiador italiano Guglielmo Ferrero, no livro “*A Mulher Delinquente: a prostituta e a mulher normal*”⁷⁴ (2022), descreve a gordura da seguinte maneira:

Nos homens predominam o sistema ósseo e muscular; em mulheres, no entanto, é a gordura, tecido conjuntivo, causa de suas formas mais arredondadas, e que *as raças negra e asiática aumentam por seleção sexual ou artificial* (imobilidade, nutrição especial de cerveja, leite, pressão). *Nestas raças, a gordura aparece em uma idade mais jovem do que para nós*; de fato, em alguns povos (Hotentotes, Cafres, Bosquímanos) acumula-se nos pequenos lábios e nas nádegas, de modo a formar uma sustentação às crianças que surge, em parte, por conta da seleção sexual e, como veremos, na parte pelo exercício quase exclusivo da maternidade. (LOMBROSO; FERRERO, 2022, n. p, grifo nosso)

Na ilustração (Figura 4) “*Polisarcia*”⁷⁵ *in Abissina. Cuscinetto Posteriore in Africane*”⁷⁶, Lombroso e Ferrero relacionam a imagem e volume corporal de cinco mulheres negras. Como podemos observar, a figura “a” apresenta uma mulher gorda e nua, sentada no que aparenta ser um amontoado de pedras, ornada com colares, penas e um pandeiro na mão direita como “*Ballerrina o prostituta Abissina (tipo di posarcia africana)*”⁷⁷. A seguir, na figura “b”, uma mulher nua com o corpo ereto de costas (postura militar) é nomeada como “*Ottentotta con cuscinetto posteriore*”⁷⁸. Abaixo, a figura “c” exhibe duas mulheres nuas (uma delas com a roupa, aparentemente, arriada), sendo uma de costas e a outra de lado com as mãos na barriga, descritas como “*Donna Bongo*”⁷⁹ e “*Donna Karansa con cuscinetto posteriore e ipertrofia delle natiche e delle coseia*”⁸⁰. Por fim, a figura “d” ilustra uma mulher mais magra junto a uma criança com o corpo revestido por um tecido, mencionada como “*Donna selvaggia che porta un bambino sul dorso, come in tutti i popoli primitivi*”⁸¹.

⁷⁴ A primeira publicação do livro “*La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*”, de Cesare Lombroso, foi realizada em 1893, em Turim (Itália). Nessa dissertação, utilizo a 2.ª Edição do livro publicada em 2022 pela Editora Clube de Autores.

⁷⁵ Termo médico antiquado utilizado para excesso de gordura.

⁷⁶ “Excesso de peso na Abissínia. Traseiro posterior em africanas”.

⁷⁷ “Bailarina ou prostituta Abissínia (tipo de excesso de peso africano)”.

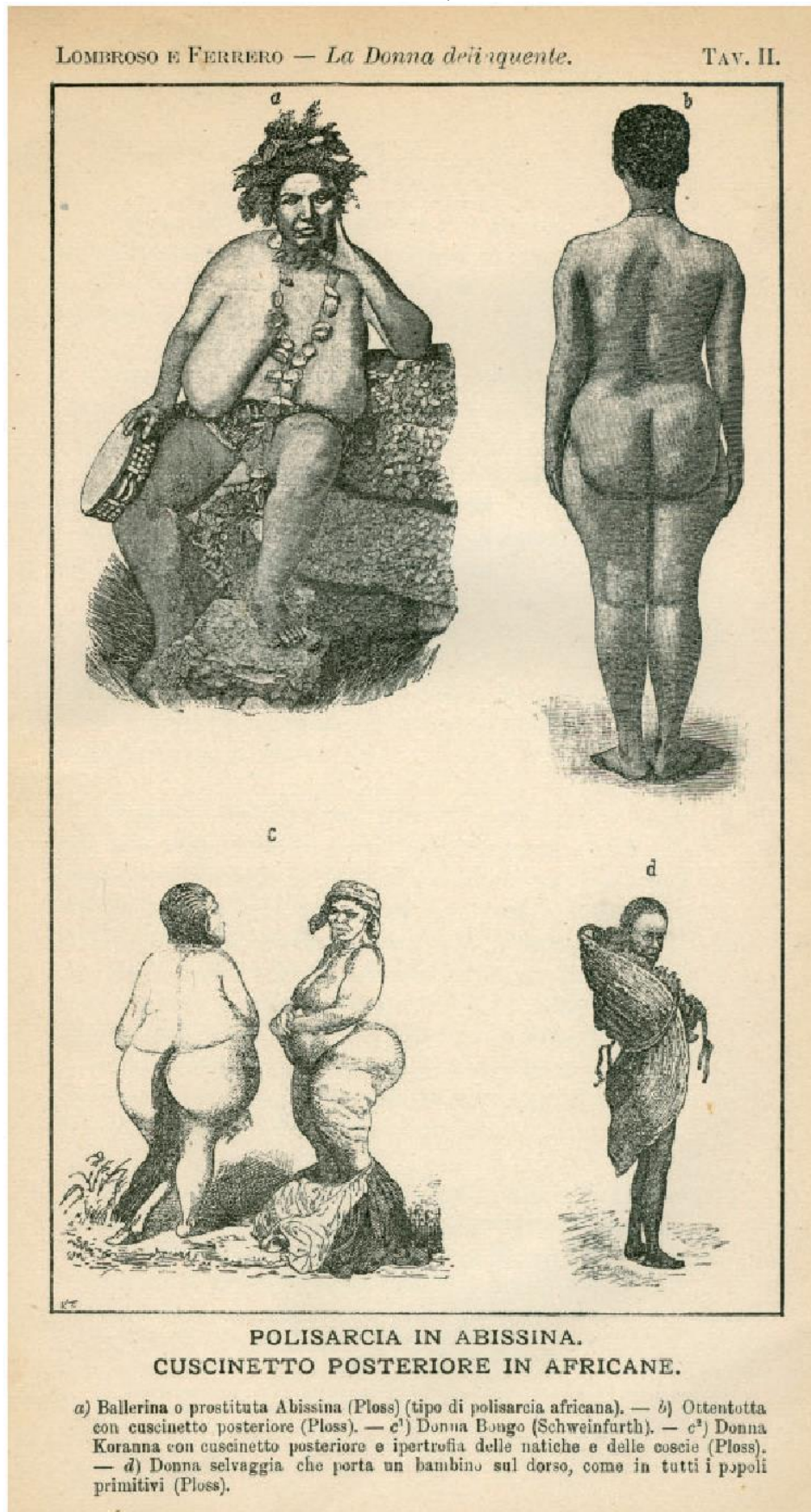
⁷⁸ “Hotentote com traseiro posterior”.

⁷⁹ “Mulher Bongo”.

⁸⁰ “Mulher Korana com traseiro posterior e hipertrofia das nádegas”.

⁸¹ “Mulher selvagem carregando uma criança nas costas, como em todos os povos primitivos”.

Figura 4 - “Polisarcia in Abissina. Cuscinetto Posteriore in Africane”, página do livro de Cesare Lombroso e G. Ferrero, 1893



A *imaginação colonial* utiliza do bestial para pormenorizar aquilo e aqueles que existem fora do (auto)reflexo branco (divino e “civilizado”).

Às vezes esse maniqueísmo chega ao extremo de sua lógica e desumaniza o colonizado. Propriamente falando, *animaliza-o*. E, na realidade, *a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica*. Alude-se aos movimentos de réptil do amarelo, às emanções da cidade indígena, às hordas, à peste, ao pululamento, ao formigueiro, às gesticulações. (FANON, 1965, p. 38, grifo nosso)

Cria-se então o *outro* (bestial) para a manutenção do *eu* (humano) e o *outro* torna-se tudo o que *eles* não devem ser. Mas nem sempre isso deu certo (no caso da gordura), como veremos adiante. A *imaginação colonial* é uma ficção de poder — constantemente atualizada — onde a norma (autoimagem do colonizador) deleita-se da transparência e das *fantasias* que ela produz. O visível é vivo, reluzente e protegido por Deus-Estado e o invisível é aniquilado, escuro e fruto do Diabo.

A gordura, à vista da civilização, era tida como insalubre. Era considerada um “retrocesso evolutivo” (invasão gorda) — atualmente emprega-se o termo médico “epidemia de obesidade” — já que a prevalência das carnes gordurosas simboliza/va uma imagem primitiva do corpo humano. O arqueólogo e pré-historiador francês Édouard Louis Stanislas Piette [1827-1906], trouxe a conclusão sobre os indícios antropológicos de que as mulheres dos povos bosquímanos (san e coissãs), etnias da África Austral, por suposição gordas (devido ao acúmulo de gordura nas nádegas), convocavam a imagem da raça mais “primitiva” dos humanos (FORTH, 2012).

As mulheres com corpos protuberantes eram, constantemente, apelidadas de Vênus. Durante a história obteve-se uma grande variação de “Vênus”, incluindo figuras como a Vênus de Brassempouy, “sarcasticamente apelidada” por Piette, em alusão a Saartjes Baartjes, a Vênus Hotentote (FORTH, 2012). Inclusive, ao perceber a existência de uma certa diversidade de corpos femininos (Figura 5), Piette levantou a hipótese de que

“Duas raças humanas” devem ter existido durante a era paleolítica, uma gorda e peluda e outra magra e sem pelos, que se odiavam. As cartas de Piette descrevem até uma transição gradual de uma “velha raça de quadris gordos” para uma raça modesta e esbelta que era “mais civilizada que a outra”⁸². (FORTH, 2012, p. 233, tradução nossa)

⁸² “Two human races” must have existed during the paleolithic era, one fat and hairy and the other thin and hairless, who hated one another. Piette’s letters even describe a gradual transition from an ‘old fat-hipped race’ to a modest and slender race that was ‘more civilized than the other. (FORTH, 2012, p. 233)

Figura 5 - As estatuetas de Vênus da Era Paleolítica Europeia

(a) Vênus de Hohle Fels, marfim de mamute, Alemanha, c. 40.000 - 35.000 a.C.



(b) Vênus de Galgenberg, rocha serpentina, Áustria, c. 30.000 a.C.



(c) Vênus de Dolní Věstonice, terracota, República Tcheca, c. 29000 a.C. - 25000 a.C.



(d) Vênus de Lespugue, marfim de mamute, França, c. 26.000 a.C.



(e) Vênus de Willendorf, calcário oolítico, Áustria, c. 24 000 - 22 000 a.C.



(f) Vênus de Moravany, marfim de mamute, Eslováquia, c. 22.800 a.C.



(g) Vênus de Brassempouy, marfim de mamute, França, c. 29.000 - 27.000 a.C.



(h) Venus of Eliseevichi, marfim de mamute, Rússia, c. 16.000 a.C.



(i) Vênus de Monruz, azeviche, Suíça, c. 11.000 a.C.



Fonte: imagem adaptada de April Holloway, 2014. Disponível em: <https://www.ancient-origins.net/ancient-places-europe/venus-figurines-european-paleolithic-era-001548>. Acesso em: 01 fev. 2023.

O mais “comum” entre os relatos sobre as culturas e os povos não-ocidentais em relação à gordura e, mais tardar, no próprio Ocidente, é que o horror à adiposidade tem como foco, sobretudo, os corpos das mulheres. Elas são, segundo esses relatos, tratadas como meros “objetos desviantes” de controle, secretamente servis ao desejo, às vezes nem tanto, dos homens brancos que as descreveram de maneira fetichizada e hostil em seus informes. Isso não significa que os homens não-ocidentais não têm (e/ou não tiveram) uma relação própria com a gordura.

Por exemplo, existe um povo pastoreiro na Etiópia chamado *Me'en*, ou *Bodi* como são reconhecidos pelo governo e estrangeiros, que modificam constantemente seus corpos em uma cerimônia chamada *Kael*. Na festividade, os homens se reúnem, seguindo preceitos de alimentação, descanso e dança, para engordarem.

Segundo o relato de viagem de Joey Lawrence, fotógrafo canadense que realizou um trabalho de campo com o povo *Me'en* em 2021⁸³,

O *Kael* celebra a vitalidade das terras de pastagem durante a estação chuvosa. No Vale do Omo, vacas se igualam a dinheiro e ter um grande corpo é um sinal de prosperidade. Consumir apenas leite, manteiga e sangue do gado permite manifestar a riqueza própria. Um grande corpo também pode comprovar seus vínculos pessoais. Alguns destes jovens ainda não têm seu próprio gado. Sua família, amigos e patronos os apoiam, doando seu leite ao concorrente. Grandes barrigas representam essa rede de apoio, que é vital em uma paisagem em constante mudança. Tornar-se grande requer disciplina. Os *Bodi Me'en* dizem que normalmente não é o mais rico que vence, mas o mais dedicado mentalmente. Eles devem seguir uma dieta rigorosa e regrada. Esta é a principal razão pela qual esses competidores *Kael* são respeitados entre o povoado. Acima de tudo, participar da competição é uma forma de atrair esposas em potencial. Os homens aqui acreditam que quanto maiores forem, mais as mulheres os desejarão.⁸⁴ (LAWRENCE, 2021, tradução nossa)

Percebemos haver uma gama muito maior de interpretações e conexões com a gordura corporal que ultrapassa as limitações de horror ↔ desejo que emergiram da cultura ocidental que, tão breve, criará firmes políticas anti-gordura. Porém, é necessário também chamar a atenção para as imensas lacunas que existem sobre a narrativa desses povos, acima de tudo das mulheres. Diante disso, algumas questões emergem: Qual seria a conexão íntima delas com a comida, o território de pertença, os costumes? Será que as relações (amorosas e sexuais) eram somente heteronormativas? Por qual motivo suas carnes viraram apenas parâmetro, na leitura dos europeus, de desejo para os homens e profanação aos moralistas?

⁸³ As imagens não foram inseridas na dissertação por questões que envolvem direitos autorais. Porém, o trabalho fotográfico realizado por Joey L. pode ser visto no seu canal no YouTube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=CkHt8MPhSi8>. E também está disponível em seu site: <https://www.joeyl.com/blog/all/post/bodi-tribe-ethiopia>

⁸⁴ “The *Kael* celebrates the vitality of grazing land during the rainy season. In the Omo Valley, cows equal money, and having a big body is a sign of prosperity. Consuming only milk, butter and blood from livestock can show off individual wealth. A big body can also prove your personal connections. Some of these young men don’t yet have their own cattle. Their family, friends and patrons have backed them, donating their milk to the competitor. Big bellies represent this network of support, which is vital in an ever-changing landscape. Becoming big out here requires discipline. The *Bodi Me'en* say that typically it is not the richest who wins, but the most mentally dedicated. They must follow a strict and regimented diet. This is the main reason why these *Kael* competitors are respected amongst the tribe. Above all else, participating in the competition is a way to attract potential wives. Men here believe that the bigger they are, the more women will desire them.” (LAWRENCE, 2021)

SAARTJES BAARTJES, A VÊNUS HOTENTOTE

Seu destino é o mesmo de qualquer outra Vênus Negra: ninguém lembrou do seu nome ou registrou as coisas que ela disse, ou observou que ela se recusou totalmente a dizer alguma coisa. A sua história, contada por uma testemunha falha, é extemporânea. (...) Não se pode perguntar “*Quem é Vênus?*”, porque seria impossível responder a essa pergunta. Há centenas de milhares de outras garotas que compartilham as suas circunstâncias, e essas circunstâncias geraram poucas histórias. *E as histórias que existem não são sobre elas, mas sobre a violência, o excesso, a falsidade e a razão que se apoderaram de suas vidas, transformaram-nas em mercadorias e cadáveres e identificaram-nas com nomes lançados como insultos e piadas grosseiras.* (HARTMAN, 2020, p. 14, grifo nosso)

A “história” im/possível de Saartjes Baartjes (Sara Baartman) — assim como as dos povos *Khoikhoi* aos quais foi atribuída a gordura, a feiura e o primitivo por relatos de viajantes, tendo grande impacto na visão popular e científica — é uma ficção. Tal correspondência não ignora os esforços para criticamente submergir as *histórias de horror* projetadas pelos europeus e nem buscam apagar a violência e a aniquilação. Pelo contrário, mediante o reconhecimento das ficções de poder, torna-se possível agenciar olhares mais cuidadosos para corpos repartidos e quebrados. Testemunhando as lacunas, os silêncios (e silenciamentos), as imagens distorcidas (e a falta delas), as contradições e tudo aquilo que é indizível e inalcançável.

Vênus Hotentote foi uma re/invenção do imaginário europeu para re/inserir a imagem dos povos *Khoikhoi* (*Cóis* ou *Khoi*) — nomeados de *Hottentot* pelos colonos irlandeses — de magros para gordos, atribuindo a gordura como condição corporificada (intrinsecamente) africana e feminina. Vênus Hotentote atendia como Saartjes Baartjes, a mulher *khoisan* trazida da Cidade do Cabo para ser exibida em *freaks shows* em Londres. Porém, sua “história” de exibição inicia-se bem antes de chegar (efetivamente) às terras europeias, quando — após o roubo das terras, a morte de sua família, a vivência com o colono David Fourie e o colapso na Cidade do Cabo — foi comprada por um homem negro livre. Por encontrar-se completamente endividado, o homem vendeu sua propriedade e escravizados, mas manteve Baartjes, que foi exibida para soldados britânicos a troco de dinheiro (STRINGS, 2019). Endossa-se que esses soldados alimentavam-se das *inventadas* histórias sobre mulheres africanas, entre elas a “super-disposição” carnal e sexual. Dessa forma, além de assisti-la, esses homens sentiam-se confortáveis para tocá-la e ter relações sexuais com ela.

A proposta de levá-la para Londres em 1810 partiu do cirurgião militar escocês Alexandre Dunlop, que enganou o “proprietário” analfabeto de Saartjes Baartjes fazendo-o assinar papéis de contrato da sua empreitada e o coagindo para acompanhá-lo como produtor de espetáculos (*showman*). Encantado pelo corpo daquela mulher africana, Dunlop tinha em mente ganhar dinheiro com a preciosa Baartjes — em nenhum momento consultada da decisão

do “seu proprietário” e do cirurgião — no continente europeu que fervilhava de oportunidades para empresários da área de entretenimento. O cirurgião “promoveu Sara como uma curiosidade erótica e científica, um verdadeiro ‘*freak show* etnográfico”⁸⁵ (STRINGS, 2019, p. 91). Naquele momento, Baartjes tornava-se Vênus Hotentote, tendo da sua imagem (ficção) corpulenta e volumosa a representação única do corpo das mulheres do povo *Khoikhoi*.

Londres já sitiava exibições de pessoas imensamente gordas em *freak shows*, como o caso de “Daniel Lambert, que supostamente pesava mais de 300 quilos, exibindo-se como o ‘homem mais gordo vivo’, atraindo enormes multidões”⁸⁶ (STRINGS, 2019, p. 92). No entanto, Baartjes despertava o interesse que ia além do “grotesco”: os(as) ingleses(as) eram alucinados(as) pelo seu corpo, principalmente pelas nádegas protuberantes e pela curiosidade que existia em volta da “identidade racial peculiar” a que ela pertencia. Por um punhado a mais de dinheiro, eles(as) vorazmente a tocavam, alimentando o próprio prazer e fetiche com as mãos brancas. Nádegas grandes estavam em moda naquela época na Inglaterra, mas Saartjes Baartjes era um “caso à parte”, pois distinguia-se do padrão de beleza das mulheres europeias.

O controverso show de Dunlop (Figura 6), que vendia Saartjes como selvagem e sexual, durou alguns anos e foi um “tremendo” sucesso entre os(as) ingleses(as) e, mais tardar, para o naturalista e zoologista Georges Cuvier (1769-1832), “o homem responsável por transformar Sara em um totem de selvageria racial e sexual reconhecido internacionalmente. Seu ‘excesso’ de gordura foi usado como um sinal de sua primitividade.”⁸⁷ (STRINGS, 2019, p. 93).

Saartjes Baartjes viajou para Paris com um homem chamado Henry Taylor, pois, o *showman* que a acompanhava desapareceu e Dunlop morreu em 1812, deixando-a completamente sozinha. Alguns indícios mostram que Taylor a vendeu para um treinador de animais francês, conhecido como S. Réaux (Jean Riaux), que a exibiu de formas mais macabras que Dunlop, “abertamente” escravizando-a e prostituindo-a. Entretanto, as pesquisas da socióloga estadunidense Sabrina Strings apontam que Henry Taylor foi estimulado a enviar uma carta para Georges Cuvier, chefe do Museu de História Natural da França, uma vez que a entrada de Baartjes a tornara “famosa” na França.

Cuvier tinha uma paixão conhecida por estudos anatômicos comparativos. Sara estava sendo promovida como uma curiosidade erótica e científica. No entanto, ele inicialmente rejeitou o convite de Taylor. Mas, algum tempo depois, ele pôs os olhos

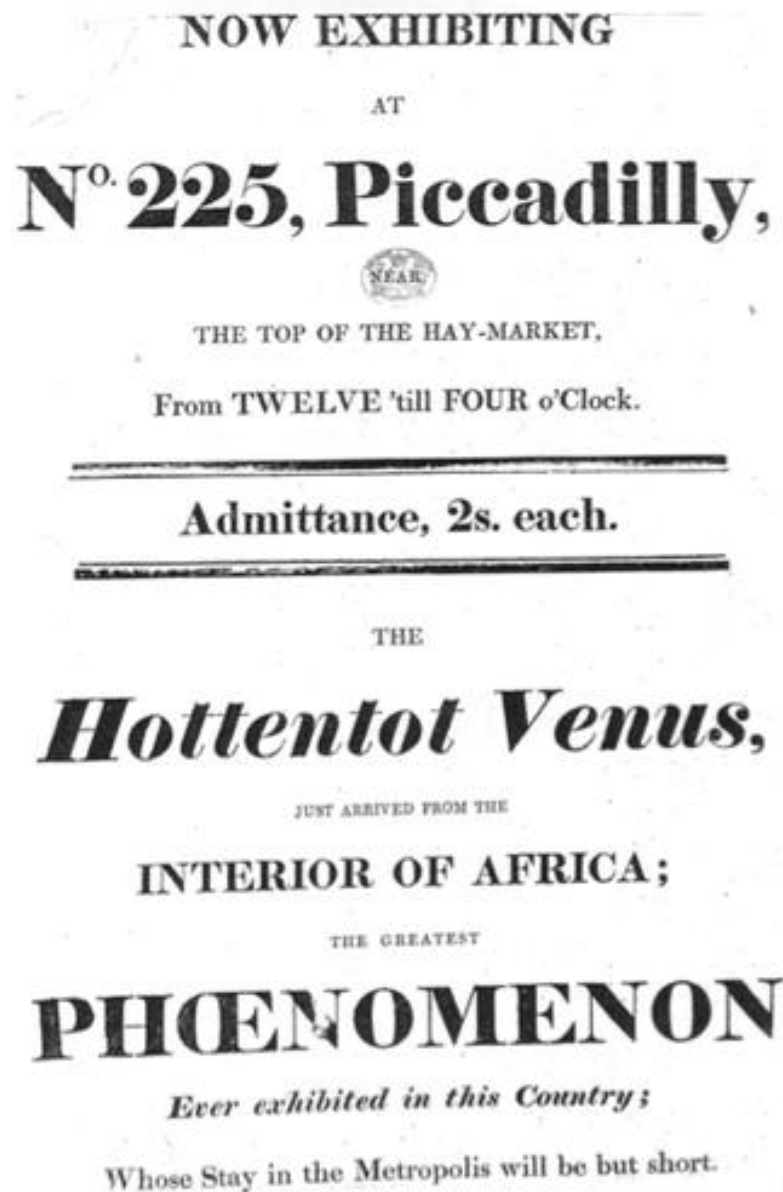
⁸⁵ “Promoted Sara as an erotic and scientific curiosity, a veritable ‘ethnographic freak show’” (STRINGS, 2019, p. 91)

⁸⁶ “Daniel Lambert, said to have weighed over seven hundred pounds, had exhibited himself as the “fattest man alive, drawing enormous crowds.” (STRINGS, 2019, p. 92)

⁸⁷ “The man responsible for turning Sara into an internationally recognized totem of racial and sexual savagery. Her ‘excess’ fat was used as one sign of her primitivity.” (STRINGS, 2019, p. 93)

em Sara pela primeira vez. Ela estava em exibição em um baile organizado pela Condessa Du Barrier. Para a ocasião, ela usava somente penas, dando-lhe a aparência de um pássaro exótico. Se Cuvier não estava interessado em Sara anteriormente, a visão dela vestida como uma ave atraente deve ter estimulado um profundo e permanente interesse por ela que a seguiria muito tempo após ter falecido.⁸⁸ (STRINGS, 2019, p. 95, tradução nossa)

Figura 6 - Um cartaz para a exposição Vênus Hotentote em Londres, que teria sido afixado nas ruas para anunciar a exposição, 1800



Fonte: Lysons (2017), com permissão da British Library.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Hottentot_Venus_Poster.png. Acesso em: 1 fev. 2023.

⁸⁸ “Cuvier had a known passion for comparative anatomical studies. Sara was being promoted as both an erotic and a scientific curiosity. Nevertheless, he initially rebuffed Taylor’s invitation. But some time later, he laid eyes on Sara for the first time. She was on display at a ball organized by Countess Du Barrier. For the occasion, she was wearing only feathers, giving her the appearance of an exotic bird. If Cuvier had previously been uninterested in Sara, the sight of her outfitted like an enticing fowl must have stimulated a deep and abiding interest in her that was to follow her long after she had been laid to rest.” (STRINGS, 2019, p. 95)

Dessa forma, Baartjes foi convidada por Cuvier para passar três dias no Museu de História Natural francês para ter seu corpo “estudado” junto a artistas convidados. A prática do modelo-vivo — apesar da aniquilação simbólica do corpo dela, produzida por todos esses atravessamentos — foi aplicada, capturando, medindo e anotando qualquer detalhe que saltasse aos olhos daqueles homens. Contudo, Saartjes negou o acesso a uma parte do seu corpo: a genitália alongada. As mulheres “khoi-san eram conhecidas também pela manipulação da sua genitália tornando seus grandes lábios hipertrofiados, apelidados de *tablier*, avental em francês” (DAMASCENO, 2008, p. 2). Cuvier teria acesso ilimitado a sua genitália somente após a morte da (inventada) Vênus Hotentote.

O ano de aniquilação de Saartjes Baartjes é incerto, assim como o ano de seu nascimento. Mas indicativos inscrevem que ocorreu um ano após a sua ida a Paris, em 29 de dezembro de 1815, devido a uma doença infectuosa causada pelo alcoolismo. A pesquisadora brasileira Janaína Damasceno (2008, p. 6) reflete que foi “destruindo-se que ela mostrava que ainda detinha poder sobre o seu corpo que não podia ser de todo controlado, assim ela resgatava tragicamente sua autenticidade”. Segundo Strings, Cuvier buscou o corpo de Baartjes na autópsia, declarando que a morte dera-se por uma queda. Inquestionavelmente, o corpo daquela mulher foi entregue à ciência como um pedaço de carne barata. O naturalista e zoologista, antes de dissecá-la, produziu um modelo de gesso em tamanho real, utilizando-o, junto de seu cérebro e genitália, para exibição pública em aulas e no Museu do Homem até 1974.

Tendo seu cadáver à sua disposição, ele decidiu cavar em sua cavidade corporal para escavar a verdadeira natureza de Sara e, por extensão, seu povo. Sara, na avaliação de Cuvier, não era um hotentote, mas um bosquímano. Ele havia decidido isso à maneira de seus antepassados, com base no que havia lido em relatos diversos e contraditórios de viajantes europeus sobre os povos bosquímanos e hotentotes. Esses relatos estabeleceram que apenas os bosquímanos tinham um *tablier* e “nádegas grandes e proeminentes.”⁸⁹ (STRINGS, 2019, p. 95, tradução nossa)

Foi somente em 2002, após grandes negociações e disputas, que o corpo de Saartjes Baartjes foi devolvido para a África para ser devidamente velado. Contudo, todos esses anos de violência, desde a Cidade do Cabo, Londres, França, e até lugares desconhecidos na narrativa da “história”, foram o bastante para transformar Baartjes em uma *apoteose grotesca* e inseri-la no *imaginário europeu* — por Cuvier e outros estudiosos anteriores — de que a negritude e outros povos não-ocidentais tinham conexão com a gordura, e os brancos com a magreza.

⁸⁹ “Having her corpse at his disposal, he determined to dig into her body cavity to excavate the true nature of Sara, and by extension, her people. Sara, in Cuvier’s estimation, was not a Hottentot but a Bushman. He had decided this in the manner of his forebears, based on what he had read in diverse and contradictory accounts by European travelers about Bushman and Hottentot peoples. These accounts had set forth that only Bushmen had a *tablier* and ‘large and prominent buttocks’”. (STRINGS, 2019, p. 95)

A GORDURA DO EUROPEU

Antes do fim da Idade Média os homens detinham o direito de serem gordos, com ressalvas, porque a adiposidade afirmava o *status quo* da burguesia e sua prosperidade. Ou seja, a Barriga Respeitável (burguês próspero) ≠ Barriga Vulgar (povos não-ocidentais). Foi com o passar do tempo que esse “privilégio” decaiu, principalmente com a interferência da moralidade e, mais tardar, a medicalização. A estigmatização da gordura se tornou muito mais violenta para as mulheres, pois, devido ao gênero, elas estavam mais expostas a uma imposição corporal. Com isso, não deveriam nem ser magras demais, porque a magreza remetia à morte, às doenças, à melancolia, contradizia a vitalidade e também tornava-se um entrave à gestação, e nem gordas excessivamente. Portanto, esperava-se o “equilíbrio” corporal, uma certa “densidade impalpável, característica prioritariamente do homem” (VIGARELLO, 2012, p. 84), visto que as mulheres “podiam eventualmente impor contenção e porte” (VIGARELLO, 2012, p. 84).

As medições do corpo nos séculos XVI e XVII, apesar de (ainda) não terem nenhum aspecto científico envolvido, ocorreram, primeiramente, através de acessórios como os anéis e, mais tardar, a partir das vestimentas. Dessa forma, sabia-se que a pressão nos dedos, ou seja, o desconforto que o anel poderia provocar nas mãos, era significativo para o aumento de peso; já as vestimentas, além de denunciar a fartura das partes corporais, eram ajustadas para dar a sensação de maior e menor tamanho. “O visível continua a importar mais, guiando a percepção: mudanças de forma têm precedência sobre alterações de peso” (VIGARELLO, 2012, p. 119), mas, propriamente no século XVII, pessoas muito gordas tinham um número limite de peso. Podemos notar, segundo as observações do médico alemão Daniel Sennert (1572-1637) ao descrever a *imperícia* de uma mulher (36 anos) pesando 480 libras⁹⁰ e de um homem com mais de 400 libras⁹¹ que não tinham “vergonha de aparecer em público”, que lentamente o excesso de peso foi sendo inserido no *rol de doenças* (VIGARELLO, 2012).

De acordo com Vigarello (2012, p. 121), os “livros de beleza do Renascimento são os primeiros a desenvolver o tema das linhas do corpo”. A barriga da mulher pós-parto passa a gerar uma certa preocupação, contrariando uma estética feminina da época, focada apenas no rosto e no busto. Esses desassossegos, assim como os “segredos de beleza” e, mais tardar, os regimes, têm viés social embutido. Ou seja, qualquer conselho de “cuidado” que fugisse da face, como maquiagens, por exemplo, assim como as próprias angústias da aparência de modo geral, era (criado e) destinado a um público privilegiado.

⁹⁰ Aproximadamente 217kg.

⁹¹ Cerca de 181kg.

O processo é simbólico, sublinhando o papel cada vez mais específico de uma beleza feminina “decorativa”, assim como igualmente específico das sanções que ela pode provocar, enfim a orientação da aparência feminina no sentido de acolhimento, do “interior”, da “ornamentação” da residência e dos aposentos, ao passo que a aparência masculina estaria voltada para o “exterior”, para o enfrentamento das coisas e das gentes. As diferenças são realçadas sem ambiguidade nos tratados de beleza do Renascimento: a força para o homem, a beleza para a mulher; para um “o trabalho da cidade e dos campos”, para outra “o serviço da casa”. Ao que se soma, evidentemente, o critério da silhueta “fina”, do “ventre firme e rijo, sem dobras ou rugas”. (VIGARELLO, 2012, p. 134)

Já existiam vestimentas para moldar o corpo antes dos espartilhos. Segundo Vigarello, espartilhos seriam a continuação desses moldes, muitas vezes feitos de placa de metal para esculpir o corpo e proporcionar o “esquecimento” e a “correção” da gordura abdominal. A questão curiosa – e muito relevante para esta pesquisa – envolvendo os espartilhos, não somente pela sua propriedade e, mais para frente, as polêmicas e proibições, é o quanto essa peça foi atravessada pelas intensas baleações dos séculos XVII e XVIII. Camila Dias explica que:

No que diz respeito à atividade baleeira, a exploração econômica da baleia foi uma importante prática na América portuguesa e também contribuiu para a ocupação e o povoamento da costa meridional da capitania. A carne da baleia, usada como alimento, infelizmente era vista como um subproduto, sendo consumida somente por escravos e pela população livre pobre (apesar da língua ser considerada uma importante iguaria e vendida à nobreza e ao clero europeu). As barbatanas eram utilizadas na confecção de indumentárias femininas e masculinas, como os espartilhos, saias, chapéus e em artefatos de batalha. Os ossos eram usados para a construção civil e, principalmente a partir do século XVIII, para a produção de móveis. O óleo de baleia serviu, especialmente, para a iluminação dos engenhos, de casas e fortalezas e para preparo de uma argamassa especial usada com pedras nas construções mais sólidas (DIAS, 2010, p. 132-133)

As “barbatanas” (barbas), filamento de queratina que funciona como filtragem para a alimentação das baleias franca, azul e jubarte, por exemplo, eram exportadas para o mercado da França e da Alemanha. O processo de extração se dava no arrancamento “do maxilar superior do animal ao início das operações, despojadas das carnes e das gorduras” (DIAS, 2010, p. 57).

Dessa forma,

Eram então colocadas em tanques apropriados onde permaneciam de molho na água. Esfregadas, limpas e secas ao sol eram, em seguida, armazenadas para exportação (...) Separadas em lotes conforme o tamanho, fervidas na água ou no próprio óleo da baleia, amolecidas, recortadas no comprimento e na espessura, secas e raspadas, eram compradas pelas manufaturas européias (...) Ao contrário da carne da baleia, a barbatana compunha junto com o óleo, um importante artigo (...) demonstrando que no interior da própria atividade baleeira havia uma hierarquização entre produtos, ou seja, enquanto a carne era subproduto da pesca da baleia, a barbatana e o óleo eram importantes para exportação, sendo considerados artigos de luxo na Europa. (DIAS, 2010, p. 57-58)

Utilizadas na canaleta do espartilho, as “barbatanas” (barbas), como podemos observar na peça francesa *corset* (Figura 7) do final da década de 1760, eram flexíveis, moldavam-se facilmente e traziam firmeza na amarração, ao contrário das estruturas anteriores. A indústria

dessas vestimentas era, sobretudo, projetada por homens dentro de “um padrão muito alto em meados do século XVIII”⁹² (THE METROPOLITAN..., 2002, tradução nossa).

Figura 7 - Presente da Sra. William Martine Weaver, espartilho, final da década de 1760. Seda, linho, couro, madeira e barbas de baleia



Fonte: The Metropolitan Museum of Art, 2002.

Os homens, além de percussores, também foram agraciados com espartilhos que eram utilizados por classes mais altas, principalmente por políticos e militares. Havia faixas para disfarçar a barriga, espartilhos e coletes, também feitos com as “barbatanas” (barba) de baleias. Alguns, inclusive, utilizavam mais de um colete para conseguirem uma cintura mais esbelta e o tronco mais robusto. Naquela época, os alfaiates foram “doutrinados” para cumprirem as solicitações da “moda” para o corpo masculino. Outra questão é que muitas caricaturas (Figura 8) foram criadas zombando o uso da peça, já que ela era relacionada ao dandismo, muito popular na Europa (principalmente na Grã-Bretanha).

⁹² “A very high standard by the middle of the eighteenth century”. (THE METROPOLITAN..., 2002)

Figura 8 - Caricatura “amarrando um dândi”, do artista George Cruikshank, 1819



Os caricaturistas simplesmente adoravam zombar deles, retratando seu estilo como um símbolo de excesso burguês inapropriado, feminilidade e possível homossexualidade, embora os críticos modernos sugerissem que a tendência era provavelmente evocada por uma expressão metrosexual do capitalismo de consumo precoce. Alimentando-se de uma rivalidade antiga entre ingleses e franceses, o humor britânico do século XIX também estereotipou os dândis franceses da moda como magros e subnutridos, contrastando-os com a virilidade dos britânicos bem nutridos.⁹³ (MCBRAYER, MESSY NESS, 2021, tradução nossa)

Essas colocações quanto ao tamanho da cintura ser associada ao grau de feminilidade, no caso, a magreza, gera uma contradição e complexidade maior ao observar as noções corporais do ocidente, pois se a gordura era (ainda é) uma tendência das mulheres, porque o excesso, diante de uma leitura externa (principalmente), retira delas a “feminilidade”? Forth, em entrevista para a Revista dObra[s] (2021), destacou que as suas primeiras observações sobre a gordura, o que hoje conhecemos por *Fat Studies*, aconteceu através dos estudos históricos de masculinidade, o que demonstraria que a adiposidade não é uma questão única do corpo feminino. Apesar disso, ele explana que

Os sentidos da gordura são ambíguos quando se trata de homens no Ocidente. (...) Meninos e homens são encorajados a expulsar gordura “feminina” de seus corpos, mas em vez de se esforçar pela dureza reconfortante do osso (como se vê frequentemente na anorexia), eles parecem mais inclinados a substituir a gordura por músculos. (FORTH; AIRES, 2021, p. 213-214)

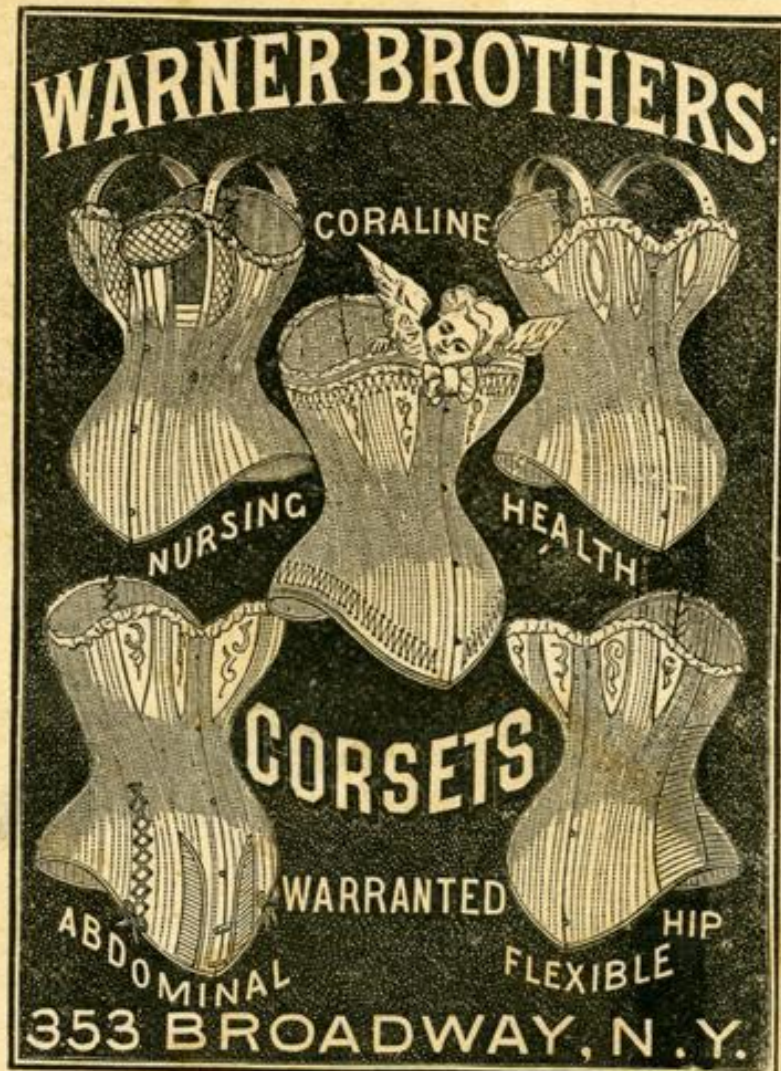
Os espartilhos com “barbatanas” (barbas) de baleias tornam-se escassos com o declínio da baleação, por volta do século XIX. Surgem, então, outros materiais para substituir as barbas, como: as fibras vegetais extraídas da Agave e da Yucca, conhecida como *Ixtle*. Essas peças com novo material, principalmente pelo *marketing* dos *Coraline Corsets* (Figura 9), empresa dos irmãos médicos estadunidenses Lucien Calvin e Ira De Ver Warner (*Warner Brothers*), passam a ser vistas como mais “saudáveis”, traçando abeiramento com a medicina do final do século.

Os irmãos Warner preferiam que as mulheres parassem de usar esses dispositivos completamente, mas isso provavelmente não aconteceria. Então Lucien, que havia largado seu emprego para dar palestras sobre os efeitos médicos adversos do espartilho, inventou uma versão mais flexível, usando fibras vegetais “*Coraline*” e um design engenhoso para que os usuários alcançassem a mesma forma sem o deslocamento de órgãos e dor que causa morte nervosa.⁹⁴ (LEHMAN, s.d., tradução nossa)

⁹³ “Caricaturists simply loved to mock them, portraying their style as a symbol of inappropriate bourgeois excess, effeminacy, and possible homosexuality, although modern critics suggest the trend was likely evoked by a metrosexual expression of early consumer capitalism. Feeding into a longstanding rivalry between the English and French, 19th century British humour also stereotyped fashionable French dandies as thin and underfed while contrasting them with the manliness of well-nourished Britons.” (MCBRAYER, MESSY NESS, 2021)

⁹⁴ “The Warner brothers preferred that women stopped wearing these devices completely, but that wasn’t likely to happen. So Lucien, who had quit his job to lecture on the adverse medical effects of the corset, invented a more flexible version, using “*Coraline*” plant fibers and an ingenious design for wearers to achieve the same shape without the organ-shifting and nerve-deadening pain.” (LEHMAN, s.d.)

Figura 9 - Publicidade para o "Coraline Corset", de Warner Brothers, 1885



\$10.00 REWARD

will be paid for any Corset in which the Coraline breaks with six months' ordinary wear. It is elastic, pliable, and very comfortable, and is not affected by cold, heat or moisture. The public are cautioned against worthless imitations boned with common cord.

FOR SALE BY

H. B. EDWARDS & CO., Amherst, Mass.

Despretensiosas formas de medir a gordura surgem com a percepção individual do corpo adiposo a partir do Iluminismo. O volume começa a ser avaliado sem negociações, concebendo inúmeras advertências acerca do tamanho. Dessa forma, o excesso passa a ser compreendido pelo viés da impotência e inutilidade, ou seja, um corpo “supérfluo da civilização” (VIGARELLO, 2012). Apesar de a cultura das dietas não estar em voga nesse período — mesmo com a invenção das cintas, corpetes e espartilhos e dos regimes com vinagre e limão para eliminar a gordura abdominal — os números e a hierarquização das formas têm frequência nas referências médicas e são socialmente simbolizadas nas gravuras e nos quadros.

De certa maneira, o iluminismo orienta o que, mais tardar, se projetará como massa corporal e medida, considerando estatura e peso. Vigarello destaca que, mesmo com a intenção de objetividade daquela época, os números ainda foram concebidos pelo olhar da forma do corpo, sendo cabível, por exemplo, uma maior atenção aos gordos maiores. Com isso, “é a visão, a observação do invólucro, antes de mais nada, que busca número; o peso remete a referências mais complexas” (VIGARELLO, 2012, p. 195, grifo nosso). O sociólogo ainda denomina que a cultura estava ligada por um “imaginário que leva para o mundo industrial”, mas é necessário não se esquece de que esse imaginário estava sendo apenas atualizado.

A patologização do corpo gordo foi um gesto contínuo para estabelecer que esse imaginário pudesse refletir em algo mais lógico e “inquestionável”. Com isso, a partir do século XIX, as categorias são deliberadas e “uma revisão profunda dos mecanismos fisiológicos é esboçada (...) ela leva a pensar de modo diferente tanto as causas como a prevenção da gordura” (VIGARELLO, 2012, p. 220).

Os tratamentos históricos da dieta vitoriana geralmente se concentram na medicalização da “obesidade” possibilitada pela quantificação dos estados corporais em relação às normas biomédicas e sua relação com as necessidades dos Estados. A medicalização da gordura andou de mãos dadas com sua quantificação, que surgiu da ascensão da medicina química no século XVI para se tornar mais desenvolvida por volta de 1800. Embora nesta época muitos elementos do antigo modelo humoral do corpo já tivessem sido descartados, alguns de seus componentes essenciais foram retidos e reformulados em referências a temperamentos individuais. Importante também é o surgimento de bases estatísticas para determinar o peso adequado da pessoa “normal”, que ganharia mais impulso no século XX. (...) Tais mudanças contribuíram para uma compreensão biopolítica dos corpos como entidades quase-mecânicas, capazes de serem geridas pelo Estado e levadas a funcionar eficientemente na economia.⁹⁵ (FORTH, 2012, p. 208, tradução nossa)

⁹⁵ “Historical treatments of Victorian dieting usually focus on the medicalization of ‘obesity’ made possible by the quantification of bodily states in relation to biomedical norms and their relationship to the needs of states. The medicalization of fatness went hand-in-glove with its quantification, which grew out of the rise of chemical medicine in the sixteenth century to become more fully developed around 1800. Although by this time many

As noções da Europa, racistas e contraditórias, sobre a corpulência — assim como as “novas formas” de combater a “obesidade” — atravessaram o oceano e tornaram-se enraizadas em outros países, sobretudo na América do Norte, explicita Forth. À vista disso, os Estados Unidos reproduziram a *imaginação colonial*, espelhando violências e distorções — atualizando-as incessantemente — quanto ao corpo gordo. Sabrina Strings aponta que, para alguns estadunidenses, principalmente entre mulheres brancas da elite, o desejo pela magreza se tornou sinônimo de identidade nacional, desvelando um legado histórico da aversão à gordura que atravessa raça, gênero e classe social. Consequentemente, “o medo da imaginada ‘mulher negra gorda’ foi criado por ideologias raciais e religiosas que têm sido usadas tanto para degradar as mulheres negras quanto para disciplinar as mulheres brancas”⁹⁶ (STRINGS, 2019, p. 6, tradução nossa). As elites (brancas) atribuem a gordura ao primitivo e ao selvagem, por isso estão sempre atrás da magreza, inventando formas de delinear o próprio corpo e persuadir os corpos dos demais.

O Brasil, muito influenciado pelos Estados Unidos e as grandes estrelas de Hollywood, tornou a gordura explicitamente vergonhosa a partir de 1920, segundo a pesquisadora Denise B. Sant'Anna. A publicidade foi o maior veículo de divulgação sobre os malefícios do corpo gordo, expondo “conselhos emagrecedores e de anúncios de cintas e massagens para promover a esbelteza” (SANT' ANNA, 2016, p. 68). Por exemplo, a peça publicitária do remédio para emagrecer (Figura 10), muito popular no final da década, brinca com as palavras *Emagrina* + Imaginar = *Emaginar*. Supõe-se, então, a associação com “Imagine-se Magra/Emagrecendo” ou “Lembre-se (imagine) de alguém gorda que precisa emagrecer”. A linguagem é direta quanto aos “prejuízos” da gordura à saúde e estética (especialmente) das mulheres, pois “uma senhora gorda tem menos atractivo” (sic).

elements of the ancient humoral model of the body had been discarded, some of its core ingredients were retained and reworked in references to individual temperaments. Important, too, is the rise of statistical bases for determining the proper weight of the ‘normal’ person, which would gain more momentum in the twentieth century. (...) Such changes contributed to a biopolitical understanding of bodies as quasi-mechanical entities capable of being managed by the state and made to function efficiently in the economy.” (FORTH, 2012, p. 208)

⁹⁶ “The fear of the imagined “fat black woman” was created by racial and religious ideologies that have been used to both degrade black women *and* discipline white women.” (STRINGS, 2019, p. 6)

Figura 10 - Comprimidos para emagrecer, peça publicitária de 1927

Deseja emmagrecer ou conhece alguém que o queira?

O excesso de gordura provoca diversas moléstias: Coração, fígado, diabetes, etc., diminui a eficiência de trabalho e prejudica a estética (uma senhora gorda tem menos atractivo).



EMAGRINA
(comprimidos) — auxilia poderosamente o emmagrecimento, não prejudica o organismo e é acompanhada de um regime muito util.

Fonte: Cinearte, n. 93, 7 dez. 1927.

Junto a isso, veio a inserção da importância e necessidade de se pesar. Controlar o próprio peso era recomendado para manter-se nas normas de comportamento socialmente corretas. Sant'Anna demonstra que a solicitação de se pesar torna-se indicado principalmente às mulheres. Com isso,

Quanto mais elas conquistaram o direito de ser sujeitos de seus próprios destinos, afirmando-se como produtoras e não apenas como reprodutoras, os cuidados como o corpo pessoal — incluindo seu peso, sua saúde e aparência — tornaram-se a comprovação de suas autonomias, adquiridas ou que precisavam sê-lo. Ou seja, a balança passou a representar um meio de contribuir para que cada mulher cuidasse sozinha do próprio corpo, legitimando a necessidade de um controle diário e minucioso sobre a aparência física. (SANT' ANNA, 2016, p. 78)

A implementação das dietas, o uso da balança, as publicidades na década de 1920, o paradoxo da fome e da miséria — até com o que re/conhecemos atualmente em volta da gordura — situa que a historicização da gordura no Brasil ainda carrega uma perspectiva branca, elitizada e hetonormativa, enquadrando o corpo corpulento como um “problema” apenas das áreas da saúde e estética (padrões de beleza). Dessa forma, além de existir lacunas, parte-se da barriga respeitável (burguês próspero), ignorando completamente a herança da *imaginação*

colonial, onde as diretrizes de normatividades foram (ainda são) guiadas pela (elite) império, sendo concebidas na Europa e exportadas, se não rasgadas e invadidas, para as Américas.

Considerando desde os relatos dos viajantes sobre a gordura dos povos não-ocidentais até a expansão médico-científica da gordura europeia, é perceptível a existência de uma tríade governante dos corpos, primordial para fundar (e sustentar) o imaginário sobre a corpulência, sendo: a moralidade ↔ a estética ↔ a ciência. Torna-se evidente o quanto a *imaginação colonial* norteia a historicização do corpo gordo pela perspectiva do Ocidente não somente nos séculos passados, mas também nos dias atuais. Portanto, a *fat phobia*, assim como a proliferação de academias, *coaches* de emagrecimento, dietas das celebridades, as cirurgias plásticas e os remédios, o discurso do “corpo saudável”, os filtros d/e retoques que esguiam o corpo e clareiam a pele, toda essa ojeriza relativamente à gordura, não decorre apenas do setor da saúde e da beleza. Decorre, sim, de uma construção (e controle) dos corpos e um ideal de humanidade civilizada, sendo ela: branca, heteronormativa, cisgenera, etc.

BARRIGA

BALEIAS MONTANHOSAS

As baleias não conseguem engolir uma pessoa. As orcas, normalmente nomeadas como “baleias-assassinas”, mas que são da família dos golfinhos, não atacam e, também, não podem engolir uma pessoa. Isso se dá porque elas engolem a presa inteira e, sobretudo, porque humanos não fazem parte da sua cadeia alimentar. Porventura, tecnicamente, os cachalotes poderiam realizar essa tarefa, pois o esôfago desses animais são maiores, tanto que eles se alimentam de lula-gigante, tubarões, merluza, polvo, etc. Ainda assim, tratam-se de especulações, pois cachalotes são animais de profundidade e seu avistamento, apesar de não ser totalmente impossível, é raro (HOBSON, 2021).

Histórias de engolimento causado por baleias são comuns no imaginário humano, tanto que, se falamos de baleias, logo lembramos de Jonas que foi engolido por um “peixe grande” ou do Pinóquio e seu pai, Gepeto, ingeridos por um cachalote na animação produzida pela Disney. Todavia, os relatos de pessoas que estiveram literalmente na boca de uma baleia, mas que não foram engolidos por motivos óbvios, criam certas conexões com essas imaginações, alongando significados e envolvendo questões, inclusive, pessoais. Em 2019, na cidade de Port Elizabeth (África do Sul), o operador de mergulho turístico, Rainer Schimpf, foi tragado por uma baleia-de-bryde. Schimpf relatou aos jornais que

Eu estava tentando tirar uma foto de um tubarão passando por uma bola de isca e, no momento seguinte, escureceu e senti uma certa tensão quando imediatamente percebi que uma baleia tinha me capturado. Identifiquei uma pressão no meu quadril, em uma situação como essa não havia tempo para temer – é preciso recorrer ao instinto.⁹⁷ (SHAKHNAZAROVA, 2019, tradução nossa)

Outra situação parecida ocorreu na Califórnia (EUA) em 2020, com Julie McSorley e Liz Cottriel. As duas estavam praticando canoagem quando uma baleia jubarte abriu a boca para devorar alguns peixes e acabou, acidentalmente, as capturando (GONZALEZ, 2020). Seguidamente, no ano de 2021, em Massachusetts (EUA), a história do pescador Michael Packard acabou ganhando espaço nos portais dos principais jornais de notícias dos EUA e internacionais. Packard passou cerca de 30 a 40 segundos na boca de uma jubarte, teve lesões leves e, assim como Schimpf, relatou que sentiu tudo ficar escuro (A INCRÍVEL..., BBC, 2021)⁹⁸. Em todos os casos, as baleias cuspiram essas pessoas que não fazem parte da sua alimentação habitual. Além disso, todos eles citaram alguma mudança pessoal significativa ou,

⁹⁷ “I was trying to get a shot of a shark going through the bait ball and then the next moment it got dark and I felt some pressure when I instantly knew, a whale had grabbed me. I could feel the pressure on my hip, there is no time for fear in a situation like that – you have to use your instinct.” (SHAKHNAZAROVA, 2019)

⁹⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-57453660>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ao menos, perceberam que estar em um ambiente de alimentação das baleias, algumas vezes, pode significar uma experiência extraordinária e aterrorizante (talvez nem tão extraordinária para os cetáceos).

Figura 11 - Navio atracado em uma baleia confundida com uma ilha em bestiário do início do século XIII



Fonte: Bestiário de Gerald de Gales, British Library. Disponível em: <https://www.bl.uk/medieval-english-french-manuscripts/articles/beastly-tales-from-the-medieval-bestiarium>. Acesso em: 1 fev. 2023.

Ademais, podemos perceber que no imaginário, pelo menos no que diz respeito a uma perspectiva ocidental, atravessada por referências bíblicas, literárias e imagéticas, a boca da

baleia – já que o interno da barriga seria algo inalcançável – funciona como um catalisador de transformações. Quem entra em contato com uma baleia, principalmente sua enorme boca, nunca mais é o mesmo. Para tanto, também podemos recorrer aos bestiários⁹⁹, “um tipo de manuscrito que continha descrições de mais de cem animais, detalhando suas características e hábitos, bem como lições morais alegóricas associadas”¹⁰⁰ (BRITISH LIBRARY, 2019, tradução nossa), e as ilustrações dos mapas medievais onde as baleias eram “confundidas” com ilhas/montanhas (Figura 11).

As ilustrações das baleias nos primeiros bestiários medievais variam muito, mas frequentemente assumem a forma de uma espécie de peixe monumental, com barbatanas, cauda e uma grande barriga. Conforme a descrição de um manuscrito feito no início do século XIII, o corpo da baleia é tão grande que marinheiros desprevenidos a confundem com terra e ancoram seus navios em suas costas. Ao acenderem fogueiras, a criatura sente o calor das chamas e mergulha sob as ondas, arrastando os marinheiros para sua morte.¹⁰¹ (BRITISH LIBRARY, 2019, tradução nossa)

À vista disso, “o comentário em bestiários medievais associava a baleia com o Diabo, que igualmente ludibria e seduz os pecadores, arrastando-os consigo para as profundezas do Inferno”¹⁰² (BRITISH LIBRARY, 2019, tradução nossa), e essa percepção dava-se, primeiramente, pela moralidade cristã e, depois, devido à forma desses mamíferos marinhos se alimentam, quando abrem a boca e engolem o alimento por inteiro. Para muitos, o mar era um território a ser cristianizado. A exemplo disso, temos a ilustração do santo monástico irlandês Brendan de Clonfert (c. 484-577) rezando uma missa nas costas de uma baleia (Figura 12). St. Brendan, como foi conhecido, foi destinado a fazer uma viagem para uma ilha chamada “Terra da Promessa dos Santos”.

St. Brendan viajou com aproximadamente dezessete monges, sendo quatorze escolhidos por ele e mais três que o seguiram até o ponto de embarcação. A primeira parada ocorreu após quarenta dias de navegação com a aparição de uma ilha. Todos estavam com muita fome, pois a comida havia acabado. Nessa ilha ao sul, onde passaram três dias e três noites, Brendan foi guiado através de um cachorro até um salão com mobílias, comida e conforto. O santo monástico disse aos seus homens que Deus enviou o cachorro para guiá-los, que deveriam

⁹⁹ No canal do YouTube da Biblioteca Britânica está disponível uma animação sobre as baleias, inspirada em um bestiário ilustrado: https://www.youtube.com/watch?v=4rm42Aev0_s

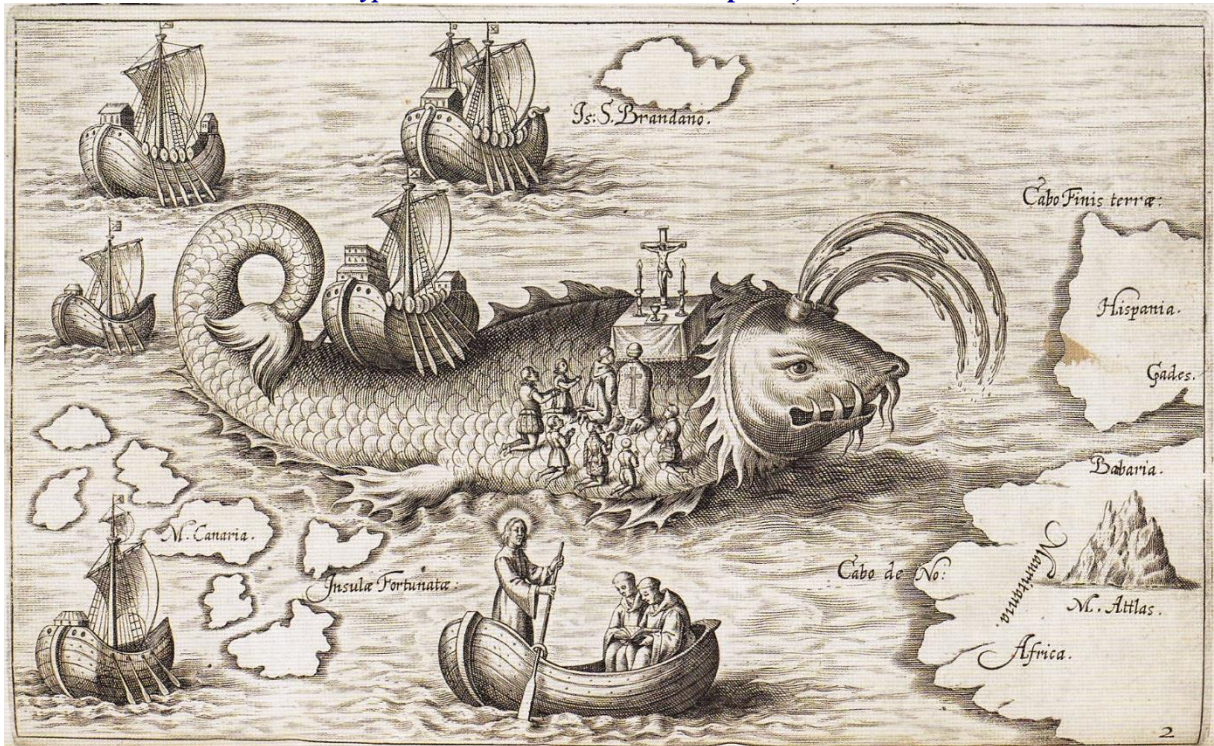
¹⁰⁰ “A type of manuscript that contained descriptions of over a hundred animals, detailing their characteristics and habits, as well as associated allegorical moral lessons.” (BRITISH LIBRARY, 2019)

¹⁰¹ “Illustrations of the whale in early medieval bestiaries vary greatly, but they often take the form of a type of enormous fish, with fins, a tail and a huge belly. According to one description in a manuscript made during the early 13th century, the whale’s body is so large that unwary sailors mistake it for land and anchor their ships on its back. When they light fires, the creature feels the heat of the flames and dives beneath the waves, dragging the sailors to their deaths.” (BRITISH LIBRARY, 2019)

¹⁰² “The commentary in medieval bestiaries associated the whale with the Devil, who similarly deceives and lures sinners, dragging them down with him to the depths of Hell.” (BRITISH LIBRARY, 2019)

comer e descansar para seguirem a viagem de destino. Porém, também os alertou ser necessário manter a atenção para as tentações do Diabo. No caso, o tihoso da ilha descrito na história de Brendan era a aparição de um menino etíope fazendo malabarismo com um objeto de prata (WEBB *et al.*, 1998).

Figura 12 - Navio de St. Brendan nas costas de uma baleia, e seus homens rezando, na navegação *Nova typis transacta* de Honorius Philoponus, 1621



Fonte: Imagem do livro “*Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*”, de Chet Van Duzer, The British Library. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sea_Monster_Chet_Van_Duzer.jpg. Acesso em: 07 fev. 2023.

O santo monástico e seus monges seguiram viagem. Em todas as ilhas em que eles realizaram alguma paragem, conseguiam comida, conforto para o descanso e alguém que os servissem com mais suprimentos para o tão esperado destino. Apesar de normalmente serem bem recebidos nas ilhas, é notável que St. Brendan orienta que os seus homens não se esbaldem tanto em comida e água para que o mal não os aconteça. Por exemplo, em uma ilha que avistam depois de três dias navegando quase sem suprimentos, o santo abençoa o local e enuncia: “Que refrigério Deus preparou para nós depois de todo o nosso trabalho! Peguem peixe suficiente para o jantar, assem-no e preparem a salada e raízes para acompanhar”¹⁰³ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa). Em seguida, adverte-os enquanto mexe na água: “Tenham cuidado,

¹⁰³ “What refreshment God has prepared for us after all our toil! Catch enough fish for supper, roast it, and pick salad and roots to go with it.” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

irmãos, para não beberem demais desta água, para não fazer mal a vocês”¹⁰⁴ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa). Porém, os monges não levaram a sério as orientações do abade e se esbanjaram na água, muitos deles adormeceram durante vários dias na ilha. Com isso, St. Brendam suplicou aos céus em orações para que seus homens pudessem acordar. Todos esses encontros era um sinal de Deus, segundo o santo.

O mais temido encontro ocorreria pela primeira vez após três dias em uma ilha dotada de ovelhas e cabras.

A ilha era rochosa e nua, quase não havia um grão de areia na praia e apenas uma árvore ocasional aqui e ali. Os monges desembarcaram e passaram a noite inteira rezando ao ar livre, mas Brendan permaneceu a bordo. Ele sabia perfeitamente que tipo de ilha era, mas se absteve de contar aos outros, para que não se assustassem. (...) Quando amanheceu, ele disse aos monges que eram sacerdotes e para cada um rezar sua própria missa, e assim o fizeram. Depois que Brendan celebrou a missa no barco, os monges tiraram do *coracle*¹⁰⁵ os pedaços de carne e peixe crus, que trouxeram da outra ilha, e os salpicaram com sal. Em seguida, eles acenderam uma fogueira e colocaram uma panela de cozimento em cima dela. Quando eles acenderam o fogo com gravetos e a panela começou a ferver, a ilha começou a se comportar como uma onda. Os monges correram em direção ao barco, implorando ao abade que os protegesse. Ele os arrastou um a um e eles partiram, deixando para trás todas as coisas que haviam levado para a costa. A ilha afastou-se através do mar e, após percorrer mais de três quilômetros, os monges ainda podiam ver o fogo queimando intensamente. Brendan esclareceu a situação: “Irmãos, o comportamento da ilha os surpreendeu?”

“De fato, sim! Estamos quase petrificados de medo.”

“Não tenham medo, meus filhos”. Ontem à noite, Deus me revelou o significado dessa maravilha em uma visão. Não foi em nenhuma ilha que pousamos, mas naquele animal que é a maior de todas as criaturas que nadam no mar. Chama-se *Jasconius*.¹⁰⁶ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa)

Jasconius é “um nome próprio, derivado do irlandês ‘lase’ = peixe”¹⁰⁷ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa). Dessa forma, poderíamos compreender essa palavra como uma

¹⁰⁴ “Be careful, brethren, not to drink too much of this water, in case it does you harm.” (WEBB *et al.*, 1998, n.p.).

¹⁰⁵ *Coracle* é um antigo barco irlandês.

¹⁰⁶ “The island was rocky and bare, there was hardly a grain of sand on the beach and only an occasional tree here and there. The monks landed and passed the whole night in prayer in the open, but Brendan stayed on board. He knew perfectly well what kind of an island it was but refrained from telling the others, lest they should take fright. When morning came, he told the monks who were priests each to say his own mass, and this they did. After Brendan had sung mass in the boat, the monks took out of the coracle joints of raw meat and fish which they had brought over with them from the other island, and sprinkled them with salt. Then they lighted are and put a cooking-pot on it. When they had built the fire up with sticks and the pot began to boil, the island started to heave like a wave. The monks ran towards the boat, imploring their abbot to protect them. He dragged them in one by one and they set o, leaving behind all the things they had taken ashore. The island moved away across the sea, and when it had gone two miles and more the monks could still see their re burning brightly. Brendan explained the situation: ‘Brethren, does the island’s behaviour surprise you?’

‘Indeed it does! We are almost petried with fright.’

‘Have no fear, my sons. Last night God revealed to me the meaning of this wonder in a vision. It was no island that we landed on, but that animal which is the greatest of all creatures that swim in the sea. It is called *Jasconius*.’ (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

¹⁰⁷ “A proper name, derived from the Irish ‘lase’ = ‘fish’” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

espécie de “peixe-ilha”. St. Brendan com os monges, segundo a enunciação de um pássaro, deveriam passar a Páscoa no “peixe-ilha”, repetindo esse retorno durante os seis anos seguintes. Somente após essa jornada eles poderiam encontrar a “Terra da Promessa dos Santos”. A narração da viagem de St. Brendan não segue uma linearidade, ao menos no que diz respeito a anos e ciclos. Percebe-se a passagem de tempo conforme as chegadas, partidas e orientações dadas por quem os recebe e, também, vindas das projeções espirituais do santo. Dessa forma, quando retornam a *Jasconius* para cumprir o segundo ano, além de encontrarem as coisas que deixaram para trás desde a última visita, o abade orienta os seus homens: “Meus queridos filhos, vigiem e rezem, para que não caiam em tentação. Lembrem-se de como Deus, sem o menor problema, domou, para nosso benévolo, a fúria de uma besta monstruosa”¹⁰⁸ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa). Nessa passagem, aparentemente, não ocorre nada de “assustador”. Porém, após visitar o “peixe-ilha”, Brendan retorna para a Ilha das Aves, onde o mesmo pássaro enuncia outra mensagem a ele:

Deus traçou quatro lugares para você, um para cada uma das quatro estações do ano, onde você permanecerá todos os anos sucessivos até que sua peregrinação termine. Quinta-feira Santa você passará com seu mordomo; a vigília pascal é passada no dorso da baleia; você ficará conosco na Páscoa até a oitava de Pentecostes; e o Natal você passará com a Comunidade de São Ailbe. Depois de sete anos, não sem grandes e diversas provações, você encontrará a Terra da Promessa dos Santos que há muito tempo você procura. Lá você ficará por quarenta dias e então Deus o levará de volta ao país de seu nascimento.¹⁰⁹ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa)

O santo e seus monges pareceram aliviados e agradecidos depois da mensagem que, de certa forma, detalhou a jornada de maneira menos “misteriosa”. O maior desafio nessa travessia era lidar com o monstro/a besta marinha (baleia) e com as tentações maléficas do Diabo que apareciam pela ordem da gula ou na imagem de pessoas não-brancas, como o caso do menino etíope que aparentava oferecer uma joia aos monges, os fazendo cometer roubo, ou quando chegaram a uma ilha pedregosa, onde o abade se sentiu imensamente aflito, pois, apesar dos ventos de Deus os levarem para esse lugar, St. Brendan intuía o “mal”.

Ele rezou: “Senhor Jesus Cristo nos liberte desta ilha”. Mal havia terminado a oração quando um dos habitantes, um homem muito moreno, de aspecto malévol e rosto vermelho brilhante, saiu de uma forja para realizar uma ou outra tarefa. Ele avistou o *coracle* se aproximando e voltou. St. Brendan crucificou-se novamente. “Meus

¹⁰⁸ “My dear sons, watch and pray, lest you fall into temptation. Remember how God, without the slightest trouble, tamed, for our benet, the fury of a monstrous beast.” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

¹⁰⁹ “God has mapped out four places for you, one for each of the four seasons of the year, where you shall stay every successive year till your pilgrimage is at an end. Maundy Thursday you spend with your steward; the Easter vigil is passed on the back of the whale; you are here with us from Easter till the octave of Pentecost; and Christmas you spend with the Community of St Ailbe. After seven years, not without great and diverse trials, you will find the Land of Promise of the Saints which you have sought so long. There you will stay for forty days and then God will take you back to the country of your birth.” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

filhos”, gritou ele, “vamos fugir deste lugar”. Ele havia acabado de terminar a frase quando o selvagem desceu correndo para a praia carregando um enorme pedaço de escória em chamas em um par de pinças. Ele a atirou no barco, mas a escória passou por cima de suas cabeças e caiu cerca de um metro de distância deles. Atingiu a água e ferveu como uma brasa viva de um vulcão. A fumaça subiu do mar como de uma fornalha ardente.

Quando o barco navegou cerca de uma milha de onde a escória caiu, todos os habitantes da ilha correram para a praia, cada um carregando uma resplandecente massa de escória. Alguns apontavam para os servos de Deus, mas o resto atirou as brasas uns nos outros. Em seguida, eles correram de volta para as forjas e as acenderam. Rapidamente toda a ilha era como uma fornalha ardente e o mar sibilava como um caldeirão de ensopado fervendo em fogo forte. Durante todo o dia, um longo lamento pôde ser ouvido. Um odor insuportável e fétido emanava da ilha e ainda era perceptível após perdê-la de vista. Brendan tentou consolar o seu rebanho: “Soldados de Cristo, vistam as armas espirituais e permaneçam firmes na fé sem hipocrisia. Vigiem e façam-se homens, pois estamos nos portões do inferno¹¹⁰ (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa)

St. Brendan rezava pedindo misericórdia a Deus toda vez que encontrava qualquer pessoa/povo ou criatura que ultrapassasse o reflexo de si mesmo. Inclusive, podemos induzir à reflexão que, anterior ao “homem” como imagem absoluta do humano, o cristão era autorreferência de humanidade (PATERNIANI *et al.*, 2022). A viagem do santo, ao todo, foi atravessada por provações dadas por Deus. Dessa forma, em um dos encontros tempestuosos com o “monstro marinho”, ondas arrasadoras – provocadas pelo imenso corpo do animal – ameaçaram o barco dos monges. Novamente, Brendan esbravejou suas orações:

Senhor, livra agora os teus servos, como outrora livraste Davi das mãos do gigante Golias. Livra-nos, ó, Senhor, como resgataste Jonas do ventre de uma grande baleia. (...) Meus filhos, olhem para as maravilhas de Deus Todo-Poderoso. Vejam como as criaturas obedecem ao seu Criador. A luta terminará em breve e, longe de ser nociva, vocês conseguirão estabelecer este acontecimento como uma das glórias de Deus¹¹¹. (WEBB *et al.*, 1998, n. p., tradução nossa)

¹¹⁰ “He prayed: ‘Lord Jesus Christ deliver us from this island.’ Hardly had he nished the prayer when one of the inhabitants, a very swarthy, evil-looking man, with a bright red face, came out of a forge to perform some task or other. He caught sight of the coracle approaching and turned back. St Brendan crossed himself again. ‘My sons,’ he shouted, ‘let us flee from this place. Up with the sails and row as fast as you can.’ He had just finished the sentence when the savage rushed down to the beach carrying a huge piece of blazing slag in a pair of tongs. This he hurled at the boat, but it shot over their heads and fell about a furlong beyond them. It struck the water and seethed like a live ember from a volcano. Smoke rose up from the sea as from a fiery furnace.

When the boat had sailed about a mile from where the slag fell, all the inhabitants of the island rushed down to the beach, each carrying a glowing mass of slag. Some aimed at the servants of God, but the rest pelted the embers at each other. Then they ran back to the forges and set them alight. Soon the whole island was like a blazing furnace and the sea hissed like a cauldron of stew boiling over a good fire. All day a long drawn-out wail could be heard. An intolerable, fetid stench emanated from the island and was still perceptible after they had lost sight of it. Brendan tried to comfort his flock: ‘Soldiers of Christ, put on spiritual arms and stand firm in faith unfeigned. Watch and play the man, for we are at hell’s gates.’” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

¹¹¹ “Lord, deliver your servants now, as of old you delivered David out of the hand of the giant, Goliath. Deliver us, O Lord, as you rescued Jonah from the belly of a great whale. (...) My sons, look at the wonders of Almighty God. See how the creatures obey their Creator. The fight will soon be over and, far from its being harmful, you will be able to set down this event as one of the glories of God.” (WEBB *et al.*, 1998, n. p.)

A baleia foi ferida em três partes e, em seguida, se afastou dos servos. Sem dúvidas, essa não era a “dócil” *Jasconius* que, apesar de despertar o medo dos monges, o abade dizia estar ajudando-os na missão, pois Deus podia domar a besta marinha. *Jasconius* necessitou ser mansa para que o corpo dela pudesse ser habitado sem nenhuma reivindicação, a não ser quando os monges acenderam a fogueira, e hospedado pelas visitas dos homens iluminados. A pesquisadora Nina Vieira Portugal Azevedo, na tese “A taxonomia da baleação portuguesa entre os séculos XV e XVIII: Uma história atlântica do mar, das baleias e das pessoas”, expressa que “a própria definição de monstro é em si complexa, e pode referir-se a diferentes atributos de uma determinada criatura ou entidade” (AZEVEDO, 2020, p. 59). O monstro habita a fronteira da normatividade, pois a existência monstruosa é expansiva, excessiva e não cabe na regularidade imposta por aqueles que espelham as noções do que seria “normal”. Dessa forma, “a baleia é, na verdade, um excesso. Grandiosa, desmesurada, assustadora” (AZEVEDO, 2020, p. 59). O mar, a baleia e os povos não-brancos (esses já destinados a servirem ao Diabo pela sua cor e selvageria) tornam-se instrumentos de moralidade nas mãos onipresentes de Deus. Portanto, são objeto de Sua ira ou de Sua complacência, onde proporciona imaginários de temores ou bênçãos para os cristãos, devido ao maniqueísmo projetado em vidas que excedem as noções de normalidade.

AS GENTES E A APARIÇÃO DE BALEIAS: TRÊS CASOS BRASILEIROS

O que significa a aparição de uma baleia em terras firmes? Quantos (*outros*) corpos, ela, quando aparece, consegue movimentar? As baleias encalham por diversos motivos: desorientação, interferência humana (navios, sonares...), doenças, ferimentos, etc. Encalham em grupo ou sozinhas, ainda vivas ou mortas. Alguns motivos são mais “fáceis” de compreender após a autópsia, no caso de ferimentos ou doenças. Porém todas essas possibilidades são especulações sobre o que faz uma baleia encalhar. O encalhe é visto como um atravessamento de fronteiras que não deveria existir por parte desses animais, já que quando chegam em terra podem esmagar os seus próprios órgãos. O chão não sustenta o peso do corpo desses animais. Apesar disso, é importante lembrar que as baleias também têm memória terrestre, visto que já foram animais que habitaram solos firmes. Seu aspecto evolutivo foi considerado célere, pois, normalmente, os processos de evolução são mais lentos. Dessa forma, esses animais passaram a se adaptar ao ambiente aquático, proporcionando impactantes modificações corporais.

A aparição de baleias em áreas terrestres, seja seu corpo quase-vivo, morto ou ósseo, traz impacto em diferentes proporções para o povoado que reside no local em que elas surgem e para a mídia que alastra a informação sobre a sua presença, normalmente com chamadas sensacionalistas. Isso se dá porque as baleias são existências conflituosas; mesmo que seus comportamentos sejam estudados e especulados, elas se adaptam e sondam outras possibilidades. À vista disso, podemos nos lembrar de uma série de acontecimentos¹¹² que, de certo modo, desestabilizaram a normalidade. Em 2019, criou-se extremo alvoroço quando um filhote de baleia jubarte foi encontrado na área de mata na praia do Marajó, no Pará (Figura 13), tanto que a notícia espalhou-se internacionalmente, provocando inúmeras especulações sobre o “mistério” de sua aparição no mangue. (ESPECIALISTAS..., Correio Brasiliense, 2019)¹¹³.

¹¹² Nessa parte, os acontecimentos sobre a aparição de baleias, intencionalmente, não visam seguir a ordem cronológica de quando ocorreram ou foram noticiadas.

¹¹³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/02/26/interna-brasil,739777/especialistas-explicam-como-baleia-foi-parar-em-manguezal-no-para.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Figura 13 - Baleia jubarte encontrada morta em área de mata no Pará, 2019



Fonte: Acervo do Instituto Bicho D'água, 2019.

Maura Elisabeth Moraes de Sousa, oceanógrafa do Instituto Bicho D'água, explicou aos jornais na época que “a ilha tem uma amplitude de maré muito grande, a diferença entre a alta e a baixa pode chegar a 2 km” (ESPECIALISTAS..., Correio Brasiliense, 2019). Dessa forma, a elucidação seria que o animal encalhou na praia, mas foi levado para o manguezal pela

maré. Além disso, a secretária do Meio Ambiente de Soure em exercício naquele período, Dirlene Silva, afirmou que recebeu uma ligação de um pescador da região sobre o avistamento de uma baleia, mas que o acesso só foi possível um dia depois devido à maré alta (ESPECIALISTAS..., Correio Brasiliense, 2019). Outro surgimento que causou comoção foi o de uma baleia-minke no rio Tapajós em 2007 (Figura 14). Ao contrário do filhote de jubarte que já estava morto quando foi encontrado, a minke ainda estava viva. O animal estava “a cerca de mil quilômetros de distância do oceano Atlântico” (BRASIL, 2007).

Figura 14 - Baleia-minke com ribeirinhos, foto do arquivo pessoal do Seu Azulai, da aldeia tupinambá de Jaguarituba, 2007



Fonte: Amazônia Real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/vida-e-morte-de-uma-baleia-minke-no-rio-tapajos/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

O pesquisador e jornalista Fábio Zuker fez uma reportagem especial para o Amazônia Real dez anos depois do ocorrido, em 2017, na comunidade ribeirinha. Zuker conversou com alguns moradores que, de alguma forma, foram atravessados pela ilustre visita da baleia-minke. A presença do mamífero em águas doces foi relatada como um evento extraordinário.

Quando ela apareceu, encalhada na praia da comunidade, não se soube de imediato que se tratava de uma baleia, animal de presença inimaginável no meio da Amazônia. Devido ao musgo e a terra, a primeira impressão era de que aquilo não passava de um pedaço de árvore em processo de decomposição, então aparente pelo período de seca. Com o passar do tempo, e a percepção de que aquela matéria de dimensões consideráveis se movimentava, iniciaram os rumores de que o animal era a cobra grande do Rio Tapajós – mito ribeirinho sobre uma mulher que dá à luz a um casal de

cobras gêmeas, e que é considerado por antropólogos como uma variação de mitos indígenas pré-colombianos. (ZUKER, 2017)

Houve o enternecimento das crianças da escola da comunidade. Remerson Castoledo, que na época do acontecimento estava em aula, relatou ao jornalista que “entraram na sala gritando: ‘Tem um negócio lá no rio que solta água, tipo um jacaré gigante!’” (ZUKER, 2017), e todos correram, inclusive o professor, para embarcarem sentido ao local onde a baleia foi encontrada. O IBAMA, no período responsável por aquela região, primeiramente ignorou o chamado, dizendo: “da próxima vez liguem falando que apareceu um elefante por Piquiatuba!” (ZUKER, 2017). Também chegaram a imaginar que se tratava de um boi na beira do rio, pois o “órgão responsável pela administração da Flona Tapajós (...) permitia a criação de gado nos acessos à floresta” (ZUKER, 2017). A notícia espalhou-se na mídia devido à improbabilidade, apesar de não ser impossível¹¹⁴, da presença da baleia, chamando a atenção de moradores das cidades vizinhas e de turistas.

A baleia-minke estava com machucados na barriga e no dorso, aparentemente muito cansada pela agitação, talvez pelas diversas tentativas de voltar para o mar. Dessa forma, para oferecer ajuda ao animal, os moradores fizeram “turnos de vigilância para não deixar a baleia escapar sozinha e continuar perdida rio adentro” (ZUKER, 2017). Além disso, “crianças se disputavam para tirar fotos em cima e ao lado da baleia, enquanto os comunitários se revezavam para cobri-la com lençóis úmidos e protegê-la das queimaduras do sol” (ZUKER, 2017). A imensa visita de um “corpo estranho” trouxe novas paisagens para aquele ambiente, mas também ressaltou muitos conflitos de estigmas contra indígenas, dado que, apesar dos machucados terem sido constatados com rapidez – em um dos escapes do animal –, surgiu o boato de que a minke foi ferida “por um arpão ou por uma flecha em sua estadia por Jaguarituba e Santo Amaro” (ZUKER, 2017).

Apesar das tentativas de resgate do IBAMA e do imenso cuidado dos moradores que, inclusive, monitoraram a sua respiração, a baleia desapareceu. Depois de alguns dias, ressurgiu “com sua carcaça flutuando, já em estado de decomposição bastante avançado” (ZUKER, 2017). Muitos dos moradores ficaram emocionalmente abalados com a morte da baleia-minke, apesar de o seu falecimento ser “quase-certo”, devido ao ambiente em que ela foi encontrada, mas eles acreditavam que ela poderia ter tido outro porvir. Tanto que chegaram a planejar

¹¹⁴ O jornalista destaca a aparição de baleias no rio Tâmsa, em Londres, no ano de 2006 e, também, no rio Hudson, em Nova York, no ano de 2016. No rio Tâmsa, houve novas presenças de baleias no ano de 2019, quando foi encontrada uma baleia jubarte, e em 2021, com a aparição de um filhote de baleia-minke. No rio Hudson, em 2021, uma baleia jubarte foi avistada. Ainda sobre baleias em rios, já no ano de 2021 uma baleia encalhou no rio Amazonas, no Pará.

diversas maneiras para que a devolução do animal para o mar ocorresse ou, ao menos, providenciar um ambiente que propiciasse a sua sobrevivência – inclusive, numa perspectiva de parentesco multiespécie.

Entre as possibilidades aventadas pelos comunitários estava a de colocar a baleia entre dois catamarãs e percorrer os mil quilômetros que separam Piquiatuba do mar, devolvendo a baleia para águas salgadas do Oceano Atlântico. O custo humano e financeiro da empreitada, porém, impediu a sua realização. O outro plano debatido pelos comunitários consistia em reunir um grupo de homens fortes para transportar a baleia, no braço, para o enorme lago existente no interior de Piquiatuba. Farto em peixes, acreditavam que não faltaria alimentos para a baleia passar feliz o resto de sua vida junto a eles. (ZUKER, 2017)

A aparição da baleia-minke se tornou em uma impactante, ou melhor, extraordinária lembrança-viva, cheia de conflitos e encantos, na narrativa das gentes dali. O avistamento desse corpo, até então improvável, se converteu em “um marco para a comunidade, e objeto de diversos trabalhos e atividades escolares – que além do currículo básico do Ministério da Educação, incorporam em sua grade curricular aulas de Estudos Amazônicos e da História de Belterra” (ZUKER, 2017). Além disso, a baleia-minke, apesar de falecida, permaneceu na região, seja por sua ossada estar disponível para visitação no Centro Cultural João Fona, em Santarém, no Pará, ou pelos causos contados através da popula o.

A história que mais chama aten o de Jussara, ouvida por ela diversas vezes, diz respeito à suposta origem da baleia em águas tapajônicas, segundo a qual navios estrangeiros chegam carregados de água salgada, que   esvaziada no rio para então roubarem a água doce e saudável da região. Em uma dessas opera es, a baleia teria sido despejada no Tapajós, não mais encontrando seu caminho de volta, e terminando por encalhar em Piquiatuba. (ZUKER, 2017)

As baleias movem *outros* corpos, mesmo quando a sua própria corpulência desata em ambientes que, de certa forma, limitam a sua mobilidade.   vista disso, podemos observar o encalhe de uma baleia jubarte em Búzios, Rio de Janeiro, no ano de 2017. Em questão de resgate, essa teve um pouco mais de sorte que a baleia-minke do rio Tapajós. Foram 24 horas de tentativa, a o que mobilizou dezenas de pessoas (pescadores, banhistas, guia turístico, etc.), agentes e órgãos institucionais (biólogos, veterinários, técnicos ambientais, bombeiros). Os vídeos do resgate foram compartilhados na internet por meio das redes sociais, mas também tomaram   televisão (Figura 15). Os relatos emocionados são os que mais chamam a aten o: pessoas que tiveram o seu dia invadido pelo corpo extremamente pesado na areia, é o exemplo de Ciro da Costa, pescador que aparece na reportagem da Globo¹¹⁵.

¹¹⁵ A reportagem sobre o encalhe e resgate da baleia pode ser acessado por meio do portal do G1. Disponível através do link: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/baleia-jubarte-e-resgatada-em-buzios-6101891.ghtml>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Figura 15 – Imagens do resgate da baleia jubarte em Búzios, 2017



Fonte: foto por Pablo Jacob, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/baleia-jubarte-e-resgatada-em-buzios-6101891.ghtml>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Ciro, em lágrimas, relata ao repórter: “Desde ontem trabalhando para tirar a baleia, foi emocionante, é muito bom!” (BALEIA..., G1, 2017, transcrição de áudio)¹¹⁶. Uma mulher visivelmente abalada também é entrevistada e aparece, após a exposição do pescador, narrando ao entrevistador que: “Eu vi todo mundo gritar, olhei para o mar e ela foi embora (...) É muita alegria, é muita felicidade, valeu a pena tudo. Eu faria tudo de novo. E eu acho que milagres existem, porque foi um milagre!” (BALEIA..., G1, 2017, transcrição de áudio). A jubarte, ao retornar ao mar, foi aplaudida por dezenas de pessoas.

Catalisadoras de conflitos, os corpos das baleias avistadas em terra firme podem produzir paisagens gordurosas de porosidade, vida-morte, desordem e parentesco, como o caso do mamífero marinho no rio Tapajós. Porém, elas estão longe de proporcionar alguma organização e linearidade ao limitado entendimento dos mamíferos humanos. Por muitas vezes, como vimos nesses três casos, a hospedagem terrestre da sua desmensurada corporeidade mobiliza pessoas distintas entre choros, apelos, tentativas de conexão. A gordura, o peso e o tamanho da baleia evidenciam a circunscrição que o seu corpo impõe aos que não se unem a ela. O corpo gordo encontra-se num mesmo *espaço-entre* de conflitos, lidando, ao mesmo tempo, com o visível e o supervisível.

¹¹⁶ Vídeo completo da reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/baleia-jubarte-e-resgatada-em-buzios-6101891.ghtml>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

O SUPER VISÍVEL E O INVISÍVEL EXTREMO DOS CORPOS GORDOS: AS PAISAGENS ENGORDURADAS DE LAURA AGUILAR

Corpe gorde é ao mesmo tempo alvo de uma *hipervisibilização*, através de um olhar que parece querer destacar suas características socialmente lidas como abjetas (gorduras, curvas, dobras, pelancas, celulites, estrias, suor, o ato de comer, a forma de andar, a forma de habitar a esfera política etc.) e de uma *invisibilização* dos afetos alegres y da força que envolvem esse corpe. A nudez não é permitida para corpes gordes, a não ser sob a forma do *escárnio* ou do *fetiche*. (LEAL, 2021, p. 96)

Nascida em Los Angeles, a fotógrafa de descendência chicana Laura Aguilar [1959-2018] foi uma importante artista que, por muito tempo, o setor de arte *mainstream* negligenciou¹¹⁷ (DURÓN, 2020). Aguilar iniciou seus primeiros movimentos fotográficos de forma autodidata e familiar: seu irmão a ensinou sobre impressão e seus primos foram um dos primeiros temas das imagens capturadas por ela. Essa importância do núcleo familiar se torna explícita principalmente durante os primeiros minutos da palestra na Cal Arts (2015), quando a fotógrafa abre sua participação com a fotografia “*Cousins at Disneyland*” (1978), saudando carinhosamente o seu primo e dando crédito a ele. Para Laura Aguilar, a *biografia era política* (GOSSETT, 2018).

Sua prática perpassou por um grau altíssimo de intimidade, seja nos retratos de pessoas — familiares, amigos, vizinhança, *etc.* — ou na série de autorretratos. A pesquisa de Laura Aguilar foi intrinsecamente atravessada por ser *queer* em uma adjacência *latinx* e *chicanx*¹¹⁸, mais ainda na percepção que, na comunidade *queer* de Los Angeles, *peessoas de cor*¹¹⁹ tinham suas narrativas ocultadas (GOSSETT, 2018). Aguilar complexificou as questões de identidade de maneira crítica e alquímica, dando espaço para as suas dores e de seu grupo, mas, também, indo além do enquadramento da violência, criando imagens e situações de solidariedade, encontro e celebração. É o caso da série “*Latina Lesbian*” (1986-1990), por exemplo, onde a fotógrafa retratou e colheu relatos de mulheres *queer* da comunidade latina. As histórias manuscritas eram anexadas às fotografias como “um método de maior conectividade e relatividade com a pessoa” (ZAPATA, 2021) retratada. Aguilar criou, através de “*Latina*

¹¹⁷ A artista recebeu o devido reconhecimento somente após seu óbito, em 2018, quando faleceu de insuficiência renal aos 58 anos. Com isso, foram realizadas inúmeras exposições em Los Angeles e Nova York em sua memória. Porém, é importante realçar que o trabalho de Laura Aguilar sempre foi muito celebrado por acadêmicos *latinx* e *chicanxs*, por trazer em suas imagens temas tão importantes, como gênero, raça, deficiência, gordura, etc. (ZAPATA, 2021)

¹¹⁸ Diferentes textos (inglês/espanhol) que falam sobre a trajetória de Laura Aguilar utilizam a variação *Latinx* e *Chicanx*, para diferenciar da forma binária das variações masculinas e femininas da palavra. Dessa maneira, foi escolhido manter o X.

¹¹⁹ O termo *Pessoas de Cor* (*People of color*) é utilizado, principalmente nos EUA, para descrever pessoas que não são consideradas brancas. Isso inclui afro-americanas, hispânico-americanas, asiático-americanas, latino-americanas, etc.

Lesbian”, uma forma educativa de humanizar e acompanhar como as identidades lésbicas latinas se expandiam por aquele território.

Muitos foram os assuntos abordados por Laura Aguilar desde a década de 1970, como: raça, gênero, sexualidade, deficiência, nacionalidade. Entretanto, foi a partir de 1989, com o retrato “*In Sandy Room*” (1989), que a artista — extremamente tímida — se desnudou na frente de suas próprias lentes, trazendo a sua gordura como protagonista. A imagem (Figura 16) em preto e branco, no formato horizontal, mostra Aguilar se refrescando — através do ventilador e da janela escancarada — sentada de maneira relaxada em uma poltrona, onde também segura uma bebida na mão esquerda. Segundo o relato de Christopher Velasco, gerente de estúdio e co-administrador da The Laura Aguilar Trust, à ARTnews (2020), a artista decidiu se auto retratar por duas razões: 1) ela sentia que não conseguia se comunicar como desejava; 2) para criticar a maneira como as mulheres são julgadas pela sua aparência.

Figura 16 - Laura Aguilar, “*In Sandy Room*”, 1989. Impressão em gelatina prateada, 42 x 52 polegadas



Fonte: UCLA Chicano Studies Research Center. Disponível em: <https://www.chicano.ucla.edu/about/news/memoriã-laura-aguilar-1959-2018>. Acesso em: 07 fev. 2023.

“*In Sandy Room*” é uma imagem irônica e potente, pois, se as pessoas gordas com vestimentas — isso quando encontram roupas que cabem no corpo com um bom caimento — são um grande incômodo para a sociedade moldada pelo projeto corporal do ocidente, o que significaria então as grandiosas banhas desnudas de Laura Aguilar em uma sala? Mais sarcástico que isso, somente o gesto de prazer ao relaxar, visto que a pessoa gorda é atrelada à inércia, “um corpo para o fracasso, para o desaparecimento, um corpo errôneo” (CÓDOBA, 2021, p. 123) na cultura que exalta a magreza como sinônimo de saúde, beleza e humanidade.

A gorda vive no limbo entre a invisibilidade-severa devido a uma visibilidade-extrema. O sistema normativo promove um jogo perverso. Pessoas gordas são impedidas de viver e existir em plenitude, dado que, quanto maiores, menos passam na catraca do ônibus ou cabem nas poltronas do transporte coletivo. São corpos ridicularizados em academias, como se o exercício físico fosse uma exclusividade para pessoas magras, atléticas ou das que querem, ou são induzidas a, emagrecer. Além disso, são corpos associados ao grupo de assexuados, não por escolha própria, mas pelo apagamento nas dinâmicas do desejo (CONTRERA; CUELLO, 2016).

Na década de 1990 em diante, Laura Aguilar aprofundou as suas perspectivas corpóreas em relevantes autorretratos. No trabalho “*Nature Self-Portraits*” (1996), a fotógrafa propôs paisagens engorduradas em contraponto aos corpos amplamente retratados dentro de uma leitura da categoria da beleza, ou seja, a mulher branca, cisgênero, magra e com traços finos. Dessa forma, ela desafiou as tradições do belo impostas pela fotografia.

Na imagem em preto e branco (Figura 17), Laura aparece deitada de lado entre duas pedras, formando uma sombra na mesma direção. Seu rosto está escondido, ignorando o expectador, mas suas nádegas protuberantes aparecem produzindo relevo e textura para a fotografia. Aguilar “sentia-se aceita pela natureza. Sentir o sol em seu corpo era importante, porque ela não tinha muito contato em sua vida. As pessoas não a tocavam muito fisicamente”¹²⁰ (DÚRON, 2020, tradução nossa). Dessa forma, ao se camuflar na paisagem, ela criou a possibilidade de presença no agora, ultrapassando a expectativa da aceitação pela categoria do humano e as imposições da norma, que estabelecem a existência do corpo gordo apenas no passado, como uma lembrança ruim a ser superada com dietas restritivas e “esforço”.

As imagens da artista propiciam um misto de sensações: são complexas, geram tensões e ampliam o mundo como conhecemos, sempre tão pautado no antropocentrismo, na linearidade, na produção das categorias e nas violências. É certo que os corpos seguem sendo

¹²⁰ “Felt accepted by nature. Feeling the sun on her body was important to her because she did not get a lot of touch in her life. People didn’t touch her very much physically.” (DÚRON, 2020)

roubados, pois, pela lógica — e ficção do *sujeito individual* —, para alguns *serem*, outros são tornados *objetos*. No entanto, Laura Aguilar vai mais longe, porque é através da vulnerabilidade que ela explode a sua radicalidade. Engana-se quem acredita que os autorretratos dela são apenas registros narcisísticos ou de oposição ao que está posto.

Figura 17 - Laura Aguilar, “Nature Self-Portrait #2”, 1996. Impressão em prata gelatinosa, 35,6 × 48,4 cm



Fonte: The Laura Aguilar Trust Of, 2016. Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/109PZG>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Aguilar conseguiu produzir paisagens que contradizem a invisibilidade e a visibilidade. Em uma primeira mirada, o corpo imenso parece ser o foco da sua imagem, mas, em simultâneo, ele se dissolve, porque transpassa, ainda que efemeramente, o ambiente hostil do dia-a-dia. Ela não precisa chocar com autoflagelo ou com um semblante triste — apesar de ter realizado isso no trabalho “*Don’t Tell Her Art Can’t Hurt*” (1992) — até porque a gordura por si só já causa imenso ódio nas pessoas. Na intenção do surgimento de um lugar onde a separação com outras vidas, principalmente não-humanas, se dissipa, a artista criou fotografias complexas onde a afetuosidade e a brutalidade se encontram.

As forças fugitivas de Laura geraram um adjetivo incompreensível para a sociedade moldada por eurocentrismo, branquidade, hétero-normatividade, cisgeneridade e cristianismo (a culpa da carne); igualmente para os grandes museus e galerias, que desprezaram o seu trabalho

devido à exposição do corpo gordo (nu) de uma mulher *queer*. Porém, mesmo com a recusa por parte dessas instituições, Aguilar sempre se dedicou a sua comunidade, especulando o porvir com maestria. As palavras — devido a sua dislexia auditiva — nem sempre estavam disponíveis, mas as imagens nunca a abandonaram.

Em “*Motion*” (1999), a artista convidou mulheres de diversas formas e cores para posarem junto a ela entre as pedras e os galhos. Na imagem (Figura 18) em preto e branco, quatro mulheres acentuam as dobras corporais, as gorduras, as pelancas e, até mesmo, as costelas à vista (no caso da mulher mais magra no canto direito). Laura está de olhos fechados deitada, no lado esquerdo da fotografia, com a mulher negra que está fitando algo acima de si com determinação. As outras duas estão à direita sem mostrar o rosto com o corpo aparentemente mais fechado, quase escapando para o fundo da imagem. O volume e linhas dos corpos, assim como a pose de cada uma, produz em conjunto outro imaginário para a fotografia de paisagem e corpos femininos e feminizados.

Figura 18 - Laura Aguilar, “*Motion #58*”, 1999. Impressão em prata gelatinosa, 36 × 47,6 cm



Fonte: The Laura Aguilar Trust Of, 2016. Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/109PZR>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Essa série — e o trabalho de Laura como um todo — remete ao que Jota Mombaça escreveu sobre “politizar a ferida” e a “coletividade forjada”. Ou seja, “um modo de estar juntas na quebra e de encontrar, entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável” (MOMBAÇA, 2021, p. 26). Dessa forma, para se compreender melhor sobre o que “estar juntas na quebra” poderia significar para mulheres gordas, principalmente considerando que na fotografia “*Motion #58*” aparecem corpos de diferentes formatos e nem todos são gordos, é importante se ater ao fato de que,

Dentro da cisnormatividade, a relação entre feminilidades y gordofobia possui duas equações complementares: *gorda ≠ mulher* e *mulher gorda < mulher*, isto é, mulheres gordas não são mulheres e mulheres gordas são menos mulheres. (LEAL, 2021, p. 90)

Isso ocorre pela adiposidade ser lida “como um elemento que *desfaz* ou que *corrompe* as performatividades de gênero binárias” (LEAL, 2021, p. 89). É perceptível que os trabalhos “*In Sandy Room*”, “*Nature Self-Portraits*” e “*Motion*”, todos em preto e branco, já fogem de uma representação comum. Entretanto, é na série “*Grounded*” (2006-2007), com fotografias em cores, que incisivas abstrações são produzidas, dado que,

O jeito que Laura usa o corpo dela é bem não-conformista com as normas de gênero, é como se desnaturalizasse o jeito em que pensamos sobre o corpo. Isso radicaliza até mesmo o que gênero significa.¹²¹ (NOWNESS, 2018, tradução nossa)

Aguilar alterou a noção de linearidade do corpo: onde está a cabeça? Onde estão os pés? Isso é o que menos importa, pois o estado de presença e *in/visibilidade* que ela criou é sorradeira. A artista, especialmente nesse trabalho, transformou-se e juntou-se aos imensos pedregulhos do Joshua Tree National Park. A invisibilidade do corpo gordo é uma contradição que a sociedade da magreza sustenta, visto que um corpo gordo, principalmente não-branco, não pode ser escondido atrás de uma pena ou de uma pilastra. Laura Aguilar escolheu intensificar o seu tamanho ao buscar paisagens rochosas, e esse gesto também a reconectou com a sua linhagem materna indígena.

Em “*Grounded #107*” (Figura 19), as banhas da barriga estão espalhadas sob o chão desértico. Carne, galhos torcidos, pequenas vegetações e pedras, formam a desconfiguração humana da fotógrafa. Em posição (meramente) fetal, a fundição entre gordura e terra viabilizam o renascimento de Laura.

¹²¹ “The way that Laura uses her body is very gender-nonconforming, It’s like denaturalizing the way in which we think about the body. And that radicalizes what gender even means.” (NOWNESS, 2018)

Figura 19 - Laura Aguilar, “Grounded #107”, 2006. Impressão a jato de tinta, 29.6 x 40.7 cm



Fonte: The Laura Aguilar Trust Of, 2016. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/261378/grounded-107>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Na imagem “*Untitled*” (Figura 20), parte da mesma série, a artista utiliza as próprias nádegas para dar continuidade às fendas (ancestrais) das rochas. É a partir da protuberância do corpo que ela troca com o mundo (dos não-humanos) e se alimenta numa espécie de grandeza espiralar. Laura,

Procurou lugares onde “o deserto se transforma” de rochas menores para rochas maiores, onde seu “corpo se encaixa”. É evidente que a criação deste trabalho implicou em uma forma de aceitação radical por parte de Aguilar. Ao não se ver mais isolada e enclausurada em uma forma distinta, ela também mudou. Seu corpo se tornou uma paisagem.¹²² (O’NEILL-BUTLER, 2021, tradução nossa)

¹²² “Searched for places where “the desert changes” from smaller rocks to larger ones, where her “body fit in.” It’s clear that the creation of this work entailed a form of radical acceptance on Aguilar’s part. In not seeing herself as isolated and encased in a discrete form any longer, she changed too. Her body became a landscape.” (O’NEILL-BUTLER, 2021)

Figura 20 - Laura Aguilar, Untitled, 2007. Impressão com pigmento, 43,1 x 55,8 cm, 43.1 x 55.8 cm



Fonte: The Laura Aguilar Trust Of, 2016. Disponível em: <https://canadianart.ca/features/the-natural-history-of-the-world/>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Os trabalhos da fotógrafa abrem as janelas da fabulação radical do corpo, até então sem futuro e considerado uma aberração, além de impulsionar questionamentos incisivos quando expandido para o campo dos estudos do corpo gordo. Dessa forma, que aconteceria se as pessoas gordas, principalmente não-brancas, fossem radicalmente gentis, carinhosas e comprometidas com o seu próprio corpo, suas estrias?¹²³ “O que aconteceria se parássemos de nos desculpar por nossas inseguranças, parássemos de temê-las, parássemos de tentar nos livrar delas?”¹²⁴ (HARRISON, 2021, p. 17, tradução nossa). Os estigmas da gordura não deveriam

¹²³ Essa reflexão foi provocada por Anderson do Carmo durante o Ciclo de Estudos Engordurados (2020), organizado pelo ;TRA! (Trabalho Remoto Adiposo).

¹²⁴ “What would happen if we stopped apologizing for our insecurities, stopped fearing them, stopped trying to shed ourselves of them?” (HARRISON, 2021, p. 17, tradução nossa)

ser negociados, visto que gestos individuais — como o movimento *body positive* — não modificam efetivamente a vida coletiva de pessoas gordas, principalmente maiores. O que extermina corpos dissidentes não deveria servir de conforto e/ou falso-pertencimento. Do ponto de vista da não-negociação e da possibilidade de criar respiro e vitalidade,

~~ser~~ gor/de não é apenas ser atravessado pelas bionecropolíticas gordofóbicas, por poderes que desfazem cor/pos e onto/~~logias~~, ~~ser~~ gor/de pode ser também a *a/irmação* de uma singularidade monstra, ainda que atravessada pela precariedade e por limites, como qualquer afirmação, aliás, e a *ressignificação* desse corpo num lugar outro, inscrito por afetos alegres, para além do que se entende a torto e a direito por “empoderamento” ou “positividade corporal” (*bodypositive*). (LEAL, 2021, p. 92-93, grifos do original)

Foi através das suas inseguranças, na construção (e destruição) da sua identidade, que Laura Aguilar produziu, em especial nos autorretratos, *feitiçaria pesada e gordurosa*. Se fez presente mesmo com a *in/visibilidade* aos olhos da *nação* e dos que são *reconhecidos* como sujeitos. Portanto, se o corpo gordo é a ruína da carne, as imagens da artista delineiam uma paisagem especulativa. É pela visualidade que ela radicaliza as imposições de uma sociedade à beira da morte. Corpos gordos existem (e sobrevivem) para além dos destroços. Aguilar deixou isso bem explícito com o seu, *queer* e engordurado, legado fotográfico.

ESPIRÁCULO

CORPOS D'ÁGUA

A água se lembra de tudo sobre o que e pelo que viaja. Se você já esteve na água, uma parte sua permanece lá. É um diário de uma relação indissolúvel com o mundo. Mas onde está água agora? Onde está o mundo? (DIAZ, 2022, p. 93)

Os mamíferos marinhos necessitam realizar visitas frequentes à superfície para respirar. A cada subida, esses animais renovam boa parte do ar dos seus imensos pulmões, por isso conseguem permanecer na água sem respirar por muito mais tempo, comparado aos seres humanos. Cada espécie possui seu próprio tempo de respiração. O cachalote, por exemplo, pode permanecer entre 80-90 minutos sem precisar respirar, por ser um animal de profundidade, alcançando até 2.250 metros; já a baleia-bicuda-de-cuvier, entre 2 a 4 horas. Normalmente, as pessoas confundem o expelir de ar com um jato d'água, mas isso acontece porque esses animais “sobem e exalam o ar quente de seus pulmões que, ao entrar em contato com o ar mais frio, condensa formando uma nuvem de gotinhas de água” (INSTITUTO BALEIA JUBARTE, 2022a).

A respiração da baleia, chamada de borrito, sai pelo espiráculo (as baleias com barbas possuem dois orifícios) e pode conter diferentes formas e altura. O borrito da baleia jubarte possui formato de balão e pode alcançar até 3 metros de altura (INSTITUTO BALEIA JUBARTE, 2022a..., 2022), mas está longe de ser o mais alto. A baleia-fin possui um borrito de 6 metros e compartilha tal proeza com a baleia-azul, que dispõe de um movimento lento, e tem um borrito de 6 a 12 metros de altura (MIRANDA *et al.*, 2019). Cada animal tem seu ritual de respiração, alguns nem chegam a mostrar a nadadeira dorsal na superfície e outros têm o borrito menos evidente, como o caso da baleia-de-bryde. Além disso, assim que o filhote nasce, a mãe leva-o para ter a sua primeira experiência de respirar e isso se repete várias vezes, até que ele aprenda.

Muitas são as estratégias envolvendo o ar, como o caso da caça coletiva de krill (principal alimento) das baleias jubarte, conhecida como “rede de bolhas”¹²⁵ (Figura 21). Nem todas as baleias dessa espécie caçam dessa maneira, o que sugere ser um comportamento aprendido em determinadas localidades.

1) **Bolhas:** as baleias soltam bolhas de ar sob os cardumes de krill para formar uma parede e aprisioná-los. 2) **A subida:** com o krill preso na “rede de bolhas” as baleias iniciam uma subida rumo à superfície. 3) **Ataque final:** abrem as mandíbulas enchendo suas pregas ventrais com água e krill. (INSTITUTO BALEIA JUBARTE, 2022b, grifos do original)

¹²⁵ O vídeo da “rede de bolhas” pode ser acessado por meio do canal do YouTube da University of Hawai'i. Disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=JNhldKgPRg0>. Sugere-se esse vídeo, apesar das imagens dos demais (como o frame da Discovery) serem mais cinematográficas, pois os pesquisadores envolvidos na investigação relatam detalhadamente as informações.

Figura 21 - Técnica de caça das baleias jubarte



Fonte: Frame retirado do vídeo realizado pela Discovery Channel, 2020.

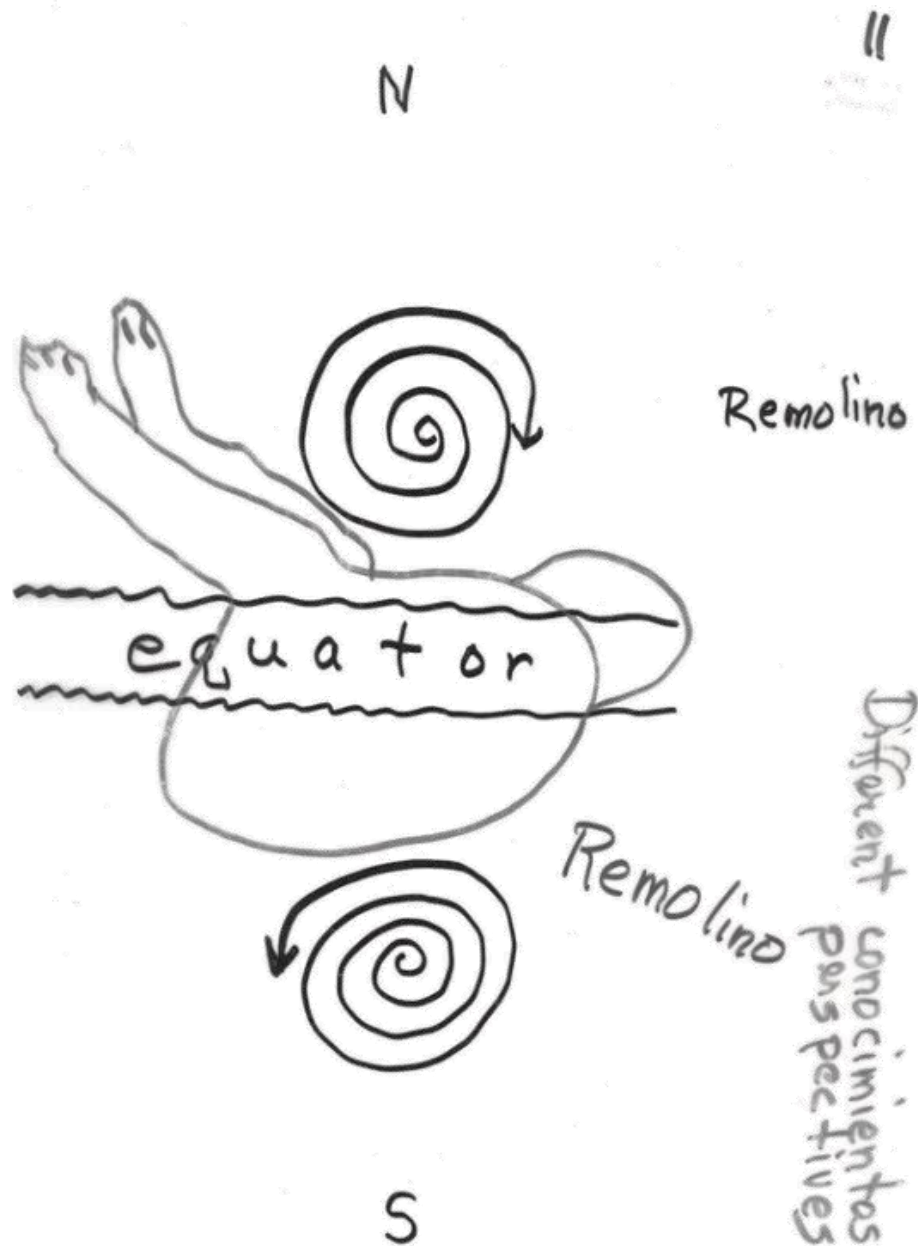
Poderíamos assimilar esse deslocamento respiratório e alimentar, a exemplo das jubartes, como uma coreografia espiral (@ = repetição \rightleftharpoons diferenciação) radicada na transmutação (caos \rightleftharpoons conflito)¹²⁶ daquilo que forma/desforma (gordura, respiração, krill, etc) no entre-das-águas. À vista disso, Anzaldúa utiliza *Nepantla*, palavra indígena da língua *náhuatl* que significa um lugar intermediário (no meio), “um conceito que se refere a um lugar não-lugar”¹²⁷ (ANZALDÚA, 2021, p. 49, tradução nossa), para designar um espaço de transição radical. É nesse espaço *Nepantla*, onde nada permanece como antes, que os redemoinhos (vórtices) das “diferentes, e muitas vezes contraditórias, formas de cognição, perspectivas, visões de mundo, sistemas de crenças”¹²⁸ (ANZALDÚA, 2021, p. 49, tradução nossa) se formam (Figura 22).

¹²⁶ A espiral faz alusão à descrição feita por abigail Campos Leal na palestra "A Parábola do Progresso" sobre a obra de Octavia Butler. A conversa entre abigail, Vanessa Soares e João Simões está disponível no YouTube do Sesc Pompéia e pode ser acessada através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=TyIYThn24D8>

¹²⁷ “Un concepto que se refiere a un lugar no-lugar” (ANZALDÚA, 2021, p. 49).

¹²⁸ “Diferentes, y muchas veces contradictorias, formas de cognición, perspectivas, cosmovisiones, sistemas de creencias” (ANZALDÚA, 2021, p. 49).

Figura 22 – Remolinos de Glória Anzaldúa



Fonte: Imagem retirada do livro “Luz en lo Oscuro” (ANZAULDÚA, 2021).

Em *Nepantla*, sugere-se que esse “choque” provoque deslocamentos na nossa percepção de mundo, onde a maneira como o conhecemos se finda. Além disso, há o reconhecimento que existem muitos mundos vibrando em simultâneo. Por isso, *Nepantla*, sobretudo, é um espaço onde as ficções de poder, as identidades, a estética, epistemologia e a ontologia são questionadas. Anzaldúa teoriza que

Neste lugar no meio, nepantla, duas ou mais forças colidem sendo mantidas à beira do caos, um estado de entre-guerra. Estas tensões entre extremos criam fendas ou fissuras na membrana que envolve, protege e contém as diferentes culturas e suas

perspectivas. Nepantla é o lugar onde – simultaneamente – estamos desconectados (separados) e unidos (conectados) a cada uma de nossas diversas culturas. O observador pode “ver através” da ponte (nepantla) um processo simbólico mais amplo de consciencialização por meio de uma determinada situação ou evento da vida. Nepantla é o ponto médio entre o consciente e o inconsciente, o lugar onde as transformações são representadas. Nepantla é um lugar onde podemos aceitar a contradição e o paradoxo.¹²⁹ (ANZALDÚA, 2021, p.92, tradução nossa)

As rachaduras que se abrem nessa colisão “nos dá um terceiro ponto de vista, uma perspectiva a partir das fendas e uma maneira de nos reconfigurarmos como sujeitos fora das oposições binárias, fora das relações dominantes existentes”¹³⁰ (ANZALDÚA, 2021, p. 124, tradução nossa). É quase como a imagem dos vulcões que, por meio de fendas, expõem a força do interior da terra para a superfície; lavas, gases e cinzas causam instabilidade e destruição, assim como podem resultar em um solo fértil. E, por que não, as baleias? Inclusive, se pesquisarmos sobre os vulcões submarinos, perceberemos similaridades, não somente na expelição pelo espiráculo, o que poderia figurar uma erupção, mas também o rugir nas profundezas da plena atividade¹³¹. Em *Nepantla (El lugar de la Frontera)*¹³² empreendida por Anzaldúa, poderíamos revisitar as baleias como *Nepantleras*. Ou seja, uma *caminante entre los mundos*¹³³.

Dessa forma, as baleias parecem acionar portais vibracionais que criam diferenciações desprendidas da visão cartesiana. O corpo colossal que, anteriormente, enquanto animal terrestre, assemelhava-se a um lobo, resguarda toda a memória e sabedoria geracional para as equivalentes repetições e adaptações necessárias para a sua existência e sobrevivência. Para tanto, podemos lembrar que elas modificaram as rotas de migração devido à baleação, outrossim, o nado peito com a coluna fraturada. Consequentemente, esses cetáceos revelam a limitação dos seres humanos, até nos estudos biológicos com técnicas mais avançadas, inserindo-os no campo da instabilidade, da complexidade e da especulação. Isso se dá devido à

¹²⁹ “*En este lugar entre medio*, nepantla, dos o más fuerzas se chocan y quedan tambaleando al borde del caos, un estado de entreguerras. Estas tensiones entre extremos crean grietas o rajaduras en la membrana que rodea, protege y contiene las diferentes culturas y sus perspectivas. Nepantla es el lugar donde –al mismo tiempo– somos desconectados (separados) y unidos (conectados) a cada una de nuestras varias culturas. Desde el puente (nepantla), quien observa puede “ver a través” del gran proceso simbólico que está tratando de hacerse consciente a través de una situación de vida o evento particular. Nepantla es el punto intermedio entre lo consciente y lo inconsciente, el lugar donde se representan las transformaciones. Nepantla es un lugar donde podemos aceptar la contradicción y la paradoja.” (ANZALDÚA, 2021, p. 92)

¹³⁰ “Nos da un tercer punto de vista, una perspectiva desde las grietas y una forma de reconfigurarnos a nosotros mismos como sujetos fuera de las oposiciones binarias, fuera de las relaciones dominantes existentes.” (ANZALDÚA, 2021, p. 124)

¹³¹ Para a aproximação com o assunto, sugere-se a leitura do artigo “*A quieting ocean: unintended consequence of a fluctuating economy*” (2012), publicado na revista “*The Journal of the Acoustical Society of America*”, e o texto “*From Whale Songs to Volcanic Eruptions: OOI’s Cable Hears the Sounds of the Ocean*” (2020), publicado no site Ocean Observatories, que deriva do artigo citado anteriormente.

¹³² “O lugar da fronteira” (tradução nossa).

¹³³ “Caminhante entre mundos” (tradução nossa).

relação entre corpo-água, seu demasiado tamanho coreografa inúmeras aparições e desapareções (não necessariamente o desaparecimento pela predação comercial) entre continentes e profundidades.

A caminante entre los mundos utiliza da ecolocalização (ondas sonoras oceânicas) para orientar-se no espaço, defender-se e, sobretudo, para encontrar alimento. Esse sistema sensorial, que espalha com mais rapidez na água do que no ar, é mais desenvolvido no grupo dos *odontocetos*, portanto “o uso do som teve um papel primordial para que os cetáceos se tornassem os mamíferos que melhor se adaptaram à vida integral em meio aquático” (SANTOS, 2022, p. 35). Dessa forma,

Com o ar proveniente dos pulmões, um sistema de sacos compostos por lipídeos e conectados aos lábios fonéticos geram vibrações que são transformadas em ondas sonoras. A movimentação do ar em atrito com cavidades estreitas emite sons; como é o caso de extravasar o ar de bexigas de festas de crianças, estreitando o bocal por onde o ar entrou. Esse conjunto de sacos aéreos, estruturas musculares e lábios fonéticos, está fisicamente acoplado à estrutura do melão, que é um tecido composto por lipídeos e é um ótimo condutor de ondas sonoras. Seu papel fundamental é orientar essas ondas sonoras ao meio aquático.

A título de curiosidade, aquele volume de ar que gerou a emissão de som pode ou retornar às mais baixas porções da passagem nasal do ar que vem dos pulmões, ou pode ser liberada na água. Por essa razão é que, de vez em quando, há divulgação de imagens de cetáceos odontocetos se deslocando, assobiando ou ecolocalizando, e soltando bolhinhas de ar ao mesmo tempo. Portanto, diferentemente dos mysticetos, que contam com as cordas vocais na laringe para a produção de sons, os odontocetos contam com canais nasais e lábios fonéticos encontrados nas passagens nasais para efetuar a mesma função, possivelmente contando com o apoio das cordas vocais para a emissão de uma pequena parcela de tipos de sons. Portanto, nem mysticetos e nem odontocetos movem a boca para emitir sons como fazem os humanos. (SANTOS, 2022, p. 370)

Por outro lado, a baleia-azul, mamífero que pode chegar até 30 metros de comprimento, além da ecolocalização, depende também da sua memória para realizar as migrações e caçar krill, segundo uma pesquisa realizada em 2019 e publicada na “*Proceedings of the National Academy of Sciences*” (PNAS). Os pesquisadores detectaram que

As baleias-azuis rastreiam a fenologia média de longo prazo da floração do fitoplâncton na primavera/verão à medida que se alimentam progressivamente mais ao norte ao longo da costa oeste da América do Norte, significando que a memória desempenha um papel importante nas decisões de movimento desses animais de vida longa. Em outras palavras, descobrimos que as baleias-azuis surfam em ondas de recursos climatológicos, usando a memória para rastrear pontos de acesso mutáveis de recursos previsíveis e de alta qualidade. A memória de longo prazo demonstrou ser um forte impulsionador dos padrões de migração entre táxons e, em alguns casos, um impulsionador mais forte do que os indicativos semelhantes. Por exemplo, a direção de migração das zebras durante as migrações de longa distância na África Austral foi significativamente prevista pela memória (modelada como o rastreamento das condições médias do passado) do que pelo rastreamento das ondas de recursos contemporâneos. Da mesma forma, várias espécies de aves migratórias de longa distância têm demonstrado rastrear as médias de décadas das condições da vegetação. Além disso, grande parte das megafaunas migratórias demonstram extrema fidelidade

individual às rotas migratórias interanuais. Nosso estudo indica que uma interação entre memória de longo prazo e rastreamento de recursos molda as migrações de longa distância da megafauna marinha.¹³⁴ (ABRAHMS *et al.*, 2019, p. 5585, tradução nossa)

À vista disso, entende-se de que os movimentos da baleia-azul podem ser (de alguma forma) previstos “com muito mais precisão observando onde sua comida *esteve* do que onde ela *está atualmente*”¹³⁵ (YONG, 2019). Além disso, apesar de os mamíferos marinhos serem animais que se adaptam facilmente, esse dado gera uma certa preocupação devido às mudanças climáticas que estamos enfrentando. As baleias jubarte, ao contrário da baleia-azul conservadora em sua alimentação, conseguem diversificar a pouca demanda de krill com peixes menores, por exemplo. A teórica feminista Astrida Neimanis, no texto “*The Sea and the Breathing*” (2020), começa descrevendo as condições de tempo (“*weather*”)

Como experiência corporificada e força anímica, o tempo se move, deixa cicatrizes, marca. Nossas axilas ficam úmidas em resposta ao calor; nossos maxilares e línguas endurecem no frio cortante. Como telhados danificados pelo granizo e roupas desbotadas pelo sol, nossos corpos carregam as impressões do mundo climático. Poderíamos dizer que o tempo são as condições externas que estruturam a existência cotidiana; esta existência é sentida em e como nossos corpos.¹³⁶ (NEIMANIS, 2020, tradução nossa)

Neimanis baseia-se na pesquisa “*In the Wake: On Blackness and Being*” (2016), de Christina Sharpe, para compor seu pensamento ao questionar, em seguida, se o tempo seria apenas “um fenômeno meteorológico” e o que mais poderia ser revelado sobre como a vida cotidiana é afetada pelas condições atmosféricas, sobretudo a vida de pessoas negras. Contrapõe, dessa forma, a perspectiva que insere a “crise climática” como algo alheio às condições sociais. Neimanis afirma que essa separação é impossível. À vista disso, a

¹³⁴ “Our results demonstrate that blue whales track the long-term average phenology of the spring/summer phytoplankton bloom as they forage progressively farther north along the west coast of North America, signifying that memory plays an important role in the movement decisions of these long-lived animals. In other words, we find that blue whales surf climatological resource waves, using memory to track shifting hotspots of predictable and high-quality resources. Long-term memory has been shown to be a strong driver of migration patterns across taxa, and in some cases a stronger driver than proximate cues. For example, the migration direction of zebra during long-distance migrations in southern Africa was predicted significantly better by memory (modeled as tracking of past average conditions) than by tracking of contemporaneous resource waves. Similarly, several species of long-distance avian migrants have been shown to track decadal averages of vegetation conditions. In addition, many migratory megafauna display extreme individual-level fidelity to their interannual migration routes. Our study indicates that an interplay between both long-term memory and resource tracking shapes the long-distance migrations of marine megafauna.” (ABRAHMS *et al.*, 2019, p. 5585)

¹³⁵ “With far more accuracy by looking at where their food *has been* than where their food *currently* is.” (YONG, 2019)

¹³⁶ “As an embodied experience and agentic force, weather moves, scars, imprints. Our armpits dampen in response to the heat; our jaws and tongues stiffen in the biting cold. Like hail-damaged rooftops and sun-bleached laundry, our bodies bear the impressions of the weather-world. We could say that weather is the external conditions that structure one’s quotidian existence; this existence is felt in and as our bodies.” (NEIMANIS, 2020)

pesquisadora (novamente) evoca Sharpe para refletir sobre os “arquivos de falta de ar”, isto é, como o tempo meteorológico é análogo à anti-negritude e à impossibilidade de respiração.

Para tanto, podemos conectar esse pensamento com várias ocorrências, como o afro-americano George Floyd [1973-2020] que foi assassinado por um policial branco por estrangulamento. Segundo a transcrição do Portal G1, Floyd disse “Não consigo respirar” várias vezes para o policial, mas o agente não só continuou o ato de pressionar o joelho contra o pescoço dele, como respondeu “Pare de falar. É preciso muito oxigênio para falar” (GEORGE..., G1, 2020)¹³⁷. Outra situação recente foi a morte de um jovem brasileiro negro de 25 anos, Vitor Marcos, na porta de um hospital em São Paulo. Vitor era gordo (pesava 190 kg) e sofreu três paradas cardíacas na ambulância, devido à negligência dos hospitais que negaram atendimento a ele pelo seu peso. Segundo essas instituições de saúde, não tinha maca para transportar o corpo do jovem para atendimento (JOVEM..., G1, 2023)¹³⁸. Além da aniquilação vinda do hospital, já que se negaram atender Vitor mesmo com a suplicação de Andreia, mãe do jovem, que, inclusive, pediu para gravarem um vídeo na esperança de salvar seu filho. Andreia ainda teve que passar pela imensa dor de encontrar o caixão do filho preenchido com “pó de serra aparente, caixotes de madeira e folhas de jornal para que o corpo do jovem ficasse nivelado dentro da estrutura” (MÃE..., G1, 2023)¹³⁹. O caixão era exorbitante, segunda ela, e zombava, mais uma vez, do tamanho do corpo de Vitor. Em vista disso, Neimanis explica que

Aqui, o racismo e o colonialismo são entendidos não (apenas) como construções discursivas, mas como fenômenos materiais que se imprimem nos corpos (como todas as condições climáticas). Somos lembrados de que a qualidade do ar é uma questão de justiça ambiental e que o armamento do ar e da respiração atinge certas populações diferenciadamente nas supremacias brancas capitalistas dos colonos. (...) A anti-negritude como o clima global e outras socio-atmosféricas do poder são feitas por misturas moleculares em matérias que entram em bocas, pulmões e sangue, mas também são feitas por corpos humanos que canalizam poder e violência no ar. O tempo atmosférico não é incidental nem acidental; é um fenômeno intra-ativo, natural e cultural.¹⁴⁰ (NEIMANIS, 2020, tradução nossa)

¹³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/09/george-floyd-disse-mais-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-revela-transcricao.ghtml>. Acesso em: 13 de jan. 2023.

¹³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/jovem-de-25-anos-morre-na-porta-de-hospital-estadual-de-sp-apos-ter-atendimento-negado-por-falta-de-maca-para-pessoas-obesas.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2023.

¹³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/12/mae-se-revolta-com-lixo-dentro-de-caixao-do-filho-que-morreu-apos-ter-atendimento-negado-por-seis-hospitais-em-sp.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2023.

¹⁴⁰ “Here, racism and colonialism are understood not (only) as discursive constructs, but as material phenomena that imprint on bodies (like all weather). We are reminded that air quality is a question of environmental justice, and that the weaponization of air and breath targets certain populations differentially within settler capitalist white supremacies. (...) Anti-blackness as the total climate and other socio-atmospherics of power are made by molecular mixes in matters that enter mouths, lungs, and blood, but they are also made by human bodies that channel power and violence into the air. The weather is neither incidental, nor accidental; it is an intra-active, natural cultural phenomenon.” (NEIMANIS, 2020)

Conseqüentemente, nos interessa trazer para a discussão como a memória da baleia e seus processos de respiração, sobretudo a memória da *água e outros corpos*, in/diretamente se atravessam e moldam situações e relações entre si. Por exemplo, quando falamos sobre a respiração remetemos à vida terrestre e à superfície do mar/rio no caso dos mamíferos marinhos. Astrida Neimanis diz que a imaginação que temos sobre o tempo e o clima, normalmente, nos move para o solo, pois a narrativa sobre ele parte dos seres humanos. Ou seja, “o tempo [*weather*] é o que e como vivemos (de maneiras que compõem profundamente quem conta como ‘nós’), mas também onde vivemos”¹⁴¹ (NEIMANIS, 2020, tradução nossa). Porém, em seu texto, a teórica nos induz a mergulhar fundo (na água e nos estudos de Sharpe) ao indagar: “de que forma o oceano também é um ‘arquivo da falta de ar’? A meteorologia e seu poder socio-atmosférico se estendem além de nosso habitat imediato e afundam no mar?”¹⁴² (NEIMANIS, 2020, tradução nossa).

Neimanis nos provoca para pensarmos além do que já sabemos sobre as mudanças climáticas, inclusive apontando que é necessário um certo deslocamento de ponto de vista para que o oceano não pareça somente um aliviador de todo o calor, já que por uma perspectiva terrestre (e humana) a água “aparenta” ser “poupada”. Isso seria errôneo de se afirmar, pois o aquecimento das águas produz desequilíbrios notáveis, mesmo que para nós o oceano prefigure insondável e misterioso. Dessa forma, a teórica pontua que o clima debaixo d’água informa que

Esse cuidado e justiça devem reunir todos os corpos – não apenas os humanos, mas também a vida aquática mais do que humana. A justiça climática é radicalmente estendida a uma justiça multiespécie das profundezas, onde a própria vida das águas oceânicas está em jogo. (...) Lidar com as condições temporais debaixo d’água não pode ser a simples inflação de categorias, como tempo, clima ou justiça. Devemos permanecer em alerta para como as diferenças se transformam, se conectam e importam de maneira diferente.¹⁴³ (NEIMANIS, 2020, tradução nossa)

A água e os animais marinhos (dentre outros seres e organismos conhecidos e desconhecidos por nós) são mais do que “testemunhas”. Dessa maneira, se ponderarmos sobre o tráfico de pessoas africanas no atlântico, constataremos que os corpos negros adoecidos,

¹⁴¹ “Weather is what and how we live (in ways that profoundly make up who counts as one’s “we”), but also where we live.” (NEIMANIS, 2020)

¹⁴² “In what ways is the ocean also an ‘archive of breathlessness’? Does weathermaking and its socio-atmospherics of power extend beyond our immediate habitat and sink into the sea?” (NEIMANIS, 2020)

¹⁴³ “That care and justice must gather up all bodies—not only human ones, but more-than-human aquatic life, too. Climate justice is radically extended to a multispecies justice of the deep, where the life of ocean waters is itself at stake. (...) Grappling with the weather underwater cannot be the simple inflation of categories, such as weather, or climate, or justice. We must remain alert to how differences morph, connect, and come to matter, differently.” (NEIMANIS, 2020)

enfraquecidos, inúteis para a escravidão, eram descartados no oceano. Diante disso, Christina Sharpe nos estimula a pensar sobre a vida-morte dessas pessoas, principalmente em relação ao navio negreiro britânico Zong, onde cerca de 132 pessoas foram lançadas vivas no mar (O ESQUECIDO..., G1, 2021)¹⁴⁴. Ao perguntar para uma colega, Anne Gardulski, “O que aconteceu com os corpos? Com isso, quero dizer, o que aconteceu com os componentes de seus corpos na água salgada?”¹⁴⁵ (SHARPE, 2016, n. p., tradução nossa), Gardulski antecipa para Sharpe “que é muito provável que um corpo humano não chegue intacto ao fundo do mar”¹⁴⁶ (SHARPE, 2016, n. p., tradução nossa). Dessa forma, a colega de Sharpe descreve que

Os átomos daquelas pessoas, jogadas ao mar, estão lá no oceano até hoje. Eles foram comidos, os organismos os processaram e esses organismos, no que lhe concerne, foram comidos e processados, e o ciclo continua. Cerca de 90% a 95% dos tecidos das coisas, comidas na coluna de água são reciclados. (...) A quantidade de tempo que leva para uma substância entrar no oceano e depois sair do oceano é chamada de tempo de residência. O sangue humano é salgado e o sódio (...) tem um tempo de residência de 260 milhões de anos.¹⁴⁷ (SHARPE, 2016, n. p., tradução nossa)

Isto posto, parece ser importante incutir, junto ao que Gardulski informa, uma recente troca entre Christina Sharpe e Alexis Pauline Gumbs, publicada na revista “*The Funambulist*”, sob o título “*On Water, Salt, Whales, and The Black Atlantic*”¹⁴⁸ (2021). Gumbs declara:

Sei que os mamíferos marinhos presenciaram a captura transatlântica, contenção e sacrifício dos africanos. Acredito que houve/há formas de acompanhamento e comunicação acontecendo lá que ainda estou trabalhando. Opto acreditar que há mais parentesco ali do que a ameaça compartilhada de captura e uso para a reprodução do capitalismo. Acredito que existe uma forma de respirar pelas suaves coroas de nascimento de nossas cabeças e que os golfinhos e as baleias lembraram os cativos no fundo dos navios a usá-las. Acho que há algo sobre a respiração do chakra da coroa que foi importante para aqueles que sobreviveram. Em *Undrowned* escrevo sobre a intimidade das baleias-cinzentas no Atlântico, que se extinguiram logo após o período dos roubos transatlânticos, e como os ossos daqueles que não sobreviveram, jogados ou que saltaram, passaram a fazer parte do filtro sedimentar das baleias cinzentas na base de um ecossistema subaquático.¹⁴⁹ (SHARPE; GUMBS, 2021, tradução nossa)

¹⁴⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/13/o-esquecido-massacre-de-zong-quando-132-escravizados-foram-lancados-vivos-ao-mar.ghtml>. Acesso em: 13 de jan. 2023.

¹⁴⁵ “What happened to the bodies? By which I mean, what happened to the components of their bodies in salt water?” (SHARPE, 2016, n. p.)

¹⁴⁶ “It is most likely that a human body would not make it to the seafloor intact.” (SHARPE, 2016, n. p.)

¹⁴⁷ “The atoms of those people who were thrown overboard are out there in the ocean even today. They were eaten, organisms processed them, and those organisms were in turn eaten and processed, and the cycle continues. Around 90 to 95 percent of the tissues of things that are eaten in the water column get recycled. (...) The amount of time it takes for a substance to enter the ocean and then leave the ocean is called residence time. Human blood is salty, and sodium (...) has a residence time of 260 million years.” (SHARPE, 2016, n. p.)

¹⁴⁸ “Sobre a água, o sal, as baleias e o Atlântico Negro” (tradução nossa).

¹⁴⁹ “And I know that marine mammals witnessed the transatlantic capture, containment and sacrifice of Africans. I believe that there were/are forms of accompaniment and communication happening there that I am still working through. I choose to believe that there is more kinship there than the shared threat of capture and use for the reproduction of capitalism. I believe that there is a form of breathing out of the soft birth crowns of our heads that dolphins and whales reminded those captives in the bottom of ships to use. I think there is something about that

Sharpe responde a ela:

Quando você escreve aqui e em *Undrowned* sobre a “intimidade das baleias cinzentas do Atlântico” (...) é evidente que penso no tempo de residência. O que estava tentando refletir através do tempo de residência era como aquelas quedas de pessoas e as quedas de baleias estavam se tornando parte de um ecossistema subaquático que ainda nos acompanha. Conosco até hoje, conosco há muito tempo e com a nossa vida e nossa possível, até mesmo provável, extinção.¹⁵⁰ (SHARPE; GUMBS, 2021, tradução nossa)

Essas colocações de Anne Gardulski e Alexis Gumbs para Sharpe (e vice-versa), assim como as observações de Astrida Neimanis, trazem à tona o debate anterior sobre as propagandas da PETA e nos empurra para uma tentativa de síntese sobre a linha do tempo que insere e reduz as baleias na: a) caça indígena → caça comercial → proteção e b) monstros marinhos ↔ baleeiros heróis → humanos monstros ↔ baleias vítimas, como pontuado por Daniel Quiroz. Além disso, a discussão alinha-se com o que a pesquisadora Ayasha Guerin descreveu sobre o quanto parte da história das baleias está conectada com a vida-morte de povos sequestrados (negros/indígenas) e/ou que tiveram suas terras roubadas, como se a extinção/comercialização fosse uma parentalidade compartilhada¹⁵¹. Por outro lado,

À medida que desvendamos cuidadosamente como o tempo de anti-negritude – tanto histórico quanto atual – está sempre ligado ao colapso das relações humano-planetárias, devemos também recusar a equivalência de violências. Os dinoflagelados não são como um corpo negro. Analogias e equivalências são seu próprio tipo de violência, perpetuando a invisibilidade e a onipresença do tempo como anti-negritude. Devemos conectar esses sistemas climáticos em seus álibis comuns de força e poder, enquanto permanecemos atentos às escalas de matéria cujas medidas objetivas de analogia e comparação quantitativa também foram dissolvidas nas estranhas misturas materiais do mar.¹⁵² (NEIMANIS, 2020, tradução nossa)

Ou seja, ao nos depararmos com todas essas complexidades, devemos exercitar a possibilidade de abrir campos e perspectivas que não sejam somente correlacionadas e

crown chakra breathing that was important for those who survived. And in *Undrowned* I write about the intimacy of Atlantic Gray Whales who became extinct shortly after the era of the transatlantic theft complex and how the bones of those who did not survive, who were thrown or who jumped, became part of the sediment gray whales filter into the basis of an underwater ecosystem.” (SHARPE; GUMBS, 2021)

¹⁵⁰ “When you write here and in *Undrowned* about the “intimacy of Atlantic Gray Whales” (...) of course I think of residence time. And what I was trying to think through with residence time, about how those falls of people, and those falls of whales were each becoming part of that underwater ecosystem that is with us still. With us to this very day, with us long past our living and our possible, even probable, extinction.” (SHARPE; GUMBS, 2021)

¹⁵¹ Essas discussões estão inseridas no tópico “Viagem gordurosa”, na página 29.

¹⁵² “As we carefully unpick how the weather of anti-blackness—both historical and ongoing—is always tethered to the collapse of human-planetary relations, we must also refuse the equivalence of violences. Dinoflagellates are not like a black body. Analogies and equivalences are their own kind of violence, perpetuating the invisibility and pervasiveness of weather as anti-blackness. We must connect these weather systems in their common alibis of force and power, while remaining attentive to scales of mattering whose objective measures of analogy and quantitative comparison have also been dissolved in the strange material admixtures of the sea.” (NEIMANIS, 2020)

vinculadas por/pela violência. Algo que Gumbs, na conversa com Sharpe e em seu próprio livro, sopra como pista. Logo, imaginar radicalmente o corpo gordo através das baleias, não é necessariamente ignorar a brutalidade, mas, *apesar* dela, compor coreografias desmesuradas e fugitivas. A força dessa conjectura concerne a que a gordura é “uma substância material que facilita o inchaço dos corpos, substância que é em si ambígua na medida em que é capaz de ser um sólido ou um líquido. Assim, a gordura refere-se ao tecido adiposo, é claro, mas também ao óleo e graxa.” (FORTH; AIRES, 2021, p. 211). Dessa maneira, a hipótese aqui levantada se corporifica na forma \Leftrightarrow desforma escorregadia (difícil de ser flagrada) e na sua capacidade de ocasionar conflitos, imprecisões e inconformidade naqueles que simplificam, aniquilam e, tentam docilizar nossas existências.

À vista disso, o projeto civilizatório não prevê a chancela de “humanização” dos corpos gordos, pois, mesmo na tentativa de brandura, precisamente de controle, a gordura acaba escapando e informando a sua aparência ilegível. Consequentemente, mesmo que seja por algum tempo eliminada e conjurada no passado, como uma lembrança ruim, superada pela magreza e/ou pelo aspecto musculoso, a gordura, precisamente para o não-retorno, necessita ter gerenciamento intensivo, pois é matéria ludibriadora. No caso das baleias, poderíamos dizer que elas invertem essa “lógica” uma vez que, enquanto ancestral terrestre, tinham a estatura de um lobo. Isto posto, ao se deslocarem para a água, elas flexionam a gordura no *agora*. Inclusive, é por esse excesso e tamanho colossal que a cognição humana irá circunscrevê-las como monstruosas/bestiais e, seguidamente, encruzilhá-las na “responsabilidade de salvar” a humanidade da *crise climática*.

Dessa forma, tenta-se incorporar a docilidade ao corpo gigante do animal, como se essa submissão imposta as incluíssem em um gradiente otimista de “humano”. Porém, o temor ainda paira sobre os ânimos, mesmo na tentativa de enganar-se, visto que os “mamíferos marinhos são estranhos, ferozes, protetores uns dos outros, complexos, moldados pelo conflito”¹⁵³ (GUMBS, 2020, n. p., tradução nossa). Portanto, quando se enuncia “só a água sustenta o nosso peso”, sugere-se que essa “sustentação” seja compreendida além do gesto de deslocamento do corpo gorduroso¹⁵⁴ na água e se conecte com o retorno de ser mamífera, selvagem e aquática, mesmo habitando (por maior tempo) o ambiente terrestre.

¹⁵³ “Marine mammals are queer, fierce, protective of each other, complex, shaped by conflict.” (GUMBS, 2020, n. p.)

¹⁵⁴ O uso de “corpo gorduroso” provoca uma leitura ampliada da localização de gordura. Apesar de considerarmos, em primeira instância, a gordura abdominal, também podemos interpretá-la fora/em volta do corpo. Dessa forma, criam-se camadas de ambiguidade de que gordura estamos falando. Porém, independentemente da forma, todas provocam ojeriza de alguma maneira.

Essas conjecturas gordurosas, aquáticas e imaginativas manam da recusa, no que concerne a uma disputa por um lugar na categoria do humano, e rumam para *aquilo* que o projeto civilizatório nos fez *esquecer*. É por meio desse gesto implicado de desaprendizado, de não continuação, que as corpulentas especulações esgarçam, sucumbem e explodem o seu tempo ©. Os estudos sobre as baleias, de certo modo, assim como qualquer coisa que *vibra* e se *move*, independente da velocidade, são especulativos. E as gorduras de nossas barrigas também.

COMO ESCREVER UMA *COISA IMPOSSÍVEL DE SÍNTESE*?

Enquanto lia o livro “Poema de amor pós-colonial” (2022), da poeta indígena mojavé Natalie Diaz, recentemente traduzido no Brasil por Rubens Akira Kuana e editado pela Fósforo no Círculo de Poemas (Luna Parque), senti que muitos dos poemas confabulavam com aquilo que chegaria a ser a minha dissertação, tanto que o trecho de “A primeira água é o corpo” está na abertura desse trabalho e parte de “Peças do *Museu Americano da Água*” abre o último tópico, “Espiráculo”. Porém, para além dos poemas selvagens que Diaz grafa com intensidade, o que me fez compreender o porquê dessa obra ter ganhado o prêmio Pulitzer em 2021, o texto “Um rio é um labirinto é um sonho” do tradutor trouxe alguns vestígios sobre aquilo que tentei mediar em minha escrita. Kuana, em suas notas sobre a tradução dos poemas de Natalie Diaz, o que diz ser uma aposta, insere que “traduzir a violência colonial talvez seja mais fácil do que traduzir sonhos. Talvez porque, em nossos tempos, ‘violência’ seja uma palavra mais corrente do que ‘sonho’” (KUANA, 2022, p. 135-136).

Releio esse trecho mais de uma vez, respiro fundo e olho atentamente para essa dissertação, onde aquilo que é considerado “final” é mais escorregadio que a gordura em seu estado sólido e/ou líquido. O resultado é “quase incapturável”, mas, mesmo assim, atravessado pela violência e por algum tipo de encantamento, tenta sonhar, fabular, especular. O tradutor, com quem acabo sentindo algum tipo de proximidade estranha devido às palavras que tentam se equilibrar no papel, diz que se deixa afundar. Dessa forma, arrastado pela correnteza, Kuana, assim como Diaz, se torna água. E se “só a água sustenta o nosso peso”, como enunciado antecipadamente no título, é porque desejo escrever (e nos ver) para além da violência, mesmo que ela ainda nos chame mais atenção do que a coreografia gorda e untuosa existente nas baleias, nos autorretratos de Laura Aguilar, na própria água e, porque não, nas minhas palavras. Para tanto, novamente, recorro ao texto do tradutor, que insere mais algumas informações importantes, ao menos para mim. Talvez eu não queira me despedir das palavras dele, que pego emprestadas para essas considerações aquosas, impossíveis de síntese.

Não quero traduzir somente a violência do mundo. O título desse livro, *Poema de amor pós-colonial*, me puxa com a possibilidade de que podemos construir um mundo, de fato, pós-colonial. Isto é, um mundo onde o colonialismo será extinto de vez. Um mundo onde os corpos e saberes circularão livremente. Natalie não nos fala como será esse mundo. Mas ela nos fala que, apesar do mundo atual, ainda é possível amar. Sobre o amor, direi apenas uma coisa: o amor nos pede o cultivo do cuidado. (KUANA, 2022, p. 136)

Logo, lembro de Jota Mombaça em seu livro “Não vão nos matar agora” (2021), quando ela diz que “toda beleza e todo respiro que existem vieram a ser apesar do Brasil. Então

é para o apesar, para o terreno da força que contradiz toda brutalidade, que estas palavras fogem” (MOMBAÇA, 2021, p.17). E as minhas palavras de raiva canalizada estão tentando fugir daquilo que as mata constantemente, por isso chegar em alguma reflexão “final” é também tentar permanecer viva, pois é o modo como a gordura se enuncia no *presente*, mesmo que esse “*agora*” ainda queira, constantemente, nos aniquilar. Fugir para a beleza, ainda que pareça um desafio, principalmente para aquelas em que a beleza nunca foi opção. Porém, desafio-me a não esmorecer, e sim escorregar.

Digo isso mesmo que eu tenha sido frequentemente interrompida pela violência enquanto escrevia essa dissertação (e ainda estou sendo), seja porque em junho de 2021, enquanto rolava pela minha página do Twitter, me deparei com a publicação que a Universidade de Otago fez para divulgar uma pesquisa realizada por pesquisadores da Nova Zelândia e do Reino Unido, onde foi desenvolvido um dispositivo chamado *DentalSlim Diet Control* como possibilidade no combate da “obesidade mundial”. A ferramenta se resume em parafusos magnéticos instalados na boca da pessoa gorda, os quais são travados a ponto de estabelecer e restringi-la a uma alimentação líquida. Não é necessário muito esforço para lembrar-se da imagem da mulher escravizada Anastásia — recentemente atualizada pelo artista visual carioca Yhuri Cruz¹⁵⁵ — obrigada a usar uma máscara de ferro na boca, conhecida como Máscara de Flandres. Essa peça foi produzida para que os escravizados não ingerissem alimentos, bebidas, terra — conhecido como geofagia voluntária que propiciava o suicídio — ou qualquer coisa que pertencesse aos senhores brancos, inclusive as próprias palavras. A boca “simboliza a fala e a enunciação” (KILOMBA, 2019, p. 33), assim como a ingestão de alimentos que (em comunhão) proporciona, além da nutrição, as celebrações e as trocas com o mundo.

Ou também, como fui atravessada, pelos encontros de grupos de feminino sagrado (branco e de classe média), onde costuma-se dizer que o corpo gordo feminino é produto da mulher que esconde seu potencial através da gordura. Roxane Gay, no livro “FOME: Uma Autobiografia do (Meu) Corpo” (2017), exemplifica esse conceito popular citando um comercial dos “Vigilantes do Peso” com a Oprah, onde a ingestão de alimentos como o pão e todos os outros carboidratos são abominados. Gay descreve que toda vez que ela assistia esse comercial, onde Oprah dizia que a gordura corporal existia pelo medo da mulher demonstrar-

¹⁵⁵ Cruz diz que sua obra é um *retorno ao tempo*, uma forma que ele encontrou de *reverter o passado* e proporcionar a *liberação* da “mulher negra escravizada que veio do Congo no século XVIII e condenada à mordaça pelo resto da vida por lutar contra um homem branco que a violentou sexualmente.” (CRUZ, 2019). Anastácia foi transformada em uma espécie de *cativa canonizada*, por ser curandeira e devido a sua força. Porém sua imagem ficou aprisionada ao que Yhuri chama de *iconografia colonial*.

se verdadeiramente para o mundo, ou seja, magra, costumava pensar “*eu comi essa mulher magra e ela estava deliciosa, mas não me saciou*” (GAY, 2017, p. 122).

Porém, mesmo com todas essas questões – e muitas outras nas quais prefiro não me estender, mas que basta acessar qualquer rede social, revista, jornal, conversa ou morar na *América* para que as violências sejam disseminadas como uma chuva ácida – optei em insistir na prática de algumas reflexões que, conseqüentemente, não couberam amplamente nesse espaço rígido, quadrado e árido, o qual é a academia. Intui indagações que dilatassem a *existência* da gordura no espaço. Nesse caso, se na ficção de poder que estamos inseridas o corpo gordo é uma vida a ser aniquilada, como podemos reimaginar nossa *presença*? Se a gordura é ambígua, de compreensão e forma, conseguiríamos por meio dela moldar *futuros*?

Jota Mombaça diz que “a grande sacada da ficção especulativa é a de representar do futuro aquilo que está já em jogo no presente” (MOMBAÇA, 2021, p. 111). Ou seja,

Liberar o poder das ficções do domínio totalizante das ficções de poder é parte de um processo denso de rearticulação perante as violências sistêmicas, que requer um trabalho continuado de reimaginação do mundo e das formas de conhecê-lo, e implica também tornar-se capaz de conceber resistências e linhas de fuga que sigam deformando os modos de poder através do tempo. (MOMBAÇA, 2021, p. 67)

À vista disso, quando analiso os autorretratos de Laura Aguilar, me direciono a uma produção estética especulativa. É como se o trabalho de Aguilar habitasse *Nepantla*, de Gloria Anzaldúa. Nos encontramos com a sua gordura na espiral do *espaço-entre* e no parentesco das grandes pedras do Parque Nacional Joshua Tree (EUA). As paisagens criadas pela fotógrafa ultrapassam a linha que insere sua presença física e engordurada no passado, seja devido ao seu falecimento em 2018 ou pela própria gordura abdominal. Dessa forma, Aguilar perdura e planeia um cintilante panorama junto ao corpo das rochas. Em uma primeira olhadela, a artista desorienta a beleza; em seguida, demonstra-se impetuosa. Portanto, se nenhum humano abraça carinhosamente a Laura, mediante o asco e o medo do seu corpo, as rochas, a terra, as árvores, o céu – a envolvem (e vice-versa).

As baleias, por vez, quando são envolvidas pela terra, esmagam seus órgãos devido ao peso. É um abraço mortal, mas, que em alguns casos, abre para camadas de entendimento que vão além da vida-morte/aniquiação. É sobre o *entre* dessas duas *coisas*. É *presença*. Por isso, importa tudo o que é ocasionado pela sua visita, permanência ou desvio, por exemplo, a baleia-minke no Rio Tapajós. Alguns povos nativos do ártico acreditam que, quando uma baleia volta para a terra, é a *presença ancestral*. Dessa forma, ela volta para a “casa” com a intenção de saber se o cuidado com a terra e a água está sendo feito. Baleias são devolvidas ao mar ou

enterradas próximo ao local em que foram encontradas. Outras são dissecadas para estudos, seus ossos são expostos em museus, explodem ou viram alimentação, como o caso da jubarte de 39 toneladas que encalhou na Praia do Tubarão, no subúrbio de Salvador, e virou churrasco (SOARES, 2019). Na época, o ato dos moradores daquela região causou repulsa, espanto e preocupação por parte da vigilância sanitária, mas alimentar-se da carne de baleia é uma prática ancestral dos povos Makah e Inuit.

No livro “*Spirits of our whaling ancestors: Revitalizing Makah & Nuu-chah-nulth traditions*” (2010), Charlotte Coté explica que:

Na minha cultura, temos o entendimento de que todos nós existimos – humanos, animais, plantas, etc. – em um ambiente compartilhado no qual tudo é igual. Nossas culturas prosperaram em um mundo de reciprocidade entre nós e nosso ambiente. Nosso relacionamento com os animais sempre foi baseado no respeito e na gratidão, e há um senso de sacralidade ligado ao espírito do animal por doar a si mesmo para nos sustentar. (...) Estudos das nações baleeiras indígenas no Ártico demonstram como os alimentos tradicionais, especialmente as baleias, têm valor social, cultural, espiritual e psicológico. Como afirma o Inuit, “eu sou o que sou por causa do que como”. Um alto valor é dado às baleias porque elas são uma fonte de alimento saudável e contribuem com uma abundância de alimentos para a subsistência dos Inuit. No entanto, a pesca das baleias também mantém a solidariedade comunitária e coletiva por meio da caça coletiva, do processamento, distribuição e consumo de derivados da baleia pelos membros da comunidade. A caça às baleias está no centro da vida Inuit e “serve para ligar os Inuit de forma simbólica e espiritual à sua herança cultural”. O óleo de *mattak/muktuk*¹⁵⁶ e a carne não são consumidos apenas por seus benefícios nutricionais, mas também atendem necessidades emocionais e psicológicas.¹⁵⁷ (COTÉ, 2010, p. 164; 199, tradução nossa)

Quando Coté fala do seu povo Makah e dos Inuits¹⁵⁸, ela informa sobre cosmologias que, quando analisadas por uma perspectiva ocidental, logo, colonialista, provocam comentários/sensações parecidas com o encontro antropofágico em Salvador, por exemplo. Baleias não são pessoas, mas aqui caberia a alusão ao termo. O povo Makah foi extremamente impactado com a proibição da baleação que entrevistei em nas práticas coletivas de subsistência,

¹⁵⁶ Alimento tradicional feito com pele e gordura de baleia, normalmente consumido cru.

¹⁵⁷ “In my culture, we have an understanding that we all exist – humans, animals, plants, etc. – in a shared environment in which everything is equal. Our cultures thrived in a world of reciprocity between us and our environment. Our relationship with animals has always been one based on respect and gratitude, and there is a sense of sacredness attached to the spirit of the animal for giving itself to us sustenance. (...) Studies of the indigenous whaling nations in the Arctic demonstrate how traditional foods, especially whales, have social, cultural, spiritual, and psychological value. As stated by the Inuit, “I am what I am because of what I eat”. A high value is placed on whales because they are a healthy food source and contribute a large quantity of food for Inuit subsistence. However, whale hunts also maintain community solidarity and collective through communal hunting, processing, distributing, and consuming of whale products by the community members. Whaling is at the center of Inuit life and “serves to link Inuit symbolically and spiritually to their cultural heritage”. Not only are the oil of *mattak/muktuk* and meat consumed for their nutritional benefits, but they also satisfy emotional and psychological needs.” (COTÉ, 2010, p. 164; 199)

¹⁵⁸ Charlotte Coté traz bastantes informações sobre os Inuits, correlacionando suas práticas com o seu povo. Porém, também é recomendada a aproximação com a pesquisa “*Whale snow: Iñupiat, climate change, and multispecies resilience in Arctic Alaska*” (2020) da pesquisadora Chie Sakakibara.

espirituais e culturais. Os baleeiros Makah não simbolizam a mesma coisa que a baleação colonial. Por outro lado, a caça colonial, não é, em sua totalidade, apenas colonial, como vimos anteriormente. Consequentemente, “os grupos anti-baleiros testemunharam a morte da baleia através de uma lente cultural ocidental e, assim, ignoraram os elementos espirituais e sagrados ligados à tradição baleeira Makah e Nuu-chah-nulth”¹⁵⁹ (COTÉ, 2010, p. 164-165, tradução nossa).

Eu como e também sou comido por aquilo que ingiro. Dessa forma, rompemos com a parábola que agrega a hospedagem da figura humana na barriga da baleia, como, quase que exclusivamente, moral ou temerosa. A centralidade do humano, as políticas de alimentação (muitas vezes precárias) e as noções daquilo que é saudável ou não (o que é ser saudável em um mundo à beira da morte?), práticas comuns na indústria do emagrecimento, médico e de alguns planos políticos, são transtornadas. Coté, inclusive, diz que após a proibição da caça das baleias, revista depois de uma intensa luta, muitas pessoas do seu povo foram diagnosticadas com diabetes devido à alimentação industrializada e pouco nutritiva. Além disso, quando cita a PETA, a pesquisadora faz uma importante crítica, ao pontuar que

O modo de vida vegano é um estilo de vida que algumas pessoas em várias partes do mundo escolheram abraçar, mas em última análise é uma escolha pessoal. Nós, povos nativos, não queremos que as pessoas que escolheram viver dessa maneira nos imponham suas regras alimentares, pois isso é apenas mais uma forma de imperialismo cultural e hegemonia alimentar.¹⁶⁰ (COTÉ, 2010, p. 163, tradução nossa)

É interessante como Charlotte Coté é direta em sua colocação, algo que me vi mediando quando percebi que navegar pela gordura, nossa e da baleia, fundindo-as, não era somente tornar-se oposição ou flutuar pelos discursos rasos que as áreas da saúde e da estética nos impõe. Inclusive, nesse jogo macabro, a saúde tenta se opor à estética, mas caminha lado a lado. O médico diz “– *não é pela estética, é saúde*”. As academias ficam lotadas em janeiro, ao menos no Brasil, para que as pessoas eliminem o pecado da gula das festas do final do ano. O “corpo de verão” é um dos recorrentes desejos. A pessoa que irá treinar nesse ambiente não pode esquecer a *selfie* na frente do espelho, mas o *personal trainer*, que também fotografa os seus músculos e barriga tanquinho, dirá “– *não é pela estética, é saúde*”. Ironicamente, se algum

¹⁵⁹ “The anti-whaling groups saw the death of the whale through a Western cultural lens and thus ignored the spiritual and sacred elements attached to the makah and Nuu-chah-nulth whaling tradition.” (COTÉ, 2010, p. 164-165)

¹⁶⁰ “This vegan lifestyle is one that some people throughout the world have chosen to embrace, but it is ultimately a personal choice. We Native people do not want people who choose to live that way imposing their dietary rules on us, as this is just another form of cultural imperialism and food hegemony.” (COTÉ, 2010, p. 163)

estudo divulgasse que a carne/gordura da baleia emagrece e rejuvenesce, muitos desses discursos moralizantes se perderiam.

Existem maneiras corretas de ser gorda? Todas as pessoas gordas estão erradas por ficarem, serem e se manterem gordas? Não me interessa planar nessas dicotomias de “certo \leftrightarrow errado”, pois elas são extremamente limitantes. A gorda não tem que superar seu presente, pois as expectativas são em demasia daqueles que desejam eliminar a sua presença. Todavia, pesquisar sobre o corpo gorduroso e pesado é dar-se conta de que, mesmo que tentem simplificar e individualizar tal forma corporal, nada está separado. É junto e complexo. Investigar o corpo é, sobretudo, chegar no corpo da água, na terra, no céu, do animal, etc. Dessa forma, assim como a exploração das baleias não está separada da/s gente/s, nós também não estamos separadas das suas especulações marinhas *agora e futuras*.

Isso significa que, em maior ou menor grau, bem como as baleias jubarte da animação “Fantasia 2000” (EUA, 1999) que romperam os “limites” azuis entre o mar e o céu, nós, pessoas análogas às baleias, devemos seguir nossos instintos selvagens e transgredir ao inventar vida. Em “Fantasia 2000”, o baleal voa entre as nuvens e a aurora boreal, até encontrar uma espécie de “mar aéreo”. Baleias voadoras são comuns nas ficções científicas, mas, secretamente, ou não, as jubartes realmente podem movimentar as nadadeiras como se fossem pássaros¹⁶¹ (KUBOTA, 2017). Para tanto, o que move as especulações, logo, chamejantes imaginações em um mundo de aparentes *impossibilidades*, é o “*e se...*”. Longe de qualquer otimismo, pois, como colocado por abigail Campos Leal durante a oficina de “*eu era uma estrela - introdução à imaginação radical preta*”¹⁶² na Pivô Pesquisa (2021), o “pessimismo é uma estratégia de articulação e força vital”¹⁶³. O “*e se as baleias voassem*” é feitiço enunciado na opacidade, na desaparecimento das baleias em lugares de difícil acesso humano. Quem traz essa informação das jubartes voadoras para a superfície e as insere na linearidade são os pesquisadores da Universidade Stanford quando divulgam o registro. A transparência é intrínseca ao colonialismo. Porém, independente disso, as baleias não são completamente reveladas (continuam sendo um mistério). Talvez certas coisas elas realmente desejem que sejam relatadas, para, em seguida, mudarem a/s sua/s coreografia/s de vida.

¹⁶¹ O estudo que fundamenta novas especulações entre os biólogos foi realizado por pesquisadores da Universidade de Stanford e pode ser acessado através do link: <https://news.stanford.edu/2017/07/10/humpback-whales-flap-foreflippers/>

¹⁶² A oficina ministrada por abigail resultou em um post no blog da Pivô Pesquisa e pode ser acessado através do link: <https://www.pivo.org.br/blog/eu-era-uma-estrela/>

¹⁶³ Anotações minhas da fala da abigail.

E se as baleias tivessem realmente devorado... Tento visualizar uma imagem anterior a essa, onde as baleias devoram todos aqueles homens que as chamaram de monstruosas. Homens que deliravam em nome do Senhor, gritando “– América!” *E se...* Sinto que, assim como a nossa corpulência, que só a água sustenta, as baleias são corpos que antecederam as imposições de vergonha. Portanto, chegar ao *fim* nunca é exatamente sobre o *fim*. É sim a abertura de mais uma viagem espiralar ☺ onde a gordura é *horizonte*. *E se...*

Eu pudesse respirar um arco-íris, cresceria em sua direção. Iluminaria o que há entre nós, filtraria possibilidades nutritivas. Engoliria mundos de sim. Eu engoliria. Me abriria em confiança e transformação. É complexo, como não poderia ser, como estou relacionada a você, como você está relacionada a mim, como somos parentes. Mas aqui está, minha boca aberta, meu corpo inteiro respirando em cores. Aqui está, minha investida em sua direção, o discernimento de meus pulmões. Aí está você, seu arco-íris selvagem. Aqui vamos nós.¹⁶⁴ (GUMBS, 2020, n. p., tradução nossa)

¹⁶⁴ “I could breathe a rainbow, I would grow myself towards you. I would brighten what’s between us, filter nourishing possibilities. I would swallow worlds of yes. I would. I would open wide in trust and transformation. It is complex, how could it not be, how I am related to you, how you are relating to me, how we are relative across. But here it is, my open mouth, my whole body breath in color. Here it is, my lunge towards you, the discernment of my lungs. There you are, you wild rainbow. Here we go.” (GUMBS, 2020, n. p.)

REFERÊNCIAS

- A INCRÍVEL história do pescador que sobreviveu após ser 'engolido' e cuspidor por uma baleia. **BBC**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-57453660>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- ABRAHMS, Briana *et al.* Memory and resource tracking drive blue whale migrations. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 12, p. 5582-5587, fev. 2019. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.1819031116>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ANZALDÚA, Gloria Evangelina. **Luz en lo oscuro**. Tradução Valeria Kierbel e Violeta Benialgo. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Hekht Libros, 2021.
- AZEVEDO, Nina Vieira Portugal. **A taxonomia da baleação portuguesa entre os séculos XV e XVIII**: Uma história atlântica do mar, das baleias e das pessoas. 2020, 435 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020.
- BALEIA Jubarte é resgatada em Búzios. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/baleia-jubarte-e-resgatada-em-buzios-6101891.ghtml>. Acesso em: 12 de jan. 2023.
- BALEIA jubarte faz viagem de 5 mil km com a coluna quebrada e corre risco de morte. **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/um-so-planeta/noticia/2022/12/baleia-jubarte-faz-viagem-de-5-mil-km-com-a-coluna-quebrada-e-corre-risco-de-morte.ghtml>. Acesso em: 9 jan. 2023.
- BALEIA jubarte tem cauda arrancada; suspeita de envolvimento de pescadores de SC é investigada. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/05/25/baleia-jubarte-tem-cauda-arrancada-suspeita-de-envolvimento-de-pescadores-de-sc-e-investigada.ghtml>. Acesso em: 9 jan. 2023.
- BENNETT, Karin. 'Save the Whales' Controversy Inspires Chef. **PETA**, 2019. Disponível em: <https://www.peta.org/blog/save-whales-controversy-inspires-chef/>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BORGES, Rosane. Prefácio à edição brasileira: das perspectivas que inauguram novas visadas. *In*: HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019, p. 8-22.
- BRASIL, Kátia. Baleia é achada viva, encalhada em areia do rio Tapajós, no PA. **Folha de São Paulo**, 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200708.htm>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BRITISH LIBRARY. Blog: British Library, 2019. Whale of a time. Disponível em: <https://blogs.bl.uk/digitisedmanuscripts/2019/05/whale-of-a-time.html>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CÓDOBA, Lucrecia Masson. Epistemologia Ruminante. Tradução Sigrid Beatriz Varanis Ortega. **Lucía: Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121–129, mar. 2021.

CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolás. **Cuerpos sin patrones**: resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Madreselva, 2016.

COTÉ, Charlotte. **Spirits of our whaling ancestors**: Revitalizing Makah and Nuu-chah-nulth traditions. USA: University of Washington Press, 2017.

CRUZ, Yhuri. Monumento à voz de Anastácia, 2019. Disponível em: <https://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: Corpo, Violência e Poder, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, p. 1-7.

DIAS, Camila Baptista. **A pesca da baleia no Brasil colonial**: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16897>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DIAZ, Natalie. Poema de Amor Pós-Colonial. Tradução Rubens Akira Kuana. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.

DURÓN, Maximiliano. Laura Aguilar's Lasting Legacy: How the World Caught Up to the Pioneering Photographer. **ARTnews**, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.artnews.com/feature/laura-aguilar-who-is-she-1202684828/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

ESPECIALISTAS explicam como baleia foi parar no meio de manguezal no Pará. **Correio Brasiliense**, 2019. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/02/26/interna-brasil,739777/especialistas-explicam-como-baleia-foi-parar-em-manguezal-no-para.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FANON, Frantz. A Violência. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961, p. 30-91.

FORTH, Christopher E. Fat, desire and disgust in the colonial imagination. **History Workshop Journal**, n. 73, p. 211-239, 5 mar. 2012.

FORTH, Christopher E. **FAT**: A cultural history of the stuff of life. Londres: Reaktion Books, 2019.

FORTH, Christopher E.; AIRES, Aliana. Sentidos do corpo gordo e da gordura na cultura material: “além do visual, além do humano, e até mesmo além dos corpos”. **dObra [s]**: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 33, 2021, p. 207-218.

GAY, Roxane. **FOME**: Uma autobiografia do (meu) corpo. Tradução Alice Klesck. São Paulo: Globo, 2013.

GEORGE Floyd disse mais de 20 vezes que não conseguia respirar, revela transcrição. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/09/george-floyd-disse-mais-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-revela-transcricao.ghtml>. Acesso em: 13 de jan. 2023.

GOLDSTEIN, Katherine. PETA's New "Save The Whales" billboard takes aim at fat women. **Huffpost**, 2009. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/the-skinny-on-our-growing_b_269353. Acesso em: 10 jan. 2023.

GONZALEZ, Liz. Humpback whale almost swallows kayakers near Avila Beach. **FOX26NEWS**, 2020. Disponível em: <https://kmpn.com/news/local/kayakers-get-knocked-over-by-humpback-whales-at-avila-beach>. Acesso em: 11 jan. 2023.

GOSSETT, Che. 'Photography Makes Me Look Within': a Tribute to Laura Aguilar (1959-2018). **Frieze**, 02 mai. 2018. Disponível em: <https://www.frieze.com/article/photography-makes-me-look-within-tribute-laura-aguilar-1959-2018>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GUERIN, Ayasha. Shared routes of mammalian kinship: Race and migration in Long Island whaling diasporas. **Island Studies Journal**, v. 16, n. 1, p. 43-61, 2021. Disponível em: <https://islandstudiesjournal.org/files/ISJGuerinRaceWhalingLongIsland.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2023.

GUMBS, Alexis Pauline. **Undrowned**: Black feminist lessons from marine mammals. Califórnia: AK Press, 2020.

HARAWAY, Donna. SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far. **Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology**, n. 3, 2013. Disponível em: <https://adanewmedia.org/2013/11/issue3-haraway>. Acesso em: 1 mai. 2022.

HARRISON, Da' Shaun. **Belly of the Beast**: The Politics of Anti-Fatness as Anti-Blackness. Berkeley: North Atlantic Books, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 18 ago. 2021.

HOBSON, Melissa. Humpback whales can't swallow a human. Here's why. **National Geographic**, 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.co.uk/animals/2021/06/humpback-whales-cant-swallow-a-human-heres-why>. Acesso em: 11 jan. 2023.

INSTITUTO BALEIA JUBARTE. Projeto baleia jubarte, 2022a. Comportamentos da jubarte. Disponível em: <https://www.baleiajubarte.org.br/comportamentobaleiajubarte>. Acesso em: 9 de jan. 2023.

INSTITUTO BALEIA JUBARTE. Projeto baleia jubarte. Reprodução e alimentação, 2022b. Disponível em: <https://www.baleiajubarte.org.br/reproducaoalimentacao>. Acesso em: 13 de jan. 2023.

JOVEM de 25 anos morre na porta de hospital estadual de SP após ter atendimento negado por falta de maca para pessoas obesas. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/jovem-de-25-anos-morre-na-porta-de-hospital-estadual-de-sp-apos-ter-atendimento-negado-por-falta-de-maca-para-pessoas-obesas.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2023.

KILOMBA, Grada. A Máscara. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 33-46.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUANA, Rubes Akira. Um rio é um labirinto é um sonho: notas do tradutor. In: DIAZ, Natalie. **Poema de Amor Pós Colonial**. Tradução Rubens Akira Kuana. São Paulo: Círculo de poemas, 2022, p.134-158.

KUBOTA, Taylor. Stanford researchers observe unexpected flipper flapping in humpback whales. **Stanford News**, 2017. Disponível em: <https://news.stanford.edu/2017/07/10/humpback-whales-flap-foreflippers/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

LAWRENCE, Joey L. Travel Stories: Bodi Me'en kael ceremony, Ethiopia. Joey L, 2021. Disponível em: <https://www.joeyl.com/blog/all/post/bodi-tribe-ethiopia>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LEAL, abigail Campos. trans/bordando: transgeneridades atravessadas pela gordura. In: LEAL, Abigail Campos. **ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC Edições, 2021, p. 75-104.

LEHAMN, Eric. The Warner Brothers and their Amazing Corsets. **Bridgeport History Center**, s.d. Disponível em: <https://bportlibrary.org/hc/bridgeport-at-work/the-warner-brothers-and-their-amazing-corsets/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. **A Mulher Delinquente**. Joinville: Clube de Autores, 2022.

MÃE se revolta com lixo dentro de caixão do filho que morreu após ter atendimento negado por seis hospitais em SP. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/12/mae-se-revolta-com-lixo-dentro-de-caixao-do-filho-que-morreu-apos-ter-atendimento-negado-por-seis-hospitais-em-sp.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MCBRAYER, Mary Kay. Men Wore Corsets, History Says. **Messy Nussy**, 9 mai. 2021. Disponível em: <https://www.messynussy.com/2021/03/09/men-wore-corsets-history-says/>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

MIRANDA, Adriana Vieira de, *et al.* **Guia de Ilustrado de Identificação de Cetáceos e Sirênios do Brasil**. 2. ed. ICMBio/CMA: Brasília, 2020.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTTER, Julianna Paz Japiassu. **Produzir a si mesmo**: desontologização e responsabilidade nos diálogos éticos (im) possíveis entre Judith Butler e Donna Haraway. 2021. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MULL, Amanda. Body Positivity Is a Scam: How a movement intended to lift up women really just limits their acceptable emotions. Again. **Vox**, 5 jun. 2018. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/6/5/17236212/body-positivity-scam-dove-campaign-ads>. Acesso em: 15 de dezembro 2021.

NEIMANIS, Astrida. The Sea and the Breathing. **E-Flux**, 2020. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/oceans/331869/the-sea-and-the-breathing/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

NEWKIRK, Ingrid. The Skinny on our Growing Girth. **Huffpost**, 2009. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/the-skinny-on-our-growing_b_269353. Acesso em: 10 jan. 2023.

O ESQUECIDO Massacre de Zong, quando 132 escravizados foram lançados vivos ao mar. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/13/o-esquecido-massacre-de-zong-quando-132-escravizados-foram-lancados-vivos-ao-mar.ghtml>. Acesso em: 13 de jan. 2023.

O'NEILL-BUTLER, Lauren. Laura Aguilar. **Artforum**, jun. 2021. Disponível em <https://www.artforum.com/print/reviews/202106/laura-aguilar-85796>. Acesso em: 15 abril 2022.

PATERNIANI, Stella Zagatto; BELISÁRIO, Gustavo; NAKEL, Laura. O humanismo radical de Sylvia Wynter: uma apresentação. **Mana**, v. 28, n. 3, 2022, p. 1-28.

PETA. People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), 2023. About PETA: Our Mission Statement. Disponível em: <https://www.peta.org/about-peta/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PHOTOGRAPHERS in Focus: Laura Aguilar. **NOWNESS**, 2018, 1 vídeo (3'52"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNhxutQazJI>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PYPER, Nat. A perspective from the cracks. **Drawstring Magazine**, n. 12, 2021. Disponível em: <https://www.drawstringmag.com/issue12/from-the-cracks>. Acesso em: 01 mai. 2022.

QUIROZ, Daniel. Sobre monstruos y mercancías: El “espectáculo” de las ballenas en la segunda mitad del siglo XIX en el Sur de Chile. **Chungará (Arica)**, v. 52, n. 1, 2020, p. 113-131.

RAMIREZ, Rachel. Whales can have an important but overlooked role in tackling the climate crisis, researchers say. **CNN**, 2022. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2022/12/15/world/whales-carbon-sinks-climate-change-scn/index.html>. Acesso em: 9 jan. 2023.

RODRIGUES, Luis C. White normativity, animal advocacy and PETA's campaigns. **Ethnicities**, v. 20, n. 1, p. 71-92, fev. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1468796819873101>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SANTOS, Marcos César de Oliveira. **Orca é baleia ou golfinho?** as perguntas mais comuns sobre os cetáceos finalmente respondidas. Ilustração Leandro Inoe Coelho. Ubatuba, SP: Entremarés; São Paulo: LABCMA, 2022.

SHAKHNAZAROVA, Nika. Sinking Feeling: Terrifying moment diver is nearly swallowed by WHALE after sea beast scooped him up in mouth along with fish. **The Sun**, 2019. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/8594720/diver-nearly-swallowed-by-whale-south-africa/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SHARPE, Christina. The Ship: The Trans*Atlantic. *In: In the wake: On blackness and being*. [S. l.]: Duke University Press, 2016.

SHARPE, Christina; GUMBS, Alexis Pauline. On Water, Salt, Whales and the Black Atlantics. **The Funambulist**, 2021. Disponível em: <https://thefunambulist.net/magazine/the-ocean/on-water-salt-whales-and-the-black-atlantics>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SOARES, Dalton. Vídeo mostra moradores fazendo churrasco com carne de baleia que morreu ao encalhar em praia na BA; animal tinha 39 toneladas. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/09/03/video-mostra-moradores-fazendo-churrasco-com-carne-de-baleia-que-morreu-ao-encalhar-em-praia-na-ba-animal-tinha-39-toneladas.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2023.

STRINGS, Sabrina. **Fearing the black body: the racial origins of fat phobia**. Nova York: New York University Press, 2019.

THAR SHE BLOWS! Dead whale explodes. **NBC News**, 29 jan. 2004. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna4096586>. Acesso em: 20 de jun. 2022.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Corset. **Met Museum**, 2002. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/82434#:~:text=Corset%20late%201760s&text=Stays%20were%20made%20from%20baleen,without%20any%20loss%20of%20strengt>. Acesso em: 15 jun. 2022.

THOMAS, Peter. Rare sighting of whale without tail in Southern California. **CBS News**, 2015. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/sanfrancisco/news/whale-tail-missing-fluke-san-diego-california/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

URBÁN, Jorge *et al.* Gray whales with loss of flukes adapt and survive. **Marine Mammal Science**, v. 20, n. 2, p. 335-338, ago. 2004.

VIGARELLO, Georges. **As Metamorfoses do gordo: história da obesidade**. Tradução Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIREY, Julien-Joseph. Natural history of the negro species particularly. *In: Natural history of the negro race*. D.J. Dowling: Charleston, 1837, p. 19-39.

WEBB, J. F. *et al.* The Voyage of St. Brendan. *In: The Age of Bede: Revised Edition*. [S. l.]: Penguin Classics, 1998.

WILLIS, Deborah. Introduction: The Notion of Venus. *In: WILLIS, Deborah (ed.). Black Venus 2010: They called her "Hottentot"*. Filadélfia: Temple University Press, 2010, p. 3-11.

YONG, Ed. Is the World's Largest Animal Too Reliant on the Past?. *The Atlantic*, 2019. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/science/archive/2019/02/blue-whale-migrations-depend-on-memories/583543/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ZAPATA, Claudia. Laura Aguilar Photographs in Focus: *Latina Lesbians*. *American Art*, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://americanart.si.edu/blog/laura-aguilar-photographs-latina-lesbians>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ZUKER, Fábio. Vida e morte de uma baleia-minke no Rio Tapajós. *Amazônia Real*, 2017. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/vida-e-morte-de-uma-baleia-minke-no-rio-tapajos/>. Acesso em: 12 jan. 2023.